



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA – PÓS-LIT

THAINÁ CRISTINE DE CARVALHO

**A VOZ DOS JOVENS ESCRITORES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE
LEITORES**

BRASÍLIA-DF
JANEIRO DE 2023

THAINÁ CRISTINE DE CARVALHO

**A VOZ DOS JOVENS ESCRITORES E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE
LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome.

BRASÍLIA-DF
JANEIRO DE 2023

THAINÁ CRISTINE DE CARVALHO

A voz dos jovens escritores e seu papel na formação de leitores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Trindade Nakagome
Presidente – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Anderson Luis Nunes da Mata
Membro interno – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Gabriela Rodella de Oliveira
Membro externo – Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Fabiana Aparecida de Melo Oliveira
Membro suplente – Unifesp

Brasília

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Rosângela, por ter feito o possível e o impossível para que eu tivesse tudo o que precisasse e, também, para que eu me tornasse uma pessoa apaixonada por histórias e uma leitora empolgada em busca delas. Agradeço ao meu irmão, Thiago, pelo constante afeto e incentivo, e por acreditar piamente que eu tivesse um potencial que eu mesma levei muito tempo para enxergar. Ao meu pai, Marcelo, por me lembrar da importância dos estudos e de seguir em frente, “devagar e sempre”. À minha família, em geral, por reconhecer meus esforços e demonstrar se orgulhar da minha trajetória junto comigo.

Agradeço à minha amiga, Mariana, por ser uma rocha e uma base desde o começo deste processo. Eu, que não paro de falar, fico sem palavras para lhe agradecer por tanto, Mari. À Ana Clara, minha amiga-achado do grupo Sentidos da Leitura, obrigada por todas as trocas e afagos. À Camilla, meu modelo e inspiração, pela força e simplicidade nos acolhimentos. Às minhas amigas Jacqueline, Daniella e Juliana, pelo ombro amigo e apoio constantes, principalmente durante a pandemia. À Tarê e ao Oto, que chegaram aos 45 do segundo tempo e salvaram minha pele!

Agradeço ao meu professor de literatura do terceiro ano do ensino médio, Fabrício, que, por ser tão apaixonado pelo que fazia, contagiou-me e me inspirou a fazer letras. Ao Prof. Dr. Anderson Luís Nunes da Mata, por seguir sendo inspiração no GELBC e no acompanhamento irretocável na orientação da minha monografia, fazendo-me despertar para o que me era realmente tocante na literatura: a leitura e os seus caminhos. Agradeço a ele também pela generosidade e disponibilidade em compor esta banca e pelos valiosos apontamentos, bem como à Prof. Dra. Gabriela Rodella de Oliveira, cujo trabalho e observações me inspiraram em termos teóricos e práticos.

Agradeço à Prof. Dra. Patrícia Trindade Nakagome que, ao me orientar na dissertação, fez muito mais do que isso: com sua paciência e gentileza inigualáveis, levou-me, através dos conteúdos e demandas da pesquisa, para dentro de mim mesma e, sem saber, encorajou-me a lidar com processos emocionais que me emperravam há anos. Para além da incrível profissional, ela é um ser humano diferenciado e minha gratidão é imensa por ter cruzado seu caminho.

Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio na realização do presente trabalho.

RESUMO

Este trabalho busca compreender o papel dos jovens escritores na formação de jovens leitores, o lugar deles no campo literário, as ações nas redes sociais e inserção no universo jovem. Tem-se como foco analítico a trajetória de uma autora específica, Lavínia Rocha, e a sua atuação no contexto escolar, com influência direta neste nicho. Apresenta-se um panorama de jovens autores, com apontamentos sobre aqueles consagrados que começaram a escrever ainda jovens, a história de alguns autores contemporâneos, suas motivações, espaços e trabalho junto ao público leitor. O estudo de caso da escritora Lavínia Rocha traz uma biografia e a sua inserção na cena atual de escritores, a exposição e análise de suas obras e o trabalho de campo de entrevistá-la em duas ocasiões, além de uma análise dos dados coletados. Por fim, discute-se a juventude e o seu lugar no mundo, sua relação com a leitura e o cânone, conhecendo sua voz e pensando nos aspectos positivos para além das dificuldades. A pesquisa então destaca a relevância da voz desses jovens, uma voz que nem sempre é ajustada ao padrão da literatura na escola, mas que pode ter um papel significativo na formação de jovens leitores.

Palavras-chave: jovens escritores; leitura; formação de leitores; Lavínia Rocha.

ABSTRACT

This work seeks to understand the role of young writers in the formation of young readers, their place in the literary field, actions in social networks and insertion into the young universe. The analytical focus is the trajectory of a specific author, Lavínia Rocha, and her role in an educational context, with direct influence in this niche. An overview of young authors is presented, with notes on notable authors who started writing at a young age, the history of some contemporary authors, their motivations, spaces and work with the reading public. The case study of the writer Lavínia Rocha brings a biography and her emergence in the current scene of writers, an exposition and analysis of her works and the fieldwork of interviewing her on two occasions, in addition to an analysis of the collected data. Finally, youngsters and their place in the world are discussed, their relationship with reading and the canon, knowing their voice and thinking about the positive aspects beyond difficulties. The paper then highlights the relevance of the voice of these young people, a voice that is not always accommodating to the standard of literature at school, but which can have a significant role in the formation of young readers.

Keywords: young writers; reading; readers' formation; Lavínia Rocha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. JOVENS AUTORES E O LUGAR NO CAMPO LITERÁRIO	14
1.1. JOVENS AUTORES: UMA APRESENTAÇÃO	14
Escritores consagrados que começaram jovens	14
Alguns jovens escritores da atualidade	18
1.2. TEMÁTICAS DOS LIVROS E AS DIFERENTES ABORDAGENS	25
REPRESENTATIVIDADE E FANTASIA	25
Representatividade	25
Fantasia	29
DIÁRIO E REDES SOCIAIS	33
O diário	33
Redes Sociais	35
CAPÍTULO 2. O ESTUDO DE CASO DE LAVÍNIA ROCHA	46
2.1. SOBRE A AUTORA E SUAS OBRAS	47
Breve Biografia e apresentação das obras	47
2.2. O CONTATO COM SUAS HISTÓRIAS	52
UM AMOR EM BARCELONA	52
DE OLHOS FECHADOS	57
A TRILOGIA ENTRE 3 MUNDOS	60
O MISTÉRIO DA SALA SECRETA	62
2.3. CÍRCULOS LITERÁRIOS, PALESTRAS E ENTREVISTAS	64
CÍRCULO VIRTUAL LITERÁRIO	64
ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM LAVÍNIA	69
CAPÍTULO 3. A JUVENTUDE E O SEU LUGAR DE FALA	74
3.1. OS JOVENS E A LEITURA	75
3.2. OS JOVENS E O CÂNONE	81
3.3. OS JOVENS E A VOZ	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

O que te fez ler? Essa é uma pergunta que eu sempre gostei de fazer em conversas com qualquer pessoa, pois sentia que, dentro da sua resposta, havia uma nova história que eu gostaria de conhecer a respeito do meu interlocutor. Ao saber que meu enunciador também gosta de ler, automaticamente um elo se cria entre nós, e essa aproximação vai tomando forma, como em uma narrativa escrita. Quando descobrimos leituras em comum, é como se descobríssemos amigos em comum, e um universo se abre para partilharmos nossas impressões e paixões despertadas por meio daquelas obras.

Acredito ser importante, antes de iniciarmos este trabalho, que eu responda à pergunta que adoro fazer. Acho relevante que você, que está me lendo por qualquer que seja o motivo, saiba o que me fez ler. Ou talvez eu possa chamá-la de “quem”. Foi a querida e aclamada Turma da Mônica, formada por personagens de gibis criados por Mauricio de Sousa no final dos anos 50. Na minha infância, nos anos 90, ela estava no auge da fama entre as crianças de classe média, e minha mãe fez uma assinatura mensal das revistas. É assim que eu me lembro de iniciar minha jornada como leitora assídua, e acredito que muitas pessoas da minha idade tenham trilhado esse mesmo caminho com a Turminha.

Aos nove anos, precisei me mudar para o interior, para a cidade dos meus pais, lugar em que nasci. Ao chegar em uma nova escola, sentia muito a falta dos meus amigos de Brasília, dos amigos do prédio, da escola antiga. Lembro-me de, nessa época, tornar-me ainda mais apegada aos meus gibis. É como se eles estivessem substituindo os meus amigos, eu me sentia parte daquela turminha do bairro do Limoeiro, eles me faziam companhia, faziam-me rir e querer pesquisar expressões novas que apareciam. Até que um dia, depois de fazer amizade com uma nova coleguinha, eu descobri que ela também recebia os gibis mensalmente em casa, e tinha uma coleção considerável. Passamos a trocar os gibis, conversar sobre as histórias mais divertidas, e recebi um convite para ir até a casa dela e conhecer a coleção.

As minhas memórias de infância são mais doces porque eu tinha mais essa Turma para me apoiar. Nasce daí o meu interesse pelos processos de formação de leitores, de um sonho em que todos tenham a oportunidade de entrar em contato com a leitura em um contexto prazeroso e que faça sentido para eles. Para tanto,

adentrar em universos literários que não sejam os canônicos me parece um caminho possível (não o único, nem necessariamente o melhor) para atingir um número maior de pessoas. Nesse sentido, a aposta é de que o contato com escritores jovens contemporâneos possa ser uma rota interessante para proporcionar novas histórias de leituras, estimuladas pelo que os os fez ler e também no escrever. Em tempos em que tanto se fala sobre identificação e representatividade, qual seria o papel de jovens falando a outros jovens sobre seu interesse pelos livros?

A leitura e a formação de leitores e de escritores é objeto de estudo de inúmeras frentes, tais como a pedagógica, a sociológica, a antropológica e a literária. Para se chegar a uma definição de leitor, leva-se em consideração um pressuposto básico: a habilidade de ler, adquirida com a compreensão do código e desenvolvida por meio da prática com textos de diferentes graus de complexidade. Mas a aquisição da competência de decifrar o código escrito, geralmente iniciada na educação básica e continuada ao longo da vida escolar, não garante a inserção no universo de leitores, nem tampouco se deve admitir uma única categoria de leitor possível; aquele que escuta uma história também pode ser considerado um leitor.

Observa-se que os escritores foram primeiramente leitores, tendo em vista que anteriormente ao aprendizado da escrita vem o da leitura, na maioria dos métodos; a tendência é de que somente após um pleno desenvolvimento do gosto pela leitura – e contando com elementos como vontade, imaginação e criatividade –, começa a formação de um escritor. Entretanto, nem todo leitor entusiasta é escritor, ou seja, existem fatores a mais para determinar que um leitor se torne também um escritor. Analisando o contexto literário contemporâneo, percebe-se o surgimento de uma nova geração de escritores, sendo esta caracterizada por escritores jovens, tendo iniciado seu gosto pela escrita ainda na infância/adolescência.

O meu contato com esses jovens escritores se deu em um ambiente propício – III Bienal do Livro e da Leitura de Brasília, no ano de 2016. Ao adentrar em um estande, da Editora D'Plácido, deparei-me com livros de capas atraentes e coloridas, títulos instigantes e a ilustre presença das autoras. Tive a oportunidade de conversar com tais autoras, sendo elas: Bibi Ribeiro, Mariana Cestari, Adelina Barbosa, Fernanda Medeiros e Lavínia Rocha. À época, elas tinham entre 17 e 24 anos. Mas o que me permitiu adquirir tantas obras de uma só vez foi o preço: cada uma delas custou apenas R\$ 20,00 naquela ocasião, como costuma acontecer em

grandes eventos literários – as editoras geralmente conseguem baixar os preços das obras por causa das vendas em larga escala.

Movida por uma grande curiosidade, tendo em vista que nunca havia tido contato com livros *infanto juvenis* escritos por jovens –, iniciei uma jornada de leitura dos livros que comprei, com aquele mesmo sentimento vivenciado na infância quando os gibis chegavam pelo correio. Transporte-me para a minha antiga sexta série, quando me lembro de já ler livros “mais grossos” (acredito que considerava um livro mais grosso qualquer um que passasse das cem páginas), e ao mesmo tempo, fase na qual eu me percebi um ser humano impressionável – eu tive tanto medo ao descobrir a próxima leitura que faríamos, o livro *Na Mira do Vampiro* (1998), de Lopes dos Santos, que pedi à minha tia para ir conversar com a professora e negociar uma tarefa alternativa.

Sendo assim, ao iniciar a leitura do livro *Era uma vez: A busca* (2016), da Bibi Ribeiro, percebi que o impacto que a leitura causava em minha vida quando era criança estava retornando; aquela ansiedade de precisar saber o que acontece e, principalmente, como termina uma história esteve presente a todo momento diante da releitura moderna dos contos de fadas, com uma protagonista cuja missão é ser PPP – Procuradora de Princesas Perdidas. Essas princesas não são perfeitas, elas estão no mundo real e tem problemas como as pessoas reais. O livro possui uma escrita dinâmica, capítulos curtos e a interessante temática de humanizar personagens que fazem parte do imaginário coletivo como intocáveis.

O próximo livro da pilha, *Nas estrelas* (2016), de Mariana Cestari, tem sua protagonista Mabel Grace, uma jovem de 16 anos inteligentíssima e de grande potencial acadêmico que sofre de depressão. Mariana descreve com bastante cuidado e realismo a doença, que não impede Mabel de descobrir o primeiro amor por seu “rival” nas olimpíadas acadêmicas. A obra, desde seu título, pareceu trazer referências ao *best seller A culpa é das estrelas* (2012), de John Green, sendo uma ferramenta muito utilizada por estes jovens escritores, principalmente no formato de escrita a partir de *fanfics* – histórias escritas por fãs de determinados livros, séries ou sagas, utilizando os mesmo personagens, porém mudando o enredo e/ou outros elementos.

Entrar em contato com *fanfics* me fez buscar compreender melhor o seu funcionamento, por me enquadrar na categoria de fã de diversos produtos midiáticos e, ainda assim, não estar familiarizada com este formato de escrita. De acordo com Vargas (2005), os fãs possuem uma necessidade de estender a

relação deles com o universo ficcional – querem ir além do conteúdo de um episódio semanal de uma série, por exemplo. Ela explica que “o termo resulta, portanto, da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original.” (VARGAS, 2005, p. 21). Faz parte da cultura jovem manter relações estreitas com as obras: o leitor passa por sentimento de vazio ao fim de um livro, ele pode discordar de alguns pontos e desejar que o rumo da narração fosse diferente, e essa vivência abre caminho para a criação de novas tramas, contando com um cenário já existente, tendo na internet um ambiente propício à propagação de novas histórias.

Para apresentar exemplos reais de escritoras advindas desta “escola” de escrita, cito as autoras dos próximos livros de minha lista, Adelina Barbosa e Fernanda Medeiros. Elas moravam em estados diferentes e se conheceram pela internet, em sites de *fanfics*, espaços dedicados à construção e difusão destas histórias. Elas se uniram para escrever os livros *Triângulo de Quatro Lados* e sua sequência *Trevo de Quatro Folhas*. A saga de Sara Alcântara, protagonista de 17 anos, é desenvolvida através de múltiplas vozes, como na saga do escritor George R. R. Martin, *Game of Thrones* – bastante conhecida atualmente. Além disso, as obras contam com pequenas ilustrações e trechos de canções que embalam os dramas das personagens.

Destes livros, despontam muitas características em comum: as protagonistas são jovens mulheres, no final da adolescência – uma fase conturbada e de grandes desafios e descobertas, inclusive sobre o amor. A escrita é fluida, repleta de diálogos, facilitando a leitura rápida e utilizando-se de artifícios para prender a atenção do leitor, como mistérios, suspense entre os capítulos e um final feliz esperado, como nos *best sellers*. Eles poderiam se encaixar na literatura infantojuvenil que costuma ser difundida na escola, no destrinchamento das aulas de português em interpretação de texto.

Além destas características, os livros da Lavínia Rocha, autora a que dedicamos maior atenção em nossa dissertação, tem um “bônus”: em *De olhos fechados*, a protagonista é cega, e na saga *Entre Três Mundos* ela é negra, assim como a autora. A representatividade é latente nos enredos; tanto por parte dos escritores, que tem essa idade e perfil, quanto do público-alvo, que seriam esses leitores em fase escolar; quantos deles são pessoas com deficiência ou quantos

seriam negros e pouco tinham se visto representados em alguma trama infantojuvenil, ou trama alguma?

O saldo desta Bienal foi de 8 livros de 5 autoras diferentes publicados por uma editora originalmente voltada para a publicação de livros jurídicos e que, àquela época, visualizava nessas obras um nicho promissor. Conhecer pessoalmente a maior parte dessas jovens escritoras e ter oportunidade de ler cada uma delas desperta o desejo de entender de que maneira o trabalho destas autoras poderia reavivar uma chama na relação dos jovens com a leitura e a literatura. O fato de abordarem temáticas que lhe são caras e formatos e interações com as quais a escola e a academia parecem estar se engajando – como a importância da representatividade, por exemplo – demonstra que estas autoras atingem o seu público e realizam um trabalho efetivo.

Já no ano de 2021, descubro, através de um contato com a autora Lavínia Rocha, que existe um movimento nas redes sociais produzindo material de entretenimento para amantes da leitura, cujo acesso se dá a partir do momento em que se “segue” a *hashtag #bookstagram* no *Instagram*, rede com a qual estou mais familiarizada. As postagens contêm capas de livros recentes, breves sinopses, desenhos, fotos de estantes, dentre outros materiais. No cotidiano, vou acompanhando as postagens e reagindo à elas, e fiquei surpresa ao ser adicionada por um moça, que eu descubro ser também uma jovem escritora. Mariana Negreiros é brasileira, tem 20 anos, 4 livros publicados, e um *Instagram* repleto de publicações sobre livros, literatura e o processo de escrita.

Esta dissertação visa analisar o universo dessas jovens escritoras e de outros jovens escritores, buscando entender qual lugar eles ocupam no incentivo de adolescentes à leitura. A partir do estudo de caso da escritora Lavínia Rocha que, com os seus seis livros, já visitou mais de 100 escolas com palestras divulgando suas obras – sendo as obras adotadas por professores de português em mais de 30 delas – tem-se o intuito de compreender de forma mais aprofundada os efeitos de sua atuação no contexto escolar, pensando na importância da formação de jovens leitores.

Sendo assim, evidencia-se o seguinte questionamento: como os jovens escritores podem ter um papel positivo na formação de jovens leitores? É possível refletir, por exemplo, sobre a linguagem de que os livros destes jovens autores dispõem, se ela é realmente mais acessível, mais condizente com o avanço que a tecnologia, a internet e o excesso e velocidade de informações impinge às crianças

e aos jovens; se eles se sentem mais representados, tendo em vista que o autor jovem estaria a par de seus interesses, causas e sentimentos.

Os procedimentos metodológicos de pesquisa irão compreender, de forma combinada, diferentes técnicas: levantamento bibliográfico direcionado a conhecimentos sobre jovens autores e sua contribuição na formação de jovens leitores; análise de entrevistas já realizadas com jovens autores em diversos formatos – por exemplo: redes sociais, *lives*, *sites* e *blogs*; entrevistas semiestruturadas e análise de textos literários. Optou-se pelo estudo de caso da trajetória da Lavínia Rocha, compreendendo enquanto uma estratégia de pesquisa abrangente e flexível que permitirá a análise da sua forma de atuação enquanto escritora ativa na formação de jovens leitores, acompanhando-a, ainda que virtualmente, na visita às escolas e nas palestras que ministra – quando seus livros podem ser adotados em aulas de literatura e/ou ficam disponíveis nas bibliotecas das instituições.

O trabalho será estruturado em três capítulos, sendo o primeiro a respeito de escritores consagrados que começaram jovens, para exemplificar que grandes nomes também iniciaram com pouca idade, ampliando o espaço para que jovens autores na atualidade também possam crescer, além de valorizar suas motivações e o trabalho que já realizam, cujo alcance e a influência na formação de leitores acontece de modo diferente do tradicional escolar. O segundo capítulo vai tratar do estudo de caso da escritora Lavínia Rocha, com uma pequena biografia e sua inserção na cena contemporânea de escritoras, a apresentação e breve análise de suas obras e o trabalho de campo de acompanhá-la virtualmente e realizar uma análise dos dados coletados, ou seja, na prática, o impacto que uma autora jovem com um trabalho sólido consegue ter. O terceiro capítulo abordará a implicação da literatura na vida dos jovens, trará questionamentos sobre o cânone e o que está fora dele e a forma inefetiva como os jovens estão sendo introduzidos à teoria literária antes mesmo do contato com o texto em si, tendo em vista que os jovens possuem uma voz que necessita ser ouvida e conquistar um espaço na representatividade. Alguns autores, como Michèle Petit, Márcia Abreu e Tzvetan Todorov farão parte desta construção.

CAPÍTULO 1. JOVENS AUTORES E O LUGAR NO CAMPO LITERÁRIO

1.1. JOVENS AUTORES: UMA APRESENTAÇÃO

Escritores consagrados que começaram jovens

Existem autores consagrados pela crítica que começaram a escrever muito jovens; trata-se de uma informação importante que provavelmente não é de conhecimento geral. Quando um autor é reconhecido por alguma de suas obras, nem sempre se torna evidente todo o seu conjunto, tampouco leva-se em consideração o início de suas trajetórias. É preciso avaliar que, à época, a realidade e as tecnologias eram muito diferentes, além da visão do que era determinado como literatura e de como deveria ser o formato destes textos.

Machado de Assis, o autor brasileiro mais reconhecido por sua contribuição na formação da literatura brasileira, começou a carreira aos 16 anos, tendo publicado um poema intitulado “Ela” na renomada *Revista Marmota Fluminense*. Cecília Meireles lançou *Espectros* aos 17 anos. Jorge Amado escreveu *O País do Carnaval* com 19 anos. Clarice Lispector redigiu *Perto do Coração Selvagem* aos 23 anos. Vinícius de Moraes também publicou seu primeiro livro aos 20 anos.

Cecília Meireles iniciou na escrita ainda na infância, aos 9 anos de idade, e aos 17 anos lançou sua primeira publicação, *Espectros*, quando ainda frequentava a Escola Normal. Ao buscar informações quanto à recepção desta obra, encontra-se, na segunda edição da *Obra Poética* de Cecília, lançada na coleção Luso-Brasileira (1919), uma análise crítica de Darcy Damasceno que simplesmente ignora a existência de *Espectros*.

O poeta Armindo Trevisan, em uma crônica para o *Almanaque Literário* (2019)¹, em comemoração ao centenário do livro, insinua que Damasceno teria deixado de fora o livro por sugestão da própria autora, que era sua amiga. Ele aponta que o autor tem direito a auto retratações e também a anular a influência de uma obra sua que ele julga indigna de si. Por concordar com a irrelevância da obra, ele acredita ser assertiva a decisão de desconsiderá-la, enquanto outros críticos veem no primeiro livro de Cecília o vislumbre da poeta que ela se tornaria, como

¹ Disponível em: <<https://mosqueteirasliterarias.comunidades.net/espectros-de-cecilia-meireles-1919>> Acesso em 27 jul. 2022.

Henrique Marques-Samyn comenta na apresentação da edição de *Espectros* da Global Editora (2013):

Como ler *Espectros*? Como uma obra prematura cujo valor seria essencialmente (senão somente) documental? Como obra de uma 'primeira Cecília', que porventura não descobriria ainda em si a 'verdadeira' poesia, algo que seria atestado pela posterior renegação do volume? Ou haveria, por outro lado, uma relação de continuidade entre *Espectros* e produção poética futura, o que faria da obra a primeira eclosão do gênio? (MARQUES-SAMYN apud MEIRELES, 2013, pág. 9)

O conceito de prematuro alavancado por Marques-Samyn é oportuno para pensar se este livro de Cecília nasceu antes do tempo certo e, por isso, mostrou-se incompreendido pela crítica de sua época. Desta maneira, não haveria nada de errado com ele, mas sim com a visão ultrapassada de seus avaliadores. Pode ser que esteja acontecendo o mesmo com as obras dos jovens escritores atuais, e, portanto, eles também não sejam bem aceitos justamente por estarem na vanguarda de um movimento que, em algum momento no futuro, poderá ser amplamente reconhecido.

Ainda que numa tentativa de "defender a obra", percebe-se que o argumento principal utilizado pelo crítico é a pouca experiência da autora, e os elogios são feitos quase como um pedido de desculpas. É preciso haver um ponto de partida em qualquer escrita; além disso, o aprimoramento da escrita vai acontecendo na medida em que ela se desdobra e, a partir dela, vão sendo construídas outras obras, com a passagem do tempo e com a experiência adquirida pelo autor. A apreciação de um livro considerando seu contexto inicial, de que todos os autores precisam começar de alguma forma, é primordial, inclusive para compreender a sua trajetória inteira com maior amplitude.

A crítica do primeiro romance de Jorge Amado também evidencia que, provavelmente, os seus leitores não chegaram ao autor por causa dela. Seus livros mais famosos se transformaram em obras audiovisuais, como *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Gabriela, Cravo e Canela*, e ele é considerado o autor brasileiro mais adaptado a este formato. Mas a resenha de Luiz Santiago (2020)² sobre *O País do Carnaval* para o site *Plano Crítico* evidencia os divergentes estilos e temas da primeira obra em comparação às demais do autor:

²Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-o-pais-do-carnaval-de-jorge-amado/>>. Acesso em 2 ago. 2022.

Desse primeiro elemento, o estilo, é possível entender rapidamente todas as motivações. Não é só o fato de ser o primeiro livro do autor, mas também o fato de ter sido escrito por um adolescente, alguém que sempre demonstrou um espírito rebelde e que tentava de todas as formas fugir das imposições paternas, especialmente em relação à carreira. (SANTIAGO, 2020)

O diferencial apontado por Santiago neste texto está no fato de que Amado era adolescente quando escreveu a obra, dando mais importância para este fato do que para o de se tratar de um autor estreante. Enfatiza-se uma escrita nesta fase da vida que contém características próprias, como inquietação, irreverência e rebeldia; mostra-se carregada uma valoração diferenciada, algo que não seria possível encontrar em outros momentos da vida.

As motivações de um adolescente podem retratar um idealismo, e *O País do Carnaval* se mostra, na visão de Santiago, o mais investigativo e filosófico dos livros de Jorge Amado. Trata-se do retrato de uma geração que tentava se encontrar em meio às inúmeras influências culturais e ideológicas, ao mesmo tempo em que se perdia nas possibilidades, uma vez que todos os caminhos pareciam insatisfatórios. Há um ceticismo e uma ausência de desejo por ele pregadas, tornando-se a promessa de uma apatia sobre a cabeça dos mais jovens, que se debatiam diante dessa busca, ao mesmo tempo em que tentavam viver. Nota-se a possibilidade de encaixe deste primeiro romance ao restante da obra de Jorge Amado, valorizando os aspectos que uma escrita jovem pode acrescentar à trama, e consolidando-o ainda mais como um autor influente.

Já Clarice Lispector foi consagrada logo em seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem*, escrito aos 23 anos, enquanto cursava a faculdade de Direito no Rio de Janeiro. O livro lhe rendeu o Prêmio da *Fundação Graça Aranha*, além de ter sido notado por vários críticos à época; o principal deles foi Antonio Candido, que descreveu o livro em seu ensaio *No raiar de Clarice Lispector* como sendo “um romance que faltava” (1943). Candido também afirmou: “A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade de vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização”. (CANDIDO, 1943, p. 131)

Outros críticos duvidaram da capacidade de Clarice de reproduzir tamanho feito, denominaram “sorte de principiante” e, um deles, Sérgio Milliet, publica um

artigo em 15 de janeiro de 1944, na coluna *Últimos Livros* do jornal *O Estado de São Paulo*³. Ele faz um comentário que reproduz com sutileza o machismo naturalizado à época: “eu pensei: mais uma dessas mocinhas que principiam 'cheias de qualidade', que a gente pode até elogiar de voz viva, mas que morreriam de ataque diante de uma crítica séria.” As mulheres demoraram muito tempo para ter os seus direitos considerados, e serem reconhecidas como escritoras de prestígio ainda representam vitórias que são comemoradas isoladamente.

A despeito da descrença de muitos críticos que, mesmo reconhecendo a qualidade desta primeira obra, não vislumbravam um futuro para a jovem, ela seguiu escrevendo com a mesma destreza sobre temas tão comuns ao ser humano, mas tão difíceis de abordar, como a solidão, a tristeza, o abandono, a ideia de felicidade – e de não a possuir. Ela é considerada pioneira em um tipo de escrita de fluxo de consciência que vai definir a escrita moderna, e conseguiu consolidar uma carreira tendo êxito desde o primeiro feito, o que não é a regra para a maioria (e nem precisa ser – nem todos precisam ser como Clarice ou Machado).

Estes vários exemplos de como autores consagrados pela crítica começaram suas carreiras publicando jovens remetem ao início do caminho da escrita, partindo da premissa de que “todo mundo começa por algum lugar”. Alguns foram melhor sucedidos, outros podem ter se envergonhado de sua primeira obra, outros já despontavam com características que os consagrariam posteriormente. Mas o fato de terem começado a produzir literatura com tão pouca idade impacta na forma como eles vivenciavam o mundo, com a fagulha da juventude pulsando e uma ressonância que atingiu seus leitores, seja em suas primeiras obras ou nas seguintes.

Ao conhecer a história desses autores, percebe-se que nem sempre as suas primeiras obras já apontavam a qualidade reconhecida posteriormente, e na busca de olhar para obras de jovens de hoje, pode ser que elas também sejam apenas um prelúdio das obras de futuros autores reconhecidos. Com os diferentes formatos de mídias e acesso à leitura e às publicações, é notório o fato de que a mudança dos tempos vai mudar também a percepção, análise e classificação de novos textos. O primeiro passo é encontrar e mapear os autores que estão, de diversas maneiras, destacando-se entre os leitores; mas que podem não estar, inclusive, produzindo o melhor que ainda poderão produzir.

³ Posteriormente, em 1945, foi inserido no 2º volume do *Diário Crítico*, que reuniu artigos de imprensa de 1944.

Alguns jovens escritores da atualidade

Quando eu estava em idade escolar, principalmente no Ensino Fundamental I e início do II, eu não me lembro de ter a imagem de algum autor – e essa imagem viria única e exclusivamente da contracapa de um livro, já que a internet ainda estava em seus primórdios nos anos 90 – que fosse jovem, alguém que estivesse na adolescência ou em seus vinte e poucos anos. Também não tenho imagens claras de uma autora, ou autores negros... Simplificando: as imagens que vêm à cabeça são de homens, brancos, classe média, meia idade.

Regina Dalcastagnè coordenou um estudo, iniciado em 2003, sobre o perfil do romancista brasileiro, que aponta a hegemonia dos autores brancos, de classe média, meia idade e advindos do sudeste. Ela não analisou romances infantojuvenis diretamente, ou seja, seu estudo não vai abordar a literatura enfocada neste trabalho; ainda assim, aplica-se à este exemplificando que, também no nicho de autores de livros infantojuvenis, aqueles de quem vamos nos lembrar prontamente se encaixam no perfil, e para “dar nomes a alguns bois” mais óbvios: Pedro Bandeira, Monteiro Lobato, Marcos Rey. Claro que haviam autoras, mas notavelmente os de destaque eram aqueles.

Ainda segundo a Professora Dalcastagnè (2012), os estudiosos que buscam utilizar algum escritor à margem deste padrão precisam gastar bastante tempo validando suas obras, explicando o porquê e como elas são literatura. Acontece um processo semelhante com a indefinição das literaturas escritas por jovens, com as plataformas e processos ainda considerados inovadores. Há a opção de não analisá-las pelo crivo tradicional, o que leva esses pesquisadores a serem considerados também da margem. Ou a alternativa parece ser avaliá-los a partir das lentes conhecidas, com o objetivo de gerar atrito na norma e questionamentos – mas há uma “pegadinha”, já que olhá-los pela ótica que queremos questionar acaba por revalidar esta ótica.

Ao me deparar com jovens autores na Bienal do Livro e da Literatura de Brasília em 2016, meu primeiro questionamento foi relacionado a esta validação das suas obras. Passei a refletir sobre como fui atraída por estes livros, e como eles, mesmo estando de fora do que se é estudado como literatura, abordavam temas do meu interesse e em formatos mais dinâmicos. Até que uma luz se acendeu em minha mente e permanece acesa até hoje. Pensei sobre como teria sido a minha

infância, as aulas de literatura e até de outras matérias, de modo integrado, se um autor fosse disponível ao ponto de ir à escola palestrar, contar mais sobre aquele universo que ele criou, detalhar aqueles personagens que se tornam nossos amigos ou inimigos – ao menos enquanto os estamos lendo. Mais interessante e mágico seria se esses escritores tivessem quase a minha idade! É da mesma realidade e do mesmo período de tempo que eles partem; muitas vezes deixam a sensação de que foram escritos bisbilhotando nossos sonhos e fantasias; melhor ainda, ficamos maravilhados com a possibilidade de criarem mundos que nunca imaginamos.

A aproximação, a disponibilidade e o diálogo em comum são os diferenciais de autores jovens. O acompanhamento das tendências nas redes, dos modos de leitura mais rápidos e fluidos, da resposta imediata dos leitores através da internet apontam uma nova maneira de aproximar outros jovens da leitura, e conhecer pessoas reais que escrevem, que estão longe de um ideal de escritor que nos parecia intocável visto de cima das orelhas dos livros, o que torna palpável inclusive o nascimento de uma vontade de colocar no papel as próprias narrativas também.

Eu sigo sem saber se existiam tais autores à minha época, mas descobri que, hoje, eles existem. Lavínia Rocha, objeto de estudo deste trabalho, vai às escolas, ministra a palestra *Não existe idade para começar a sonhar – como me tornei escritora aos 13 anos* e muitas destas escolas conseguiram adotar seus livros nas aulas de literatura. Ela relata que, desde que se entende por gente, gostava muito de ler e de ter livros físicos, propondo um desafio com a mãe de ganhar livros mensalmente, ao tirar notas boas. A bibliotecária de sua escola era uma grande incentivadora, tornando os livros ainda mais atrativos ao fazer sinopses de suas histórias. Adorava as aulas de produção de textos, mas se sentia frustrada ao precisar respeitar o limite de 30 linhas estipulado para os textos, o que a levou a escrever no computador de casa suas narrativas livremente. Desta forma, nasceu seu primeiro livro, *Um Amor em Barcelona*, escrito aos 11 anos e guardado à sete chaves, por causa da timidez.

Lavínia relata que decidiu mostrar a uma amiga o que havia escrito; ela a incentivou imediatamente a mostrar também a seus pais, ganhando o apoio destes e a concretização da sua publicação independente, algo que se tornou possível por sua fina espessura. Trata-se de um livro cuja atmosfera me remeteu a *O primeiro amor de Laurinha* (1999), de Pedro Bandeira, que eu li quando estava na terceira série (que já não sei qual é o correspondente em “ano”). Lembro-me de ter sido

marcada profundamente por esta história, por também estar vivendo minha primeira “paixonite” por um coleguinha de brilhantes olhos verdes (ou seriam azuis?). Já seu segundo livro, lançado quando tinha 17 anos, que conta com uma protagonista cega, foi publicado também em braile e possui cópias disponíveis na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Outra autora que conheci através das redes sociais se chama Mariana Negreiros. Ela tem 20 anos, é brasiliense, e relata que sua mãe lia para ela desde muito pequena, e a partir dessas narrativas ouvidas, ela gostava de criar novas histórias. Estudou em colégios privados e, nas séries iniciais, contava com uma biblioteca da qual era frequentadora assídua e utilizava também os recursos disponíveis. Nos anos seguintes, continuava contando com bibliotecas e professores que a incentivaram bastante a escrever, e publicou o seu primeiro livro durante o ensino fundamental II. Nas séries finais, estudou em um colégio que, apesar de não ter biblioteca, tinha vários projetos de incentivo à leitura e escrita, como o Jornal da Escola.

Aos sete anos, escrevia peças de teatro e representava com os amigos – ao tomar conhecimento desta informação, eu subitamente me recordei de fazer exatamente o mesmo! Peço licença para compartilhar a digressão: tinha 9 anos e escrevi um “roteiro” para uma adaptação da Escolinha do Professor Raimundo. Escalei o elenco, tivemos os ensaios – minha mãe me lembrou de que eu era uma diretora exigente, ameaçando “demitir” uma das colegas que sempre faltava aos ensaios - confeccionei os ingressos à mão com cartolina. Tive inclusive um trunfo na manga: minha mãe era a dona do Cine Teatro local e foi lá, num palco real, onde nos apresentamos, se não me engano, para um público de 7 pessoas, todas pais do elenco. Este tipo de brincadeira com tons de seriedade permeou a minha infância, e a liberdade que tive para a criação e execução do projeto me familiarizou com a arte, bem como me deu autonomia para me sentir capaz de realizar obras que eu não sabia que não eram “coisas” da minha idade. Certamente, essa passagem ajudou na construção da pessoa interessada em diversas expressões de arte que sou hoje. No meu caso, ouvir a jovem escritora me levou à lembrança, já no caso daqueles que a ouvem quando jovens, será que ela pode ser fonte de inspiração?

Mariana também enxergava o escrever como uma grande brincadeira, e com 14 anos, começou a criar a história de seu primeiro livro, *Os Segredos de um Colar*. Seus amigos foram lendo à medida em que ela desenvolvia a trama, fato que

acontece em plataformas digitais como o *Wattpad* – ferramenta que engloba leitores e escritores, com espaço para que qualquer usuário submeta seus textos e que eles sejam lidos por quaisquer outros usuários, além de poderem ser comentados – , e se empolgavam com a história, desejosos de saber os acontecimentos que viriam.

Ao serem questionadas quanto à causa de se tornarem escritoras, Lavínia e Mariana apontaram que tiveram um grande incentivo dos pais, tanto em sua formação enquanto leitoras quanto no apoio ao desejo de publicarem um livro, sendo que o primeiro livro de Lavínia foi lançado de forma independente, enquanto os pais de Mariana buscaram uma editora que aceitou fazê-lo com divisão de custos. Outra razão presente é a necessidade apontada por elas e por grande parte dos jovens escritores de escrever para se expressar, e o caminho inicial utilizado costumava ser a internet.

O papel da internet na comunicação entre os jovens passou por diversas mudanças desde que foi difundida. Sou nascida no ano de 1990 e a minha infância não foi permeada pelos variados aparelhos eletrônicos com os quais as crianças entram em contato desde a mais tenra idade hoje. A minha geração, aquela acostumada ao papel, precisou aprender a lidar com novas formas de escrita, de acesso e de contato com textos, sendo que tais processos são naturais para as gerações seguintes; não é viável comparar as duas relações como se fossem iguais, e é preciso pesquisar para visar compreender os caminhos e a relação dos jovens com a leitura e a escrita na modernidade, e se abrir para conhecer autores e obras diferentes do que se espera.

Prenski (2001) mapeou esse perfil geracional, e os denominou “nativos digitais”. Eles são estudantes que estão constantemente conectados, têm familiaridade com diversos dispositivos tecnológicos e apresentam novas possibilidades de aprendizagem. O autor caracterizou a geração de nativos digitais como alunos que apresentam mudanças de comportamento condizentes com a era das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TDIC) e que pensam e aprendem de modo diferente do de seus pais e professores. Por terem nascido na era digital, interagem naturalmente com as tecnologias, usando computadores, videogames, players de música, câmeras de vídeo e celulares, além de outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001, p. 1).

Atualmente, a internet é fundamental para tornar possível o contato com esses jovens escritores. Conheci Pedro Rhuas, Vitor Martins e Íris Figueiredo ao

assistir a uma *live* denominada *Papo Literário Book Friday*, promovida pela Amazon, cujo tema foi *O amor nos tempos dos likes: literatura jovem para todas as gerações*⁴, no dia 18/08/2021, e passo a apresentar o que conheci do trabalho deles a seguir.

Pedro Rhuas nasceu em Mossoró, no Rio Grande do Norte, e opta por escrever com foco em temáticas LGBTQIA+ e nordestina. Durante a pandemia, ele lançou *O mar me levou a você*, e no universo em que se passa a história, o presidente Bolsonaro não ganhou a eleição de 2018; nas redes sociais, ele denomina “rhuasverso” (outro termo em evidência nos dias atuais: colocar o sufixo “verso” ao final de algum substantivo, que pode ser o seu próprio nome, para significar que se trata de uma realidade paralela ideal imaginada por si), o local em que as coisas dão certo no final das histórias, oferecendo um espaço mais acolhedor – levando em consideração aquele presidente não demonstrava apoio à população LGBTQIA+. Pedro afirma também que o fato de ser jovem o leva a ter as mesmas referências que seus leitores, e que ele sabe sobre os seus gostos por estes se misturarem com os seus próprios.

Rhuas aponta que o leitor não tem aceitado que os autores tragam obras racistas, capacitistas e lgbtqia+fóbicas. Os interessados pela leitura, desde muito jovens, estão tendo acesso a debates com tais temas por meio da internet e apontam as problemáticas de termos ofensivos ou inadequados nos textos. Essa consciência pode estar afastando-os de obras cujas temáticas causem desconforto, e os fazem buscar aquelas que falem abertamente de casais homoafetivos, as que trazem personagens negros em contexto diário, com naturalidade, e não as que apenas reproduzem falas inadequadas de boa parte da sociedade, que “ficou presa no século passado”. A responsabilidade dos autores faz questionar os privilégios e lugares de fala e de que maneira eles repercutem nessas marcas de opressão.

É importante ressaltar esta fala de Pedro sobre representatividade:

Compreender que há escassez de representatividade, saber que não encontrávamos estas obras, gerou um combustível para escrever e proporcionar essas histórias em que eu me encontrasse, assim como meus leitores. Crescer sem ter essas referências me fez intervir nesta realidade quase nula para criar uma abundância de histórias. Fico muito feliz com o crescimento mágico de jovens autores com temáticas LGBTQIA+ nos últimos anos, e acredito que ele provenha diretamente da necessidade de escrever o que antes não era escrito, ou pelo menos que não era escrito com a “nossa cara”.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fhl7IBBYmz0&list=LL&index=36&t=3599s>>. Acesso em 18 ago. 2021.

Mais um autor focado na temática LGBTQIA+ é Vitor Martins, que nasceu em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Antes da pandemia, ele estava escrevendo um livro cuja temática era feliz, com um cenário de boas perspectivas e esperança. Quando a pandemia da COVID-19 começou, não conseguiu dar continuidade a esse projeto, e começou a escrever o livro o que ele estava prestes a lançar à época da *live*. Tratava-se de um livro mais calmo, com um ritmo menos acelerado, com “cara” de quarentena, a realidade que estávamos vivendo. Ele se direciona para um público mais jovem, por ser o que mais gosta de fazer, e afirma se “alimentar da juventude dos seus leitores”, apesar de se identificar com os dramas e questionamentos propícios à sua idade – o autor completou 30 anos há pouco tempo. Ele acredita que “é uma responsabilidade dos escritores oferecer os refúgios na literatura, pois mesmo que as pessoas recebam a história como elas quiserem, ainda assim, é difícil se eximir da responsabilidade do que se escreve.” Ele se utiliza da literatura jovem como ferramenta para falar sobre assuntos sérios, importantes e que impactam vidas, considerando desafiador refletir o mundo que existe no universo dos livros.

A representatividade é temática latente em diversos formatos de mídias e, na literatura, a busca dos leitores por assuntos com os quais eles se identifiquem é notória. É menos provável que um adolescente construa alguma relação logo de início com algum livro dos considerados clássicos exigidos pela escola do que com algum que esteja sendo veiculado por diversas mídias e promete uma comunicação direta e mais simples.

A exemplo destas mídias, a escritora Íris Figueiredo, de 30 anos, chama atenção pelo fato de ter conseguido que a sua história seja adaptada para o cinema. É formada em Produção Editorial pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e é autora de *O céu sem estrelas*. O formato audiovisual possui grande apelo com os jovens, e a adaptação de uma obra para o cinema é considerada um feito grandioso, seguindo o modelo de conhecidos sucessos como a saga Harry Potter. Durante a *live*, ela fala sobre a atemporalidade de questões essenciais do texto:

As questões existentes na adolescência são atemporais, e uma das temáticas do livro são os transtornos psicológicos. Histórias são retratos de um tempo, mesmo que elas não retratem aquele tempo em que são escritas. Os autores não devem ter a preocupação de que o livro que escrevem fique “datado”, porque ele é datado a partir do momento que ele é lançado. Pode ser que a geração mude, os meios de comunicação mudem, mas o ato de se apaixonar, por

exemplo, vai gerar o mesmo “frio na barriga” de sempre e vai continuar atingindo os leitores.

A autora acredita que existem características comuns à adolescência, e que elas permanecem imutáveis mesmo com o passar do tempo. Entretanto, a temática dos transtornos psicológicos, por exemplo, tem sido amplamente explorada por estes autores jovens, e este fato possibilita a criação de aberturas para começar a mudar a visão preconceituosa que uma sociedade se acostumou a perpetuar sobre as doenças mentais e a necessidade de serem tratadas com a seriedade que demandam, mas sem o estereótipo que carregam. Os assuntos podem ser os mesmos, mas a forma de encará-los pode evoluir e trazer benefícios para aqueles que se dispõem a aprender e fazer algo para mudar.

A discussão levantada sobre a temporalidade dos livros, no sentido de eles serem “datados”, supõe que aquela obra só fará sentido para as pessoas daquele período de tempo em que foi escrita. A escritora defende que o ato de se apaixonar é o mesmo a qualquer tempo, e é capaz de causar o mesmo frenesi em quem o lê. Mas a soma de elementos como o amor LGBTQIA+ contribuem inclusive para a expansão dos conceitos de amor e de paixão, e a representatividade nestas obras é primordial para tantas pessoas que foram levadas a acreditar que a sua forma de amar era indigna e que a eles nunca seria permitido viver um grande amor. Com exemplos assim é que estes livros conquistam sua importância e ganham um lugar na estante dos leitores.

O panorama apresentado elencou cinco autores que têm em comum o gosto pela leitura e o início no ofício da escrita muito jovens. Eles abordam temáticas e assuntos de interesse para o público alvo, e se apresentam como bem sucedidos no objetivo de cativar leitores, convidando-os a conhecerem novos formatos de leitura e tramas mais parecidas com o próprio cotidiano. Deste modo, o incentivo para que outros jovens também se tornam escritores se torna natural.

Este tipo de literatura também possui a capacidade de atrair os adultos, pois existem aqueles que já cresceram em contato com histórias de fantasia e que mantêm o interesse e apreço por narrativas mais comuns neste setor. Inclusive, acredito que é necessário que eu me enquadre diretamente nesta caixa da “adultice” por causa da minha idade, pois continuo me recusando a crescer, algo que aprendi com o famoso *Peter Pan*. Há também aqueles adultos que buscam até mesmo o

contato com essa juventude, como uma forma de “respirar” este ar jovial, e há aqueles pais buscando se integrar do que leem os filhos.

Para conseguir acessar essas escritas e sua comunidade, foi necessário recorrer a fontes de pesquisa não "valoradas", como entrevistas, vídeos e conteúdos de redes sociais. Mostrou-se imprescindível observar esses espaços de jovens para encontrar jovens. A relação deles com a literatura está expressa em vídeos curtos, mensagens de poucos caracteres, espaços no qual eles esbanjam entusiasmo, falam com empolgação e problematizam diversos temas contidos nas suas obras, colocando em voga suas diversas representatividades.

1.2. TEMÁTICAS DOS LIVROS E AS DIFERENTES ABORDAGENS

REPRESENTATIVIDADE E FANTASIA

Representatividade

Engana-se quem pensa que estes jovens autores tratam de temas banais. Nas obras de Lavínia Rocha – hoje com 25 anos, mas que começaram a ser escritas quando ela tinha apenas 11 – existem assuntos de alta relevância social, como a inclusão social de pessoas com deficiência, discussões aprofundadas sobre racismo, identidade negra e igualdade entre os gêneros. Como já mencionado, ela contou com grande apoio de sua família e começou publicando de maneira independente, pois seus pais consideraram importante que ideais relevantes para a sociedade fossem tratados através da visão de uma criança; viram uma oportunidade de eternizar estes questionamentos e buscar difundi-los, como acontece no seu trabalho atual junto às escolas que será abordado posteriormente.

Quando Lavínia começou a escrever, ela criava personagens parecidas com as que lia; sua protagonista do primeiro livro, Isabela, era branca de cabelo liso. Ela relata que questões de representatividade não eram colocadas em pauta quando ela era adolescente, e na medida em que foi crescendo, nasceu a necessidade de se ver representada em um livro, o que a levou a criar Alisa, protagonista da trilogia *Entre 3 Mundos*; ela foi “egoisticamente” criada para si, mas hoje ressoa em diversas jovens negras que se tornaram suas leitoras. Ela quis se ver retratada em uma obra por compreender que também poderia fazer parte do universo literário,

assim como todas as jovens diferentes do padrão que se esperava das personagens já existentes.

O que acontecia com Lavínia é somente mais um relato de “uma história única” vendida. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie alertou o mundo para “O perigo de uma única história” numa palestra divulgada na internet na plataforma *TED Conference* em 2009⁵, que posteriormente foi publicada em livro. Ela inicia sua fala justamente contando sobre como começou a ler livros infantis norte-americanos e britânicos desde os 4 anos de idade, e passou a escrever histórias com ilustrações em giz de cera, a partir dos 7 anos. Suas personagens, temáticas e locais eram meras reproduções do que ela lia: todas eram brancas, de olhos azuis, brincavam na neve e comiam maçãs. Elas falavam bastante sobre o tempo: como era ótimo o sol ter aparecido, quando o clima na Nigéria é fortemente ensolarado e as pessoas provavelmente celebrariam se ele “desse uma trégua”. Estavam presentes elementos da cultura americana e britânica aos quais uma criança nigeriana que nunca havia saído de seu país nunca tivera acesso.

Adichie ressalta o quão impressionáveis e vulneráveis são os seres humanos em face de uma história, principalmente as crianças. Como ela só havia lido histórias com estrangeiros, acreditava que, para que um livro fosse de fato um livro, ele deveria conter apenas esse tipo de pessoas. Até que ela teve contato com obras africanas, que não eram tão disponíveis nem fáceis de encontrar, mas que a levaram a uma mudança de pensamento. Ela se reconheceu em personagens com a cor da pele de chocolate e cabelos que não ficavam presos em rabos-de-cavalo, e passou a legitimá-los como pertencentes às histórias, descobrindo, então, que pessoas como ela poderiam existir na literatura. Deste modo, ela foi salva do que antes era “uma história única” sobre o que deveriam ser os livros e o que deveriam conter.

Não por acaso, Lavínia é uma grande fã de Chimamanda, e se reconhece inclusive nesta palestra. Para aquela autora, a literatura proporciona um lugar em que várias pessoas podem se sentir representadas. Ela busca referências em outras autoras negras consolidadas, como Conceição Evaristo, sua conterrânea, considerada um dos pilares na valorização da cultura negra no Brasil. A realidade de Conceição, advinda de extrema pobreza, da necessidade de trabalhar desde muito criança e, ainda assim, encontrando-se com a leitura e a literatura, é relatada por ela

⁵ ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>> . Acesso em 15 ago. 2022.

própria em depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras, ocorrido na cidade de Belo Horizonte, em maio de 2009⁶:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos.

Conceição Evaristo demonstrava possuir consciência das diferentes classes sociais e de que a cor de sua pele eram limitantes na sociedade em que vivia, e sempre fora incentivada a estudar, sendo matriculada por sua mãe em escolas mais distantes de sua casa, porém consideradas melhores. A falta de oportunidade não diminuía o interesse dela e de seus familiares em buscar o aprendizado, e o contato de sua mãe com a obra de Carolina Maria de Jesus gerou identificação e transformação em suas vidas:

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela.

Ao ler uma obra como *Quarto de Despejo* e sentir-se tão pertencente àquele universo descrito, a mãe de Conceição foi impelida a também escrever seu diário. É interessante que a necessidade da escrita se apresente também em condições consideradas desfavoráveis, e a leitura como agente transformador costuma entrar em contato com a essência do leitor e conversar com seus mais profundos anseios e dilemas. Conceição Evaristo se tornou uma escritora premiada, e toda sua história de formação contribui para o exemplo que ela é hoje, não somente para as jovens negras – mas principalmente para elas.

⁶ Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 19 set. 2022.

Lavínia reconhece a importância desta identificação, e encontrou em outras escritoras de sua faixa etária uma ressonância em suas dificuldades enquanto autora negra. Elas se conheceram e se aproximaram por causa da literatura, compartilhando os empecilhos advindos de um mercado editorial que, em geral, demonstrava-se majoritariamente “branco” e sem espaço para elas. A partir destes contatos, construíram uma amizade e um desejo de realizarem obras em coautoria com a temática negra. Frente ao desânimo de uma das amigas – que pensava inclusive em desistir da escrita – elas desenvolveram um projeto de criar um livro de contos interligados e *Flores ao mar* virou uma realidade, sendo também bem sucedidas na “missão” de incentivar a colega. O grupo, autodenominado “Quilombinho”, é composto por, além de Lavínia, as jovens escritoras Olívia Pilar, Lorrane Fortunato e Solaine Chioro.

À época em que escreveu seu primeiro livro, Lavínia falava de igual pra igual com os leitores, pois tinha a mesma idade deles. A autora se autodenomina “*Zillennial*”, termo que mistura a *Geração Z* (que compreende os jovens nascidos de 1995 a 2010) com a anterior, dos *Millennials* (nascidos entre 1981 e 1995), ou seja, traz consigo as duas gerações juntas. Ainda se sente apegada ao público do sexto e sétimo ano, e, ao atuar como professora, também prefere lecionar para esta faixa etária. Mas, na medida em que foi crescendo, cresceu junto uma vontade de falar sobre outros assuntos em seus livros; para tanto, criou o pseudônimo Lia Rocha, com o objetivo de escrever para o público jovem e adulto. Ela acredita que existem maneiras diferentes de falar sobre um mesmo assunto para as diversas faixas etárias.

Jovens escrevendo para jovens pode ser considerado um novo aspecto de representatividade: a personagem hoje certamente é mais crível se o autor está a par de todas as tecnologias, termos e tendências que a juventude vive. O aspecto da identificação aqui ressaltado não deve limitar as interações de um leitor com o texto, tendo em vista que o contato com o diverso na obra terá o papel de enriquecer o alcance intelectual de quem lê. Mas, neste caso, a catarse de se sentir em meio à história, aos cenários e vivências descritas cumpre seu papel de acesso; é mais plausível se colocar no lugar da personagem e sentir o momento junto a ela, contando com a empatia e também com a possibilidade de expurgar sentimentos ruins em conjunto. A representatividade por idade, ou alguma forma de valorizar este segmento literário, ainda não são amplamente discutidas, mas deveriam ser.

Fantasia

A reportagem do programa *Quarta Capa*⁷ apresenta o autor Tiago Leão Barbosa, à época com 23 anos, que escreve fantasia. Ele ressalta que suas ideias para escrita partem de mundos imaginários que a maioria das crianças cria, mas não costuma colocar no papel. Desde muito pequeno, fazia histórias e contava para os amigos por meio de desenhos, até descobrir – depois dos 15 anos e de uma carga grande de leituras – como transformá-los em palavras.

Tiago é um grande fã da saga *Harry Potter*, por considerar uma história boa, instigante e que ensina muitas lições. A série de livros é bastante conhecida, sendo considerada um sucesso desde o seu lançamento, há 25 anos, e continua integrando a cultura popular mundial. A autora J.K. Rowling escreveu o primeiro livro no ano de 1997, e os demais volumes e adaptações para filmes seguiram sendo amplamente discutidos pelos leitores e pelas pessoas que assistiam aos filmes, mantendo-se basicamente neste espaço informal, não havendo, durante muito tempo, estudos acadêmicos dedicados a analisar a obra.

A opinião de Tiago parece não levar em consideração a visão que a crítica tradicional sustentou sobre a qualidade dos livros de Rowling. Na verdade, toda uma geração nascida na década de 90 cresceu com os lançamentos dos livros do *Harry Potter* e costuma reconhecer sua importância, por simplesmente ser apaixonada pela história de magia e bruxaria de *Hogwarts* – e me incluo entre as leitoras entusiastas da série. Ela é considerada uma porta de entrada para o universo leitor, sendo que uma grande quantidade de pessoas relata ser este o livro que as estimulou a continuar lendo. Para estes leitores, pouco importa o que diz a crítica: seguimos acompanhando a saga ao longo dos anos e incentivando novos jovens a entrarem neste mundo mágico.

A pesquisadora Beatriz Masson Francisco interessou-se também, além do seu afeto pela obra destacada, pelo fato de que, mesmo tendo atingido a marca de meio bilhão de livros vendidos em 2017, havia resistência no meio acadêmico na realização de estudos para visar, inclusive, a compreensão de tamanho sucesso mercadológico. Ela relata que na segunda década dos anos 2000, mais estudiosos têm buscado, assim como ela, mostrar a importância e os motivos desta saga ser

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fp39G787oEw>>. Acesso em 12 nov. 2021.

consolidada enquanto fenômeno literário, seja nos estudos sobre a obra em si ou sobre seus elementos extratextuais.

Francisco considera a opinião negativa de diversos críticos da saga superficial:

Além do evidente preconceito literário contra obras best-sellers, os questionamentos de Bloom e seus pares não fazem uma análise interpretativa rigorosa do texto que compõe a série do Menino Que Sobreviveu. Quando analisada em profundidade, a narrativa de Harry Potter se mostra um trabalho de composição tão complexo e bem construído que toda crítica feita sobre seu entorno parece um tanto quanto rasa. (FRANCISCO E HOSSNE, 2017)

O sucesso da série entre os leitores, independente de sua crítica, aponta para o papel da literatura na vida das pessoas, e reforça um dos caminhos para iniciar a leitura: o de ler por prazer. Tendo em vista que, na maioria das vezes, os leitores de *Harry Potter* começaram esta aventura sem que houvesse a obrigação da escola ou qualquer outra, o sentimento de identificação com a história se torna o alicerce principal e a porta de entrada para o mundo leitor.

Tiago Leão também conta como grande inspiração as aventuras descritas nos livros de Monteiro Lobato. Lobato é o nome mais conhecido da literatura infantil brasileira, e seu legado ainda se encontra presente. As personagens do mundo hiper realístico do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* estão no imaginário de diversas gerações, e no final dos anos 90 e início dos anos 2000, faziam parte da programação televisiva diária, com grande adesão das crianças. As personagens infantis Narizinho e Pedrinho contavam com a companhia de um sabugo de milho que era Visconde e uma referência de conhecimento para eles; uma boneca de pano falante ousada e companheira, um rinoceronte domesticado e um porco que era Marquês. Eram cuidados por uma ama negra e a avó dos dois. A vivência na fazenda de Monteiro Lobato serviu de inspiração para criar esse mundo mágico, e ele trouxe características de brincadeiras infantis que geraram identificação nas crianças: qual era a criança que não queria que sua boneca falasse, ou que não tivesse a criatividade para construir brinquedos com o que estava à mão, além de participarem os animais de suas brincadeiras?

Apesar de tão diferentes, tanto em relação ao contexto quanto à época em que escreveram, Lobato e J.K. Rowling podem ser considerados autores igualmente importantes para leitores e para outros escritores, tendo em vista que eles alcançam uma realização do “fantástico” na criação de seus mundos, que inclusive foram

representados nas telas de televisão e cinema. A magia presente em seus livros percorre a imaginação de seus leitores e proporciona momentos de lazer, além de ativar a criatividade e construção de novos mundos de fantasia, não indicando limites aos quais eles podem chegar.

Uma jovem autora que hoje investe na criação de universos fantásticos é Mariana Negreiros. Ela é idealizadora do *Projeto Segredos*, que utiliza seus livros de fantasia em um cenário itinerante, realizando apresentações em escolas e eventos, além de seu canal no *YouTube* como instrumentos para estimular a leitura e a escrita entre jovens. Ela acredita que “todos gostam de ler, alguns apenas ainda não descobriram seus gêneros e autores favoritos”. O contato direto com uma autora real e jovem, associado à linguagem fácil e mágica de seus livros, apresenta o “Mundo da Literatura” de maneira envolvente, incentivando jovens a acreditarem em suas histórias e escreverem as suas próprias.

A instalação artística *Os Segredos dos Guardiões* é uma imersão nas camadas místicas do livro de mesmo nome da autora. A criação do cenário de Noeli Negreiros, sua mãe, constrói um universo físico em que sereias e fadas buscam o encontro com seres humanos, partindo da realidade para uma experiência multi-sensorial alcançada com a combinação de esculturas em papel, essências aromatizantes, sons mágicos e iluminação rítmica. Tesoura e papel branco são as matérias-primas de um jardim pulsante, representando uma descrição do livro que ganha vida, com cheiro, luz e som. A exibição conta também com uma apresentação interativa em formato de entrevista com dinâmicas, na que a autora conta seu sonho de incentivar novos escritores e faz brincadeiras com a plateia.



Fig.1 - Instalação do jardim em papel

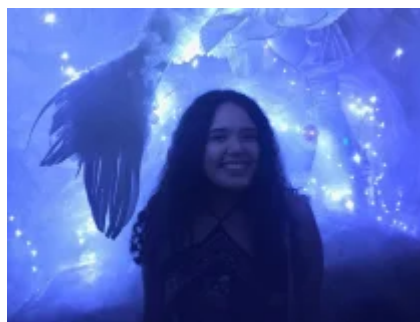


Fig. 2 - Autora na instalação iluminada



Fig. 3 - Painel da instalação



Fig. 4 - Modelo caracterizada na instalação

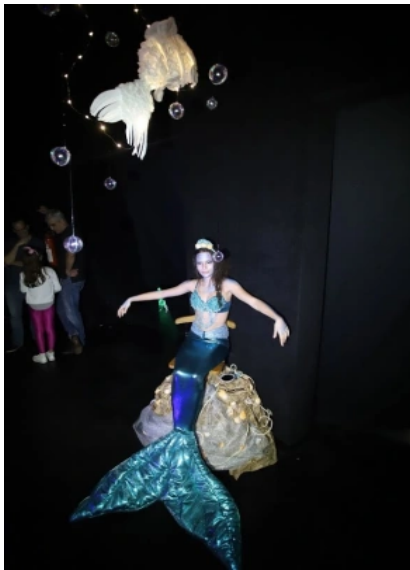


Fig. 5 - Modelo caracterizada de sereia



Fig. 6 - Instalação de papel

Materializar a fantasia por meio de instalações como as de Mariana proporciona experiências de contato com o lúdico, inclusive por meio da utilização de outros sentidos, como o tato e o olfato. A adaptação de obras para a televisão, para o cinema e para o teatro também são formas de transcender barreiras e dar voz à imaginação. Dispor de diversos elementos para envolver os jovens funciona como uma ferramenta de inserção nas histórias, e realiza o desejo que muitos possuem de fazer parte de uma realidade alternativa. Sair do próprio contexto por um tempo e se sentir pertencente a algo completamente diferente parece ser benéfico a quem quer que busque uma pausa nas atribuições cotidianas.

DIÁRIO E REDES SOCIAIS

O diário

Um formato de escrita interessante e que pode ser estimulado desde a infância é o diário. Registrar os acontecimentos do dia de modo individual, imprimindo seus sentimentos e opiniões, é um exercício intelectual que se mostra saudável a quem o experimenta, e é recomendado inclusive por profissionais da saúde mental. Segundo Melissa Hart, autora de *Better with Books* (2019), quando as crianças conseguem colocar as suas observações no papel, isso pode ajudá-las a compreender estes tempos confusos e assustadores em que vivemos. Ela também afirma que as emoções de uma criança parecem para elas menos amedrontadoras quando são vistas escritas em um caderno.

A reportagem realizada pelo programa *Quarta Capa* da PUC TV Minas em 02/12/2015⁸ é apresentada por uma jovem autora, Ana Clara Carvalho, que decidiu publicar o *Diário da Aninha Carvalho*, seu diário real que contém anotações que ela fazia desde 2010 e começou sendo compartilhado num blog na internet. Na minha infância, lembro-me de ter os diários como objetos de desejo, principalmente no universo feminino. Éramos estimuladas a escrever sobre o dia a dia, e havia uma emoção contida na possibilidade de esconder segredos, já que era “moda” que esses diários de papelaria viessem acompanhados de um cadeado. Em contrapartida, a curiosidade despertada nos demais, principalmente nos meninos, tornava a prática mais excitante, além do compartilhamento de tais emoções com as amigas e esconder as “paixonites” dos pais.

Escrever um diário na infância é uma forma de registrar acontecimentos e emoções de uma fase da vida cheia de descobertas e aprendizados. Quando os sentimentos estão descritos no papel, existe a possibilidade de uma maior compreensão deles posteriormente, pois funciona como um desabafo e pode ajudar a organizar as ideias. Com tal prática, as habilidades de comunicação, escrita e linguagem artística também se desenvolvem nas crianças, e a memória dos momentos é preservada naquele confidente.

Na vida adulta, o diário, com seu cunho intimista, revela o seu potencial terapêutico. SILVA (2016) acredita que: “vista dessa maneira, a escrita atua como

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fp39G787oEw>>. Acesso em 12 nov. 2021.

uma forma de realização sentimental, pois o indivíduo propõe-se a escrever, livremente, sobre seu estado emocional e encontra na escrita uma maneira de externar as emoções.” Ele pode ser considerado um confidente e raramente é mostrado a outra pessoa – estão expostos ali pensamentos ou sentimentos que o escritor não tem coragem de compartilhar com mais ninguém.

O relato de Aninha Carvalho, portanto, é curioso: o fato da natureza intimista do diário gerar o interesse de outras pessoas em saber detalhes da vida de outrem, postura reforçada na atualidade, com as redes sociais constantemente mostrando e induzindo a conteúdos que podem ser chamados de “fofocas”. Quanto mais expostas a esses conteúdos, mais interessadas as pessoas se tornam. Há inclusive a dúvida quanto a veracidade dos conteúdos, levando em consideração que o relato de um dia pode se tornar literário na medida em que chega no papel, deixando seu aspecto factual para trás.

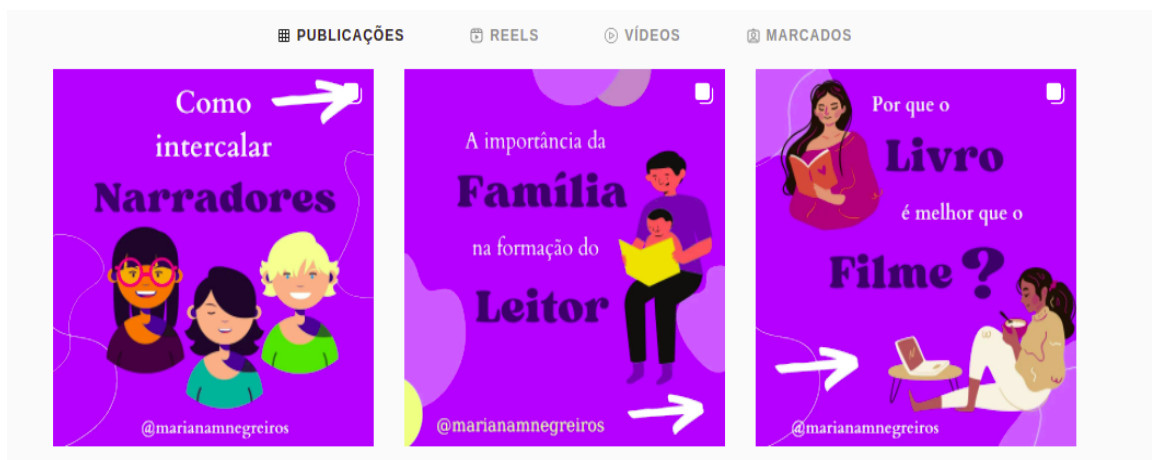
As redes sociais, na atualidade, apresentam, de certa maneira, uma função de diário. Ao contar com uma estrutura a ser alimentada com informações sobre o dia a dia de seu usuário, elas transmutam o conceito de desabafo ao tornar público, de imediato, qualquer conteúdo que o cliente desejar. Deste modo, elas estão resignificando a forma de expressão das pessoas, que pensam em gerar conteúdos para entretenimento, e não somente como forma de expressão – ainda que muitos não se preocupem necessariamente com o que ou outros vão pensar a respeito de suas postagens.

Outro nicho famoso é o de livros infantojuvenis com o título de “Diário”, para dar alguns exemplos: as séries *Diário de um Banana* (2007), *Diário de uma garota nada popular* (2009), dentre outras, que possuem um enorme apelo no público jovem; entretanto, é interessante notar que não foram escritos por adolescentes, tampouco por autores brasileiros. Deste modo, eles não podem ser considerados diários reais, mas sim ficções com o nome de Diário, sendo classificados como “Diários de ficção”. Este texto deixa de ser focado no “eu” e passa a ser focado no público que irá ler; passa então a possuir uma finalidade completamente diferente. O *Diário de Aninha Carvalho* parece cumprir os dois propósitos, tornando-se a mistura dos dois tipos textuais. Ainda assim, tratam-se de gêneros diferentes, dificultando a comparação entre ambos; é importante dar notoriedade ao *Diário de Aninha Carvalho*, um texto que pode gerar identificação mais direta com os jovens, por partir de uma realidade nacional, com cenários mais conhecidos.

A literatura escrita por jovens pode se valer de uma forma que é própria de seu universo e, mesmo não sendo muito valorizada literariamente, tem seu lugar cativo na vida deste grupo. As redes sociais, séries, músicas e referências da cultura pop estão constantemente sendo utilizadas por eles, e livros que mencionam e são construídos a partir destes elementos vão garantir uma repercussão nas rodas de conversa, presenciais ou virtuais, como nos acostumamos a realizar.

Redes Sociais

Mariana Negreiros realiza também um trabalho direcionado a jovens que queiram desenvolver a escrita, utilizando seu *Instagram* de forma ativa para isso. Dentre seus seguidores, estão os leitores e também alguns pais, que gostam de se inteirar do que leem os filhos e interagem com Mariana, apoiando conteúdos e tirando dúvidas. Seus *posts* são simples e objetivos, com dicas curtas para aprimorar algum aspecto de uma história a ser desenvolvida, como observado nos exemplos abaixo:



Imagens do Instagram de Mariana Negreiros

Colocando em evidência um dos *posts*, “A importância da família na formação do leitor”, observam-se algumas frases cujo objetivo é chamar a atenção de seus seguidores e ativar a curiosidade, contando também com ilustrações, geralmente requeridas por este tipo de conteúdo. As cores costumam ser escolhidas com o objetivo de darem destaque e chamarem atenção da pessoa que está “navegando” pela rede social; o usuário precisa deparar-se com algum elemento destacado entre

os demais que o leve a parar a rolagem de tela para ler o conteúdo. Neste caso, são cores contrastantes com a escrita e agradáveis aos olhos no momento da leitura.

A linguagem das redes sociais que proporciona diversas informações em um período muito curto de tempo está vigente na atualidade, e precisa ser levada em consideração como fonte de informação, mesmo que nem toda ela seja confiável, tendo em vista que existe a liberdade de a pessoa publicar o que quiser, sem qualquer garantia de conferência da veracidade dos fatos – a não ser por pesquisa realizada por aquele que está lendo.

O alcance de Mariana no *Instagram* ainda se mostra tímido, não havendo tantas interações com seus pouco mais de dois mil seguidores. Mas a escritora compartilha conhecimentos relevantes aos leitores, falando sobre o processo de criação e escrita e valorizando aspectos que não são discutidos em ambientes que não sejam de ensino – até porque, na escola, o incentivo à escrita fora das redações também não costuma ser frequente. Ela consegue simplificar a possibilidade de colocar as próprias histórias no papel de maneira coerente e que faça sentido.

Mariana também reitera a importância do incentivo à leitura, e o papel dos pais, que é relativamente simples. Ela escreveu nesta publicação do dia 28 de abril de 2022:

A leitura é algo muito relevante na formação de uma pessoa. Ler te leva a escrever e falar melhor, sua comunicação é ampliada por um vasto vocabulário, além de te ajudar a entender melhor situações e pessoas. Inserir os livros na infância é muito importante, pois cria no livro um ambiente acolhedor para a criança. A leitura irá deixar de ser uma obrigação e se tornará um lazer. Mas como fazer isso? A chave está na família. Crie momentos de interação familiar e amor junto aos livros. Entenda mais no post!



@marianamnegreiros

**Livros como lazer,
não como obrigação**

Ao invés de brigar com a criança,
tente trazer os livros como algo
amigável, não uma obrigação.

Seja o exemplo

Você cobra seu filho, mas
você lê? Leia mais, mostre
para seu filho que é uma
atividade legal.



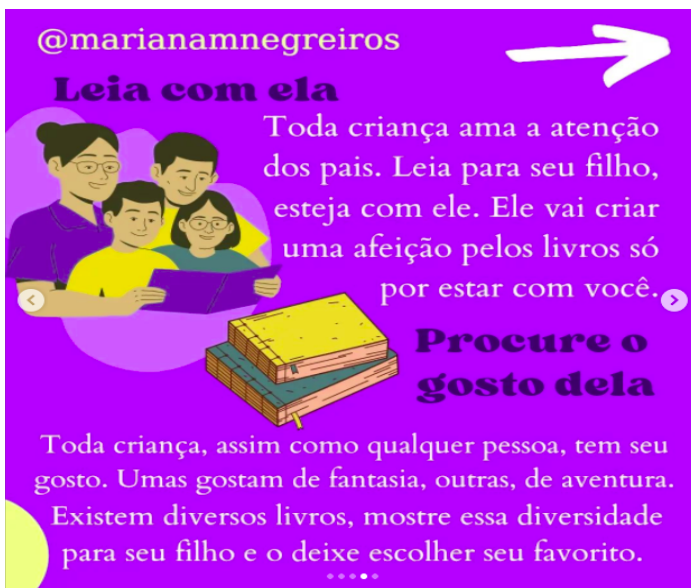
@marianamnegreiros

Leia com ela

Toda criança ama a atenção
dos pais. Leia para seu filho,
esteja com ele. Ele vai criar
uma afeição pelos livros só
por estar com você.

**Procure o
gosto dela**

Toda criança, assim como qualquer pessoa, tem seu
gosto. Umas gostam de fantasia, outras, de aventura.
Existem diversos livros, mostre essa diversidade
para seu filho e o deixe escolher seu favorito.



Imagens do Instagram de Mariana Negreiros

O conteúdo compartilhado demonstra sua utilidade como um lembrete de que é possível realizar pequenas ações para otimizar o acesso à leitura. Ao relatar a cobrança dos pais sem a contrapartida de darem o exemplo, ela retrata a realidade de uma geração que já não possui o hábito de ler, o que dificulta à criança enxergar o livro como objeto de lazer, principalmente porque a relação dos alunos com a leitura na escola está atrelada à obrigação e ao cumprimento de tarefas.

A escritora consegue dialogar com um público mais amplo sobre as dificuldades da leitura na escola, um assunto que assombra os educadores e é objeto de diversas pesquisas acadêmicas, como a da professora Gabriela Rodella

de Oliveira que, em seu doutorado, apontou na análise de dados coletados na pesquisa uma “tensão existente entre os estudantes e a leitura dos livros requisitados pela escola causada pela obrigatoriedade, pelas dificuldades encontradas de ordem linguística ou de inteligência e pelos prazos e avaliações implicados nessas leituras.” (OLIVEIRA, p. 14). Com poucas palavras, algumas imagens e de modo certo, Mariana leva à reflexão pais e alunos, na expectativa de conseguir avanços na prática.

Sugerir uma leitura em conjunto também é uma forma de aproximar a família, já que o ato demanda atenção, foco e dedicação, e criar este tipo de momento de convívio poderá ser lembrado por toda a vida daquele pequeno leitor. Para fazer um contraponto ao que é lido por obrigação na escola, buscar diferentes tipos de assuntos e leituras pode ser benéfico, até para que ocorra uma autodescoberta dos gostos pessoais. Desta forma, as publicações inspiram os pais a lembrarem-se de algumas ferramentas para resgatar ou aflorar o gosto pela leitura nas novas gerações, ao começarem por si próprios, ou seja, ela consegue dialogar, por meio destes *posts*, com as duas faixas etárias.

A exemplo de Mariana Negreiros, Pedro Rhuas também se mostra conectado com os jovens, e o seu alcance é ainda maior: ele “estourou” no Brasil através da plataforma *TikTok* e faz parte de um grupo denominado *Booktoker*, ou seja, um criador de conteúdo sobre literatura no formato de vídeos curtos daquela rede. O *TikTok* foi criado em 2016 pela startup chinesa *ByteDance*, e cresceu após a aquisição do *Music.ly*, uma ferramenta com as mesmas funcionalidades. Atualmente, o *TikTok* tornou-se o aplicativo mais baixado na *App Store* e está entre as dez mídias sociais mais acessadas no mundo, com mais de 1 bilhão de usuários ativos. A ferramenta é organizada com conteúdo em formato multimídia e seus usuários, os *tiktokers*, podem criar, postar e compartilhar vídeos de até 60 segundos.

O *TikTok*, que está acessível em 150 países e convertido em 75 línguas, chegou ao Brasil em meados de 2019. O aplicativo se destaca pelo público estratégico que alcança: cerca de 66% de seus usuários têm menos de 30 anos, uma geração de jovens conectados com idade majoritariamente entre 15 e 25 anos, que costumam gravar esquetes de humor ou dublagem de músicas, filmes, séries e demais vídeos da internet.

Monteiro (2020), acredita que o *TikTok* apresenta contribuições inclusive para o processo de aprendizagem:

Nele, o professor empreendedor encontra a possibilidade de produzir e divulgar conteúdos educativos, despertando a curiosidade e o engajamento dos alunos, aumentando o interesse pelos estudos e tornando o ato de aprender mais motivacional, colaborativo, interativo e, principalmente, significativo. (MONTEIRO, 2020, p. 13)

De modo semelhante, Pedro parece contribuir para a comunidade leitora através de seus mais de 50 mil seguidores nesta rede, e passa dos 85 mil no *Instagram*. Seu livro *Enquanto eu não te encontro* foi um dos primeiros romances nacionais com representatividades LGBTQIA+ e nordestina a estreiar direto na lista dos mais vendidos da Revista Veja.

O perfil de Pedro Rhuas no *TikTok*, que possui vídeos com mais de 130.000 visualizações, tem como figura principal o próprio Pedro, na maioria das vezes com o seu livro *Enquanto eu não te encontro* nas mãos e relatando aspectos da história ou de seu sucesso. As cores preponderantes, portanto, são as da capa do livro, uma mistura de roxo e rosa. Ele fala, na maior parte dos vídeos, sobre assuntos referentes ao livro, aos leitores e aos eventos que participa enquanto escritor. Os comentários dos espectadores costumam ser de bastante empolgação, elogios e exposição do desejo de adquirir o livro. Há também os relatos pessoais de identificação com a história, principalmente do público LGBTQIA+ e nordestino. Apesar de ser cantor, a rede social está direcionada para o sucesso que o livro faz, e o autor participou da Bienal Internacional do Livro de São Paulo em julho de 2022.

Ao considerar os números de vendas, o livro de Pedro pode ser classificado com um *best seller*, e é compreensível que o autor se aproveite de todas as oportunidades de divulgação e venda do seu livro para aumentar a autopromoção. O fator “viralização” nas redes sociais foi primordial para que ele alcançasse tamanha fama, o que poderia colocar quesitos como a qualidade da história em questionamento. Posso afirmar, entretanto, que há motivos para que o livro siga “viralizando” e justifico o seu sucesso: como leitora e falando livremente, considerei um livro excelente, cuja história me prendeu e cativou, com temáticas atuais e que são tratadas com leveza e naturalidade.

Uma passagem interessante do livro e que vale a pena ser destacada é a de um diálogo entre a personagem principal, Lucas, um rapaz gay que não estava tendo muita sorte nos romances e o seu *crush* francês que ele conheceu no meio da balada chamada *Titanic*, após um esbarrão desastroso. Pierre derruba a bebida colorida na calça branca de Lucas, e o acontecimento gera uma aproximação entre

os dois. Na parte em que se conheciam melhor, Lucas questiona o que francês faz para manter uma fluência tão boa no português, ao que Pierre responde, contando seu segredo:

– Lendo muito. A literatura brasileira é uma das minhas grandes paixões. Clarice Lispector, Veríssimo, Nelson Rodrigues, Jorge Amado, Adélia Prado... – Pierre diz, e não fico surpreso com o que ouço. – Que massa. Gosto mais de séries de fantasia. Tipo Percy Jackson, Academia de Vampiros, Instrumentos Mortais, Jogos Vorazes... – falo, evitando dizer que nunca fui muito de ler obras clássicas nacionais. Reconheço que preciso corrigir isso e estou tentando, tá? Dom Casmurro, por exemplo, foi uma grata surpresa. Eu amei toda a tensão homoerótica entre Bentinho e Escobar. (RHUAS, 2019, p. 51)

Na conversa acima, entramos em contato com a importância do cânone sendo reproduzida justamente pela personagem de quem se esperava tal postura: um estrangeiro considerado refinado utilizando de linguagem dita clássica para manter sua fluência na nossa língua. Já o brasileiro se reconhece com um gosto popular, citando séries de livros que todos conhecem, mas, ao mesmo tempo, se mostra envergonhado por não ler os livros tradicionais – dialogando sobre isso com o leitor, mas não com seu interlocutor. Ele faz uma auto recriminação junto de um reconhecimento de que a leitura dos livros canônicos lhe traria benefícios, e comprova em seguida tal constatação com a lembrança de ter se surpreendido com a leitura realizada de *Dom Casmurro* – cuja interpretação pessoal não costuma ser debatida em classe.

Nota-se que este diálogo acontece na vida real, e ele se forma de diversas maneiras. Quando mais os jovens falarem sobre assuntos que realmente lhes são caros, expondo seus pontos de vista, gostos e visões e problematizando questões concernentes a eles, melhor inseridos na sociedade eles estarão. Na verdade, eles já estão fazendo tudo isso. Mas, refletindo sobre o que diz a música do finado Chorão, da banda Charlie Brown Jr., “o jovem no Brasil nunca é levado à sério”. Não se trata então, pelo menos a princípio, de ouvir com atenção o que eles têm a dizer?

Além de Pedro Rhuas abordar com ênfase os assuntos que lhe interessam em suas obras, ele também desenvolve paralelamente uma carreira de cantor ligada à de escritor, sendo algumas de suas composições relacionada a este livro; as letras fazem referência a acontecimentos da história, características das personagens, seus desejos e contém uma mensagem otimista e alegre. O ritmo é *pop*, Pedro tem uma voz agradável, seu estilo de cantar possui características

comuns à músicas sintetizadas de vários artistas da atualidade; por não possuir conhecimento no campo musical, aponto somente o meu gosto individual ao não ser entusiasta de suas obras musicais; no entanto, o aspecto comercial de suas redes aponta para a existência de um público interessado em seus produtos, consolidando-o como um fenômeno na internet.

Rhuas afirma estar acontecendo um debate no *TikTok* sobre a classificação indicativa das histórias, com muitas crianças perguntando se podem ler os seus livros, evidenciando um interesse por temas LGBTQIA+ desde uma idade tenra. O jovem tem se mostrado atuante quanto aos seus interesses, e o espaço dos comentários nas redes sociais é um veículo de comunicação que os permite participar, opinar e exigir dos autores que suas vozes sejam ouvidas e levadas em consideração.

Lavínia Rocha, sendo tão atuante quanto Pedro nas redes, possui uma abordagem diferente. Ele parece focar em seu sucesso como ponto de partida, com a premissa de que “sucesso atrai mais sucesso”. Já Lavínia, além de divulgar seus livros com mais detalhes e contar um pouco sobre o seu dia a dia como professora de história que começou a lecionar recentemente, faz também do perfil a sua página pessoal, com fotos suas, de amigos e família. É uma página bastante colorida, marcada pelo largo sorriso da moça e por diversos desafios *#booksasoutfits* – quando os usuários da rede se vestem em combinação às capas dos livros que estão lendo ou divulgando. Ela consegue atingir a proposta da rede, que é a visualização das fotos com textos curtos, passando mensagens rápidas ao mostrar os livros e dar sinopses, e ao divulgar os eventos presenciais ou *online* dos quais participa enquanto escritora, compartilhando as ideias de aulas interativas e suas execuções como professora. Ela tem pouco mais de mil publicações, e mais de 55 mil seguidores.

Seguem alguns exemplos destas publicações:



265 curtidas

laviniarocha "Quando me descobri negra", da @biancasantanadelua, é um livro muito importante pra mim. Li em 2017, num momento muito importante da minha trajetória de identidade racial. É incrível, indico muito!

Books as outfits é um desafio para se vestir de acordo com a capa do livro! Essa é a foto de hoje (você pode ver outras aqui no meu perfil)



212 curtidas

laviniarocha "Meu sonho é escrever", de Carolina Maria de Jesus, uma das minhas escritoras favoritas! Essa é a foto de hoje do desafio Books as outfits, que consiste em combinar a capa do livro com a roupa!

#CarolinaMariadeJesus #leiamulheresnegras #literatura #literaturanegra #booksasoutfits #LaviniaRocha

Ver todos os 3 comentários

Imagens do Instagram de Lavinia Rocha

Nas figuras acima, temos dois exemplos do cumprimento do desafio de se vestir combinando com as capas dos livros. Lavinia conta brevemente a sua relação com as obras, que são de autoras que admira, e elas, em sua maioria, têm a temática racial como foco principal. Na primeira figura, ela divulga o livro *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana, um livro que relata experiências pessoais e ouvidas de outros negros iniciado pela seguinte sentença: “Tenho 30 anos, mas sou negra há 10. Antes, era morena”. (SANTANA, 2015, p.9) A autopercepção e aceitação enquanto negra foram processos pelos quais a própria Lavinia passou, e ela recomenda a leitura aos seguidores que se identificam com a situação.

A segunda figura traz o livro *Meu sonho é escrever*, de Carolina Maria de Jesus, lançado em 2018, uma coletânea de textos inéditos da consagrada autora, organizado pela pesquisadora Raffaella Fernandez. O livro traz contos, provérbios, pensamentos e memórias da autora, num tom indiscutivelmente pessoal no domínio de recursos literários. Segundo a escritora e crítica Heloisa Buarque de Holanda, o livro *Meu sonho é escrever* “é um trabalho apaixonado de restauro. Trata-se do

resgate cuidadoso dos vários sentidos e tonalidades de um narrar-se mulher, mulher negra, mulher favelada” (HOLANDA apud FERNANDEZ, 2018). Os textos presentes na obra foram coletados em arquivos públicos de Sacramento (MG), Rio de Janeiro e São Paulo. Para este livro, os escritos de Carolina Maria de Jesus foram editados e revisados, ajustando pontuações e realizando pequenas emendas, em uma tentativa de não interferir de forma a descaracterizar o conteúdo original.

Lavínia posta também várias fotos das suas obras, estando com elas em mãos ou em diferentes cenários, coloca uma sinopse e convida o leitor a conhecer melhor a história, divulgando as plataformas de venda digitais:



Imagens do Instagram de Lavínia Rocha

O aspecto comercial da conta de Lavínia difere do de Pedro Rhuas, tendo em vista que seu perfil não se apresenta direcionado à venda de suas obras, aparecendo de maneira orgânica em meio a outras publicações que evidenciam seu gosto por diversas leituras, bem como suas atividades profissionais e pessoais. Deste modo, mesmo nas propagandas de seus livros, ela parece estar dando a

conhecer uma parte de seu trabalho, o de escritora, mas mostra também seus outros interesses e afazeres, humanizando sua rede, gerando uma identificação mais completa em seus seguidores, e não evidenciando apenas um lado de seu cotidiano, nem dando a entender que a venda das obras é o mais importante no perfil, e sim o seu amor pela leitura.

Os jovens autores se mostram realizados ao perceber que aquilo que eles escrevem pode ajudar outras pessoas a ver o mundo de uma forma diferente, e faz parte do trabalho deles estar em contato com estes leitores em eventos como Bienais do Livro, algo que na minha época escolar, eu não me lembro de ser tão acessível. Aproximar os leitores dos autores mostra-se fundamental neste tempo em que a tecnologia trouxe tantas mudanças no modo de acessar as obras e de se relacionar com elas.

A atuação destes três autores nas redes sociais é diversa: Mariana apresenta materiais de aprendizagem e incentivo à leitura e escrita, Pedro enfatiza a importância da representatividade e o aspecto comercial das suas contas e Lavínia mostra o seu trabalho enquanto escritora e professora, além da vida pessoal. Cada um deles tem a sua importância e papel no encantamento de leitores e contribuem para sua posterior formação. No próximo capítulo, vamos aprofundar a abordagem de Lavínia Rocha e buscar compreender o motivo de torná-la estudo de caso desta dissertação.

CAPÍTULO 2. O ESTUDO DE CASO DE LAVÍNIA ROCHA

Para iniciar este capítulo, relembro a experiência que tive ao me deparar com os livros no estande da Editora D'Plácido na II Bienal do Livro e da Leitura de Brasília. Eles tinham capas coloridas, ilustrações bonitas e destacadas, e davam as boas-vindas a qualquer um que passasse em frente à loja. Eu os vi e ouvi instantaneamente um chamado, como quem é convidado a entrar e tomar um “cafézinho” em uma casa mineira e, como mineira “raiz” que sou, nem questioneei: só queria saber de quem era aquela casa com uma decoração tão bonita e aconchegante.

Ao observar mais detalhadamente o estande, deparo-me com uma casa realmente mineira: a editora era de Belo Horizonte, e apesar de parte dos “cômodos” da casa serem revestidos da seriedade dos livros jurídicos, a parte colorida dela era a única que me interessava e parecia interessar mais aos que me acompanhavam lá dentro. A primeira anfitriã da casa me recebeu com um sorriso enorme, de dentes muito brancos e crescente empolgação. Descobri Lavínia Ferreira Rocha, com a idade de 19 anos e um entusiasmo difícil de encontrar. Ela foi extremamente simpática, apresentou-me a casa e às outras autoras: Bibi Ribeiro, Adelina Barbosa, Fernanda Freitas e Mariana Cestari. Todas se mostraram animadas por estarem ali, como se estivessem em uma festa, mas continuei a minha conversa mais acalorada com a primeira anfitriã.

A tendência de abrir meu coração às pessoas que me abrem um sorriso sincero é latente, parece que eu faço isso desde que me entendo por gente. Passei a contar para a Lavínia toda a minha história com a leitura e sobre a minha monografia da graduação, que buscou entrar em contato com expectativas de leitores brasilienses em relação à leitura. Ela acolhia minha empolgação, talvez por ressoar com a sua própria, e me contou um pouco sobre como começou a escrever uma história fora da redação escolar aos 11 anos, escondida de todos em seu notebook (observo a diferença de geração entre nós duas: sendo sete anos mais velha, os computadores não eram artigos à disposição de crianças à minha época, e ao constatar a realidade tecnológica atual, temos no celular a maior ferramenta de todas no sentido de acesso à leitura e escrita rápidas – àqueles que se interessam pelo assunto, claro. Iremos falar mais sobre isso). Lembro-me de, neste momento, tomar uma decisão e dizer a ela: “Lavínia, um dia eu farei um mestrado, e o tema dele será você e os jovens escritores”. Ela se sentiu lisonjeada, e talvez acreditou

mesmo, já que eu deixei aquela loja com dez livros daquelas autoras, e dois deles de um autor que não estava presente, mas que elas me convenceram de levar também como se fossem seus – era um grupo bem unido e com um propósito. E eu precisava descobrir qual era.

2.1. SOBRE A AUTORA E SUAS OBRAS

Breve Biografia e apresentação das obras

Lavínia Ferreira Rocha nasceu no dia 24 de maio de 1997, em Belo Horizonte. O pai foi bancário, taxista e, após o nascimento de Lavínia, fez faculdade de Letras, chegando a trabalhar por um período como professor de Português. Por não ter se identificado com a profissão, ele voltou a ser taxista. A mãe é professora de Biologia, também com formação após o nascimento da filha, e eles observaram que Lavínia tinha o hábito de leitura muito mais consolidado do que o deles. A autora relata que não cresceu em uma casa cheia de livros com os pais lendo o tempo todo, mas que, ainda assim, era muito motivada sempre que demonstrava interesse em qualquer tipo de leitura. A mãe percebeu também que os livros eram uma ferramenta de distração e uma maneira de manter uma criança bastante agitada “sob controle”.

A formação escolar de Lavínia foi realizada em redes privadas de ensino. É licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Seus pais foram grandes incentivadores do hábito da leitura; eles tinham um combinado que, se ela mantivesse suas notas altas, já que era competitiva e gostava de se sentir desafiada, ela ganharia um livro por mês de sua escolha de presente. Quando esse projeto foi mingando, ela ainda tinha acesso ao acervo da biblioteca da escola, além de orientações da bibliotecária.

Percebeu que gostava de escrever por causa das aulas de Produção de Texto na escola, mas detestava o limite de trinta linhas imposto pela professora. Então, aos onze anos, Lavínia decidiu escrever seu próprio romance sem precisar se importar com limites ou temas pré-estabelecidos. Sem contar pra ninguém, foi escrevendo aos poucos num notebook que ela usava em casa, guardando numa pasta sua, com muito medo de alguém encontrar. Embora nunca tenha sido tímida e introvertida, morria de vergonha só de imaginar alguém lendo o que escrevia. Mas,

influenciada por sua prima e por uma amiga, decidiu mostrar à mãe sua primeira história.

Com os esforços dos pais, em 2010, lançou de forma independente seu primeiro romance, *Um amor em Barcelona*, aos treze anos – e desde então não parou de escrever. Aos 14, começou a escrever *De olhos fechados*, e quando percebeu que o livro seria maior, com mais de 200 páginas, buscou uma editora, já sabendo que para publicar este de forma independente sairia muito mais caro. Em 2014, após mais de 6 meses de espera, foi contactada pela editora D'Plácido, que publicou não só este, como também os seus livros seguintes, a trilogia *Entre 3 mundos*, *Entre 3 segredos* e *Entre 3 razões*. Posteriormente, *De olhos fechados* – que possui uma protagonista cega, foi publicado também em braille, e existem cópias disponíveis na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Em 2021, seus livros foram reeditados pelo Grupo Autêntica, que lançou o mais recente *O mistério da sala secreta*. A autora faz parte das antologias *Amores Improváveis – No Colégio* - proposta pela Editora D'Plácido em 2016 aos seus escritores jovens associados Adelina Barbosa, Fernanda Medeiros, Bibi Ribeiro, Mariana Cestari, Augusto Alvarenga e Aimee Oliveira; *Flores ao mar*, escrito em conjunto com o grupo autodenominado “Quilombinho” Lorrane Fortunato, Olívia Pilar, e Solaine Chioro; e *As artes mágicas do Ignoto*, com Dante Luiz, Delson Neto, Waldson Souza, G.G. Diniz, Camila Cerdeira, Larissa Usuki, Nair Nascimento, L.V. Matos, Sol Chioro e Carolina Cassiano.

Capas dos livros da autora:



Fig.1 - *Um amor em Barcelona* Fig. 2 - *De olhos fechados* Fig, 3 - *Entre 3 mundos*



Fig. 4 - Entre 3 segredos



Fig. 5 - Entre 3 razões



Fig. 6 - O mistério da sala secreta

A capa de *Um amor em Barcelona*, representada na Figura 1, é azul clara, com o fundo dividido em um mosaico de azulejos que remetem às obras de Antoni Gaudí, famoso por seus monumentos em Barcelona. Ao centro está a protagonista Isabela, branca, com os cabelos lisos, abraçando um coração para simbolizar seu primeiro amor. A ilustração central, bem como o título e o nome da autora e da editora estão em acabamento laminado brilhoso, ganhando o devido destaque.

A Figura 2, referente à capa do *De olhos fechados*, é constituída predominantemente da cor verde em sua transição para um azul celeste, compondo o cenário do céu e alguns locais históricos de Belo Horizonte nas cores branca com contornos azuis. Ao centro, observa-se quatro silhuetas em preto, sendo a primeira de um cão guiando uma moça, seguida por um rapaz e, por último, outra moça. Ela também possui acabamento laminado brilhoso no título e nas silhuetas.

As capas da trilogia *Entre 3 Mundos* possuem a cor roxa em comum como principal elemento. No primeiro deles, está a protagonista Alisa, de costas, com os cabelos presos, usando um vestido vermelho e andando por um caminho por entre o qual é possível divisar uma cidade moderna com suas luzes e, no sentido oposto, um castelo medieval e um reino ao longe, representando os dois mundos que ela conhece, o normal e o meio-mágico. A capa de *Entre 3 Segredos* traz uma cama ao centro, com a protagonista deitada e escorada em um livro, possivelmente naquele sobre a sua magia que descobrira no início da história. No travesseiro, está encostado um peixinho de pelúcia marrom, um símbolo de seu afeto por Dan. Há um grande pote com um conteúdo iluminado ao lado da cama, possivelmente ligado à

magia também. A capa de *Entre 3 Razões* dá destaque à Alisa, no centro, usando um vestido amarelo e apontando um dos braços para cima, em uma postura de liderança. Ela usa os cabelos soltos, diferente das outras capas, e passa a segurança de uma princesa, segurando uma tiara na outra mão. Posiciona-se em frente a uma escadaria, que leva a um castelo. Percebe-se a evolução e um crescimento claros da personagem por sua postura nas capas, e uma harmonia entre as cores e ilustrações da trilogia, além de serem todas muito bonitas.

Seu lançamento mais recente, *O mistério da Sala Secreta*, possui uma capa diferente das demais, também por ter sido publicado por uma nova editora, a Yellowfante. A capa possui cores mais sóbrias, por representar as paredes do colégio, e o título está descrito numa representação de folha de caderno com letra cursiva. Abaixo, estão os dois protagonistas, negros e com cabelos *black powers*, em frente à uma porta vermelha.

Capas das coletâneas com a autora:

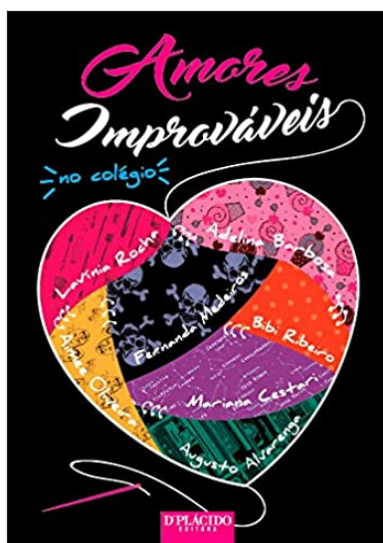


Fig. 7 - Amores Improváveis



Fig. 8 - Flores ao mar



Fig. 9 As artes mágicas no Ignoto

As capas das coletâneas não seguem um padrão, tendo em vista que foram lançadas por editoras diferentes. As da Figura 7 e da Figura 9 se destacam por possuírem os nomes de vários autores descritos, e a da Figura 8 possui um desenho das irmãs protagonistas da obra em um navio apreciando fogos de artifício, sendo que cada uma das autoras escreveu um conto sobre uma das irmãs.

Aos 17 anos, Lavínia passou a se engajar em lutas de minorias, como o movimento negro e o feminista, e trouxe para seus livros mais atuais temas de relevância social. Foi colaboradora do *blog* "Desejo Adolescente" nas categorias

“comportamento” e “feminismo”, e em 2017, a convite da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, ministrou palestras com o tema *Feminismo não é palavrão* para adolescentes de 10 a 16 anos. Logo depois do primeiro convite, recebeu diversos outros para repetir a palestra.

A autora também já participou de bienais e feiras, como a de Brasília, quando a ideia desta dissertação nasceu, mas também as do Rio de Janeiro, São Paulo, Resende, Contagem, Ubá, Alfenas, Lavras, Rio Novo, dentre outras cidades. Ela foi entrevistada por programas de rádio, televisão e por jornais impressos, teve seus livros adotados em inúmeras escolas do Brasil e já ministrou a palestra *Não existe idade para começar a sonhar: como me tornei escritora aos 13 anos* em diversas escolas, faculdades e instituições.

Como já mencionado, em 2021, Lavínia decidiu criar o pseudônimo Lia Rocha, que tem a finalidade de separar os públicos, para que leitores que estão na fase da infância até o início da adolescência saibam o que foi pensado para eles (Lavínia Rocha) e o que foi escrito para leitores jovens e adultos (Lia Rocha). Como Lia Rocha, ela publicou *Coisas incríveis acontecem* e participou da coletânea *Formas Reais de Amar*, com Olívia Pilar, Solaine Chioro e Val Alves.



Fig. 10 - *Coisas incríveis acontecem*

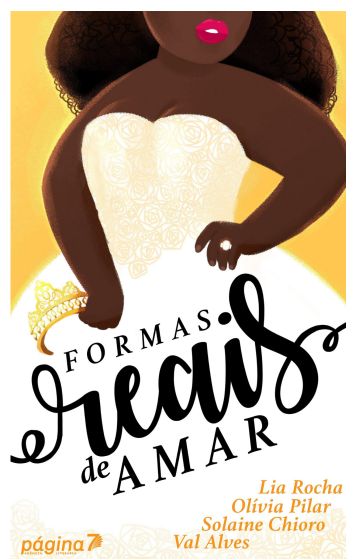


Fig. 11 - *Formas reais de amar*

A capa de *Coisas incríveis acontecem* é predominantemente roxa e apresenta uma parte de um quarto, com uma bancada de maquiagem e outra parte com computador e materiais para criação de conteúdo digital. Na Figura 11, a capa de *Formas reais de amar*, o desenho de parte do rosto e do corpo de uma moça

negra com um vestido branco com o nome das autoras na barra e um fundo amarelo.

Lavínia é bastante conectada às redes sociais, produzindo conteúdo sobre leitura, escrita e assuntos diversos de seu interesse. Seu canal no *YouTube* tem vídeos apresentando seus livros, interações com as escolas que os adotam e as entrevistas que deu para diversos veículos de comunicação.

2.2. O CONTATO COM SUAS HISTÓRIAS

Depois daquela Bienal em 2016, posso afirmar que não fui mais a mesma pessoa. Primeiro porque eu pude reviver aquela emoção que eu sentia quando era criança e os meus gibis da Turma da Mônica chegavam pelo correio. Eu saí daquela tarde da feira com cerca de 20 livros, precisei inclusive comprar uma bolsa resistente para carregá-los. Levei ainda alguns meses para conseguir ler o meu mais novo acervo.

Comecei a ler os livros da Lavínia, ainda contagiada pela sua alegria, e decidi seguir seu conselho de lê-los na ordem em que ela os escreveu. Ela me disse que, desta forma, eu conseguiria perceber o seu amadurecimento, da infância à adolescência, das temáticas que ela escolheu abordar e a forma como buscou aprimorar suas técnicas de escrita. E assim o fiz. Peguei *Um amor em Barcelona*, o livro mais fino, e comecei a ler.

UM AMOR EM BARCELONA

Este livro conta a história de Isabela, uma menina de 14 anos cujos pais separados a obrigam a passar as férias escolares com o pai, político influente em Barcelona. Ela não gosta das viagens porque, ao chegar à Espanha, acaba passando seus dias presa, cercada de seguranças ou fazendo os programas “chatos” que o pai gosta, como ir a museus. Se a ela fosse dada a escolha, ficaria em sua cidade passando tempo com a melhor amiga da escola, mas sua mãe está namorando um canadense, pretende visitá-lo e Isabela não quer atrapalhar.

A protagonista relata como são essas viagens:

Na última vez que eu fui para a casa do meu pai, ele ficava trabalhando o dia inteiro e eu mal o via. Ficava abandonada naquela casa sem nada pra fazer. Isso porque se eu desse um passo para a

rua, viriam seguranças atrás de mim. Terrível! Em outra vez, meu pai saiu comigo, mas só me levou a museus chatos e, para falar a verdade, preferia ter ficado naquela casa à toa. Quero dizer, preferia nem ter ido. (ROCHA, 2016 p. 13)

Isabela tem como característica principal a personalidade forte, de não aceitar com facilidade as condições que lhe são impostas e de lutar por seus direitos, apesar de saber que não terá escolha, a não ser viajar e passar o tempo na cidade do pai. Ela também se mostra teimosa e vai aprendendo com as outras pessoas de seu convívio que as situações podem ser diferentes do que ela espera, revelando-se favoráveis a ela.

Desta vez, ela irá acompanhada de uma prima que mal conhece, Briana. O tio, pai de Briana, também mora na Espanha e trabalha com seu pai. Mas, ao contrário de Isabela, Briana está empolgada com a viagem – fato que a princípio irrita bastante a protagonista, mas, à medida em que se conhecem melhor, as duas fazem planos para conseguirem fazer passeios sem tanta supervisão. Numa dessas ocasiões, elas conhecem dois rapazes e se apaixonam imediatamente; a partir daí, arquitetam mais planos para conseguirem o contato dos rapazes e reencontrá-los.

É interessante que a autora tenha como temática uma viagem que poderia ser atrativa, mas que a pouca idade de Isabela e a superproteção de seu pai transformam em um martírio. Lendo a história como adulta, lembro-me de ter pensado que adoraria visitar os museus “impostos” por seu pai, mas é preciso reconhecer que, enquanto criança, visitar museus não é um programa atraente. Lavínia escrevendo enquanto criança apontou uma obviedade para o seu público alvo; mas o adulto que lê precisa descobrir de que maneira acessar essa linguagem. A simples lembrança de já ter sido criança ou observar comportamento de crianças próximas pode ser suficiente, sem haver necessariamente a reflexão da diferença existente entre si mesmo e a audiência alvo. Uma leitura isenta de julgamento, com a expectativa de que ela não preencha os requisitos do romance dito adulto, leva a uma possibilidade de se apresentar mais aberta, mesmo que as experiências de cada um se relacionem diretamente com a cena descrita, e elas sejam imprescindíveis para a formação destas cenas, ou seja, cada pessoa vai partir de suas próprias vivências para construir os cenários propostos.

Segundo Hunt (2010), nas tentativas de compreensão sobre como se forma o sentido e se dá o nosso encontro com o texto enquanto leitores, precisamos entender o que ocorre quando lemos, e qualificar cada etapa de modo semelhante

ao que talvez esteja acontecendo com uma criança. Ele acredita que analisar um livro separando enredo, personagem, espaço, e estilo reduz a experiência do texto a uma série de passos analíticos: “para a maioria dos leitores, obrigados a fazer esse tipo de exercício na escola, é provável que destrua qualquer ganho que uma pessoa possa ter ao se encantar por um livro.” (HUNT, 2010, p. 15).

A autora trouxe elementos na história que interessam ao leitor, como conhecer mais sobre Barcelona. Lavínia relata que não conhecia a cidade quando escreveu o livro, quando tinha onze anos, mas realizou extensas pesquisas na tentativa de descrevê-la com fidedignidade. Depois de mais velha, teve a oportunidade de visitar Barcelona e de realizar um sonho.

O livro, desde sua apresentação até o final, mantém uma linguagem simples, com uma narração em primeira pessoa, sendo a voz da própria Isabela que comanda a história. Possui muitos diálogos e é, portanto, de leitura fluida e rápida, sendo também um livro curto – minha edição tem 77 páginas. Ele contém diversos estereótipos de personagens tidos como ideais: a descrição física de todas as personagens menciona características europeias e um padrão de beleza que não é necessariamente parte do cotidiano de quem lê. A protagonista branca de cabelos lisos é o tipo de protagonista que costumávamos ver nos contos de fadas (e não só neles), portanto não acontecia um questionamento da parte dos leitores de contar com personagens tão diferentes da realidade, mas que eram idealizados e ainda o são. Porém, com o acesso à informação tão difundido hoje em dia, as crianças e adolescentes estão tendo oportunidade de questionar inclusive os motivos de os padrões de beleza que lhe são impostos serem estes, e não os que se aproximam da realidade brasileira.

Lavínia colocou nas meninas um sobrenome fictício, mas que possui características de ser espanhol: Menzáles. Como a origem dos pais de Isabela e Briana é espanhola, a escolha (ou invenção) do nome parece se ajustar à situação, e a aversão da protagonista pela língua espanhola, que faz parte do pacote “eu odeio visitar meu pai em Barcelona”. Na medida em que Isabela vai conhecendo outras realidades e programas na cidade na qual se sente tão entediada, as chateações vão dando lugar ao interesse e à diversão.

Por se tratar de uma história de amor, parece-me possível estabelecer uma breve comparação com *O Primeiro Amor de Laurinha*, do Pedro Bandeira, que eu li com a mesma idade que os alunos das escolas adotantes dos livros da Lavínia estão lendo. Faz-se importante destacar o papel de Bandeira para a literatura

infantojuvenil brasileira, organizado na tese de Magro (2011), que elenca os elementos mais relevantes do autor:

a) o escritor alcançou o primeiro lugar no ranking de maior número de títulos publicados na década de 2000; b) é autor vivo, que pode contribuir com informações reais; c) é pessoa acessível e prestativa para pesquisas que o envolvem; d) autor com mais de 100 títulos publicados de mais de 20 milhões de exemplares vendidos; e) em minha experiência profissional, como professora e coordenadora de biblioteca em escola pública estadual paulista durante a década de 1990, percebi que, ao sugerir leitura livre aos alunos, vários títulos de Pedro Bandeira recebiam preferência pelos meus jovens leitores; f) ele é um representante vivo de escritor da contemporaneidade que vive de literatura infantojuvenil; g) mantém contato com os leitores por meio de cartas e e-mails; h) concede entrevistas aos mais diferentes meios de comunicação e para diferentes fins; i) visita colégios etc, ou seja, está sempre à disposição para a comunicação com o seu público leitor. (MAGRO, 2011, p. 24)

Pedro e Lavínia parecem representar um papel semelhante na literatura infantojuvenil, cada um a seu tempo e dispendo dos recursos que possuíam. Lavínia está crescendo em seu alcance nas redes sociais e nas escolas que adotam seus livros; Pedro mostrava-se acessível para realizar um trabalho semelhante ao de Lavínia hoje – sendo Lavínia inclusive uma leitora das obras de Bandeira, e as tinha como inspiração para escrever.

Retomando os dois romances e visando fazer um paralelo entre eles, a primeira diferença é entre os narradores, pois o livro de Bandeira traz o narrador que não participa da história. *O Primeiro Amor de Laurinha* se ambienta, em maior parte, na escola, enquanto a história de Isabela gira em torno de sua viagem à Barcelona. A descrição de Laurinha é de uma menina dócil, meiga, passiva em relação às situações que vive, quase como se uma pessoa mais velha que a observasse de fora a descrevesse a partir do seu comportamento – bem ao estilo narrador-observador. Como conhecemos o interior de Isabela, o que ela pensa, sente e como age, ela se mostra como uma menina de personalidade forte, teimosa e até mesmo briguenta. Por se tratarem de características mais marcantes, ela atua como protagonista da própria história, enquanto Laurinha aparece como vítima das circunstâncias que se apresentam, como se observa em toda boa mocinha tradicional.

As duas personagens se apaixonam “à primeira vista”, tópico comum aos romances, e elas passam por dificuldades que são externas às suas vontades até conseguirem se reencontrar ou se declarar para os respectivos objetos de afeição. A

intensidade do primeiro amor é descrita de maneira semelhante, com bastante emoção e a sensação dramática de que será o único contato com o amor que elas terão na vida.

Em *O primeiro amor de Laurinha*, acontece um mal entendido entre ela e sua prima, que também estava apaixonada pelo mesmo rapaz e acreditava que a afeição dele era por ela. A prima não tinha interesse que Laurinha soubesse sobre o sentimento de Adriano, e acontece um mal entendido semelhante em *Um amor em Barcelona*, quando a tia de Bernardo não dá o recado aos rapazes, com receio de arrumarem confusão com o pai de Isabela, que era influente na cidade. O conflito ocorrido costuma trazer elementos externos à vontade das protagonistas, que acabam por ser injustiçadas em boa parte da história, acontecendo a redenção apenas no final.

Para compreender melhor o contexto do autor, Pedro Bandeira, ao final de *O primeiro amor de Laurinha*, faz uma breve biografia de si mesmo:

Meu nome é Pedro Bandeira. Nasci em Santos em 1942 e mudei-me para São Paulo em 1961. Cursei Ciências Sociais e desenvolvi diversas atividades, do teatro à publicidade e ao jornalismo. A partir de 1972, comecei a publicar pequenas histórias para crianças em publicações de banca, até, desde 1983, passar a dedicar-me totalmente à literatura para crianças e adolescentes. Sou casado, tenho três filhos e uma porção de netinhos. (BANDEIRA, 1999, p. 54)

Não consigo imaginar um perfil de autor mais diferente de Lavínia, mas, ao mesmo tempo, correspondendo exatamente ao que se esperava de um autor nos anos 90. Fica claro que, a partir de experiências de vida diferentes dos autores, nasçam histórias completamente diferentes, ainda que com um público-alvo em comum. A construção das personagens da autora Lavínia de 11 anos demonstra a reprodução de estereótipos que ela estava acostumada a ver enquanto leitora: Isabela é descrita como branca e com cabelos lisos, Briana também é branca, com cabelos ondulados; Bernardo é descrito como branco, com o cabelo cacheado e loiro (presume-se que os cachos não são crespos, dentro de um padrão europeu) e com os olhos azuis, e Eduardo é descrito com cabelos escuros. Nesta terceira edição, que foi lançada pela D'Plácido, as ilustrações consolidam as descrições apresentadas, e ao recordar dos livros infantojuvenis que li nas séries iniciais, não me recordo de encontrar padrões diferentes destes; inclusive, em *O Primeiro Amor de Laurinha*, Pedro Bandeira quis retratar a protagonista com alguma característica

diferente e marcante, colocando-a com os cabelos ruivos – claro que os ruivos são uma minoria, mas não o tipo de minoria que demanda retratação histórica.

Lavínia era levada a acreditar que, para serem personagens das histórias que contaria, elas precisariam se parecer com as personagens das histórias que ela lia. A naturalização deste padrão branco, magro e de cabelos lisos estava intrínseca nas descrições das personagens a que ela estava acostumada, o que a fazia acreditar que estava tudo bem em não representar a realidade, começando por si mesma, que não se parecia em nada com a Isabela e nem mesmo com a Briana.

A leitura leve, fluida e rápida de *Um Amor em Barcelona* me transportou para um lugar na adolescência em que passei por histórias parecidas, nunca incólume. Cada livro que lia nesta época me fazia refletir sobre aqueles sentimentos despertados, e abria possibilidades de identificar essas novas sensações desejosas de aventura no meu dia a dia. É um livro que entrega seu propósito de apresentar emoções juvenis e gerar identificação, principalmente nas leitoras femininas que partilham de gostos e experiências parecidas às de Isabela.

DE OLHOS FECHADOS

Cecília é uma jovem de 15 anos que leva uma vida como a de qualquer outra adolescente da sua idade, buscando não encarar o fato de ser cega desde que nasceu como uma limitação. Além disso, perdeu a mãe recentemente e conta com o pai e a irmã mais nova, além da melhor amiga no colégio. É interessante que na sinopse do livro, a autora destaca o mistério contido no enredo à frente deste detalhe sobre a heroína, colocando a temática da inclusão social da forma mais “inclusiva” possível, ao tratá-la com a naturalidade a ela devida, numa tentativa de dissolver o estranhamento pelo diferente.

É claro que Cecília precisa adaptar suas atividades, e precisa também de ferramentas para possibilitar a sua inserção na sociedade, como o notebook, os livros em braille e sua cão-guia, treinada nos Estados Unidos. As pesquisas da autora foram extensas, tendo em vista que ela não possui deficiência visual nem convive de perto no cotidiano com alguém que possua, somente uma amiga de sua família, com quem tirou muitas dúvidas.

Voltando ao enredo, Cecília recebe bilhetes em braille, que aparecem em lugares inusitados, como dentro de sua própria casa, contendo ameaças que não

lhes são claras, mas que, surpreendentemente, fazem-lhes “enxergar” cenas e lugares, sendo que ela, por ser cega desde que nasceu, nunca enxergou nada. Ela decide ignorar por um tempo, mas os bilhetes começam a ficar mais frequentes.

Em meio a esse mistério, entra um aluno novo na sala, que se interessa por Cecília sem perceber que ela é cega, fato que se tornou claro nesta cena descrita:

Escutei Tiago rabiscar qualquer coisa e se aproximar, me fazendo sentir o calor humano de sua pele. - Não posso ler. - falei baixo, sabendo que ele estava me entregando um bilhete. - Por quê? - ah, eu não iria explicar. Ele estava sendo gentil comigo até ali, e eu não acabaria com o seu primeiro dia de aula fazendo-o ficar mais sem graça e desconfortável. Por que eu não podia ser uma cega daquelas que você bate o olho e já sabe? Em parte, era culpa minha, já que eu fazia meus olhos seguirem o som da voz dos outros e, com isso, muita gente já duvidou que eu realmente não enxergava. Não que fingir fosse a minha intenção, mas é que conversar com alguém que não olha pra você deve ser no mínimo irritante. - Preciso prestar atenção. - respondi. (ROCHA, p. 15)

Tiago descobre sobre a situação de Cecília, acaba se desculpando e os dois começam uma amizade. Apesar de parecer ser forte e lidar bem com a deficiência, Cecília tenta afastar o rapaz por acreditar que ele não mereça acabar tendo de virar mais um cuidador na vida dela. Depois de muita relutância da parte dela, a protagonista aceita os seus sentimentos mais fortes pelo moço e os dois começam a namorar; assim, Cecília acaba compartilhando com Tiago as estranhas ameaças que recebe.

Juntos, eles irão pesquisar o que as frases dos bilhetes significam, e se deparam com um mistério e um segredo de família sobre as mortes de sua mãe e de seu avô paterno, mistério este também relacionado à sua cidade, Belo Horizonte, e diversos monumentos públicos são descritos. A quem não conhece a cidade, gera o interesse por visitar, e aos leitores locais, há diversos relatos de fidedignidade na descrição da autora, nascida e criada por lá.

Nesta obra, a característica principal é a presença quase que exclusiva de diálogos, típica do texto teatral. Esta linguagem deixa a obra mais dinâmica e de rápida leitura, e é uma propriedade encontrada em diversos livros escritos por jovens autores. Os leitores de hoje são constantemente bombardeados de diversas informações e meios de comunicação, além das redes sociais, que ditam um novo estilo de entretenimento através de vídeos curtos de 15 segundos; deste modo, os autores argumentam que uma leitura rápida e fluida é uma ferramenta eficaz para capturar a atenção deste público. Trata-se de uma estratégia interessante, tendo em

vista que este tipo de leitura tem a tendência de ser continuada, e quando a história se desenvolve com as poucas descrições tornando-se suficientes, ela ativa a curiosidade do leitor de terminar a história, pois é despertada a necessidade de saber o que acontece no desenrolar das ações.

A importância desta obra para o público cego foi representada numa resenha feita pela *influencer* Amanda Ferretti, também deficiente visual, em seu canal do *Youtube Amanda Pra Você*, em 13/01/2022⁹. No vídeo, Amanda confirma que várias questões sobre a deficiência visual que atingem Cecília são realmente pertinentes à “vida real”. As dificuldades de se relacionar com alguém que enxerga, preocupar-se com a forma que o outro vai lidar com sua deficiência, o autopreconceito, a sensação de incapacidade, a superproteção do pai foram abordadas de maneira muito autêntica. Ela aponta que existem termos ultrapassados em relação a pessoas com deficiência visual, mas que o livro é anterior às legislações recentes que mudaram as nomenclaturas.

A representatividade e a normalidade com que o tema é tratado é um ponto positivo da obra, para que os leitores entrem em contato com a realidade da pessoa com deficiência e aprendam com naturalidade sobre o cotidiano dela, evitando perpetuar o capacitismo. Ainda assim, a maneira como a autora desenvolve o mistério no livro torna-o intrigante e bem estruturado junto à característica da personagem principal. O conhecimento contextualizado gera maior possibilidade de interesse nos leitores.

O enredo de mistério do livro também faz alusão aos mistérios escritos por Pedro Bandeira, na saga *Os Karas*, livros que eram adotados pelas escolas nos anos 2000. O primeiro deles, *A Droga da Obediência*, possui um tom objetivo, que leva direto ao enigma a ser resolvido por um grupo de estudantes inteligentes autodenominados *Os Karas*. A narração é feita em terceira pessoa, técnica de escrita mais comum à época, e os capítulos curtos criam uma atmosfera de suspense pela qual os protagonistas passam. Lavínia Rocha relatou ter sido também leitora de Pedro Bandeira, e ter utilizado como inspiração esta e as outras aventuras dos *Karas* para escrever *De Olhos Fechados*.

Diferente da obra de Bandeira, *De Olhos Fechados* é escrito em primeira pessoa, nos poucos momentos em que não prioriza a descrição a partir dos diálogos dos próprios personagens. A apresentação das charadas presentes no livro é bem estruturada, aproximando-se de um romance policial. Trata-se de um livro maior,

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1gl6punIPOo>>. Acesso em 13 mar. 2022.

com cerca de 250 páginas, mas de leitura fluida e rápida, principalmente pela curiosidade que ele desperta ao leitor em saber os próximos acontecimentos.

Na parte final do livro, a autora se utiliza de outra voz em primeira pessoa, para que saibamos o que pensa outra personagem além da narradora-personagem. Trata-se de um recurso que amplia o conhecimento acerca dos sentimentos de Tiago, o que aprofunda o relacionamento dos dois. O romance adolescente que passa a ideia de permanência conversa exatamente com o que se sente nessa fase: a impressão de que todo amor é eterno, mesmo que seja o primeiro e isso não faça sentido algum depois que saímos da adolescência.

A TRILOGIA ENTRE 3 MUNDOS

Quando estava adquirindo os livros, Lavínia chamou a minha atenção em especial para o *Entre 3 Mundos*, seu lançamento mais recente à época. Orgulhosa, ela me apresentou a sinopse do livro dizendo que Alisa era sua protagonista favorita, pois fora criada “à sua imagem e semelhança”. A autora me contou que ela escreveu este livro para si mesma, pois nunca havia lido nenhum livro cuja protagonista se parecesse com ela – consequentemente, nunca havia criado uma protagonista parecida com ela antes; até então, ela não compreendia à fundo a importância da representatividade por causa da pouca idade e por não “saber que podia”. Quando Lavínia se reconheceu como uma negra de pele clara, ela buscou retratar o autorreconhecimento também de suas personagens, incluindo a pauta racial de maneira bastante didática no livro.

Entre 3 Mundos foi escrito como o primeiro de uma trilogia. Para apresentar esta nova realidade, temos um Brasil que há algumas décadas vivia conflitos entre pessoas normais e pessoas com dons extraordinários. Em busca da paz no país, as autoridades o dividiram em dois territórios, o do Norte e o do Sul, e assinaram um contrato proibindo a migração e a interação de uma região para a outra. Estes habitantes contam também com a crença em um terceiro mundo, que não se tem conhecimento da localização física, mas que seria a representação de um mundo totalmente mágico.

O tema do livro mostra-se bastante atual no Brasil, tendo em vista a polarização política que estamos vivendo. Não é difícil visualizar uma realidade em que ocorra uma divisão física para pessoas com características diferentes, embora,

na prática, seja inviável separar as famílias por região, mesmo que tais traços sejam inatos e hereditários. Trata-se, porém, de uma localidade mágica, onde tudo é possível, inclusive tamanha divisão.

Alisa é de uma família do Norte, mas foi identificada como pertencente ao Sul e precisa esconder a verdade de ambos os mundos. Além de quebrar o contrato toda semana para visitar seus pais, ela enfrenta problemas comuns da adolescência: acha seu próprio nome bizarro, gosta do cara errado e é a única pessoa que não percebe que seu melhor amigo é apaixonado por ela. A vida de Lisa (como prefere ser chamada) se transforma completamente com um grande acontecimento no Colégio Ruit – os dons são dados aos alunos durante uma cerimônia em que cada um deles recebe um livro com um personagem e passa a dominar o dom deste. A trama começa a se desenrolar quando algo de errado acontece com o livro e a personagem de Lisa.

A história de *Entre 3 Mundos* começou a ser escrita quando Lavínia tinha 12 anos de idade, e foi reescrita alguns anos depois, sendo lançada aos 17 anos. O texto possui a característica de ser em primeira pessoa, com a narradora-personagem principal sendo Alisa. É permeada por muitos diálogos, e possui como aspecto principal a rapidez de acontecimento dos fatos, podendo ser considerado por alguns leitores como ponto negativo na escrita da autora. Ainda assim, é notável a evolução em sua escrita em relação ao livro anterior, que se caracterizava quase exclusivamente por diálogos. Nesta obra, existem mais descrições, ainda que a falta de detalhamento em algumas passagens possa deixar o leitor perdido quanto aos acontecimentos – mas não foi o que aconteceu comigo. Sigo concordando com Márcia Abreu (2006, p.34): “a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê”.

Em um evento de trocas acadêmicas, tive a oportunidade de colher algumas opiniões de colegas da área de pesquisa sobre *Entre 3 Mundos*. Eles tiveram acesso ao prólogo e a dois capítulos do livro, um no início e outro no meio. Acho relevante reproduzir a visão de uma das colegas aqui:

Gostei do texto porque ele me remeteu à formação do leitor, e também à minha formação enquanto escritora. Quando eu escrevia fanfics, os detalhes e a parte pregressa da história não importavam tanto quanto aonde ela queria chegar. Eu sou uma leitora que pula descrições, preferindo textos que falem logo de uma vez. Se o livro fosse meu, eu teria focado mais no romance das personagens. Mas considero como sendo um livro que chamaria atenção das pessoas de hoje. (M.E., 2021)

Nem todos os colegas presentes foram tão gentis quanto M. Lembro-me de receber devolutivas positivas de quatro deles, e de ser rechaçada pela maioria dos restantes. É importante estar ciente da visão da academia sobre livros desta natureza, porém primordial é reconhecer um recorte de autores por idade e ir em busca do que eles estão produzindo. Olhar pelo viés positivo, considerando as vantagens desta literatura e o lugar que ela já ocupa na vida dos leitores – inclusive dos estudantes acadêmicos.

Por se tratar de uma trilogia, é interessante notar que o final da história apresenta desfechos satisfatórios quanto ao enredo, ao mesmo tempo em que abre possibilidades de tramas a serem desenvolvidas nos próximos livros. É comum que seus leitores terminem o livro bastante interessados em ler a sua sequência.

A divisão de mundos proposta pela história é semelhante à da saga *Harry Potter*. Existirem pessoas que são ligadas à magia convivendo com outras que não o são, e o mundo que é plenamente mágico ficar envolto a um mistério é basicamente a forma de organização da série de livros de J. K. Rowling. Os protagonistas das duas sagas também compartilham de características semelhantes: descobrem a importância que possuem para seus mundos e a eles são designadas missões específicas que só eles serão capazes de cumprir. Na sequência da história de Alisa, *Entre 3 segredos*, além da revelação mais surpreendente da sua vida, ela precisa esconder o que sabe sobre os três mundos e lidar com sua nova e intensa rotina e com a profundidade de seus poderes. Entre o esforço para corresponder às expectativas de todos, o início de um relacionamento e as mais recentes descobertas sobre si mesma e a sociedade, Lisa se vê diante de três grandes segredos que prometem afetar tudo ao seu redor.

Em *Entre 3 razões*, a vida de Lisa parece estar de pernas para o ar com tantas responsabilidades em suas costas, além de toda a pressão para fazer escolhas e amadurecer. Em meio às feridas do passado, ela precisa descobrir como lidar com os próprios sentimentos enquanto se vê no centro de jogos políticos e embates perigosos. Este é o livro final da trilogia *Entre 3 Mundos*.

O MISTÉRIO DA SALA SECRETA

O livro mais recente de Lavínia traz como protagonistas Júlia e Gabriel, que estão no sétimo ano do ensino fundamental e são amigos desde muito pequenos –

quando formaram a dupla de espiões “Juliel”. O nome da dupla é originário de uma prática atual nas redes sociais, que se trata de torcer, ou, como é denominada o ato, *shippar* um relacionamento amoroso, e no caso desta história, essa amizade duradoura. Advém do universo das *fanfics*, com muitos fãs insatisfeitos quanto ao destino das personagens. Ao realizar a junção dos dois nomes, está estabelecida a torcida.

A dupla precisa voltar à ativa para encontrar um jeito de desvendar um grande mistério, antes que a prefeitura feche a Escola Municipal Maria Quitéria de Jesus, onde estudam. Em meio a planos e feiras de História, Júlia e Gabriel descobrem a lenda da Sala Secreta, e que ela pode não ser pura invenção dos alunos. Existe uma porta vermelha trancada e ninguém faz ideia do que há por trás dela. E a lenda está relacionada com a heroína da independência Maria Quitéria – primeira mulher a fazer parte do Exército Brasileiro – que dá nome à escola.

A temática do livro é voltada para assuntos históricos, baseado em informações reais sobre Maria Quitéria, visando ensinar ao leitor um assunto muito pouco conhecido e divulgado, que é a trajetória desta heroína. Por ser ambientado principalmente na escola, acontecem muitas aulas ao longo das páginas, lembrando que a autora é professora da disciplina. Ela também aproveita a narrativa para apontar diversas referências da literatura negra.

Uma característica da dupla de protagonistas é a resiliência e a força de vontade que apresentam com o intuito de desvendar o mistério, acreditando que, desta maneira, conseguirão salvar a escola. É uma realidade a dificuldade do ensino público manter qualidade, e algumas escolas se destacam, principalmente pela atuação dos professores, funcionários e da própria comunidade. O livro apresenta alunos interessados em manter a escola que frequentam, ao reconhecerem sua excelência dentre as escolas da região onde moram, e leva a reflexão sobre a importância do ensino público. É um livro possível de ser trabalhado em sala de aula como projeto, que engloba diversas disciplinas.

Ao contrário dos demais livros de Lavínia, *O mistério da sala secreta* possui uma escrita mais detalhada, deixando de ter, em sua maioria, diálogos e descrições mais sucintas. Ele possui um tom mais lento, por vezes causando a impressão de que os acontecimentos não se desdobram, acredito que pelo detalhamento histórico constante na obra. Ambos os protagonistas são narradores, sendo que aquele que está narrando é indicado no início de cada capítulo. A personalidade deles é distinta; Júlia é descrita como corajosa, determinada e teimosa. Já Gabriel é calmo, pacífico

e muito inteligente. Tais características se complementam em uma dupla de espiões, tornando-os destaque nas tarefas que desempenham.

O livro e a funcionalidade permitida por ele apontam para um futuro onde os protagonistas negros possam ser apenas protagonistas e experienciar suas histórias, sem necessariamente falar sobre racismo ou tendo o tema como foco. É a mesma dinâmica de abordarmos a importância de escancarar este tipo de preconceito não somente no dia ou no mês da Consciência Negra: na era de informação em que vivemos, não se pode admitir naturalizar crimes desta espécie e a educação é o caminho para mudar a percepção das pessoas em definitivo. Este livro se mostra uma ferramenta frutífera, seja trabalhado em sala de aula, seja na leitura espontânea.

2.3. CÍRCULOS LITERÁRIOS, PALESTRAS E ENTREVISTAS

CÍRCULO VIRTUAL LITERÁRIO

20/10/2020 - Escola Municipal Prof. Isaura dos Santos - Belo Horizonte - MG

Fui convidada pela autora a participar deste Círculo Virtual Literário com os alunos do sétimo ano da Escola Municipal Prof. Isaura dos Santos, em Belo Horizonte. Foi realizado através da plataforma *Google Meet*, à distância, pois já estávamos em meio à pandemia. A professora realiza uma pequena introdução, apresentando a escritora e a temática da palestra, que será: *Não existe idade para começar a sonhar – Como eu me tornei escritora aos 13 anos*.

Lavínia se apresenta, e começa a contar sua história, com aquele texto ensaiado que precisamos ter quando vamos repetir muitas e muitas vezes a nossa trajetória, quase como se ele fizesse parte de uma narrativa também. Com o tempo e com a repetição, ela passa a soar cada vez mais fantástica, mesmo que aqueles tenham sido os fatos exatos. Por ser uma temática autobiográfica, a maioria das informações a seguir já foram descritas neste trabalho, com a diferenciação no modo como ela escolhe contar aos alunos e de que modo essa “contação de história” irá inspirá-los. Seguimos com a descrição da palestra.

Ela afirma que sempre gostou muito de ler, que recebia incentivo através dos pais em casa e de uma bibliotecária, na escola. Gostava também de ter livros, para poder acessá-los sempre que quisesse em casa, o que levou a um combinado com a mãe de ganhar livros mensalmente, caso mantivesse as boas notas. Gostava

também das aulas de produção de texto, mas, como anteriormente citado, odiava o limite de 30 linhas imposto pela professora nas redações. Foi com o intuito de fugir deste limite que ela começou a escrever no computador de casa, sem nenhuma preocupação com o tamanho do texto. Assim nasceu *Um amor em Barcelona*.

Lavínia esclarece à turma que nunca havia olhado para si mesma considerando-se escritora. Em sua percepção, escritores eram homens, mais velhos, brancos; meninas negras de 12 anos não se encaixavam nesse estereótipo. Seguindo mais um estereótipo, pensava que apenas os livros estrangeiros que lia eram considerados legais, não possuía muita referência de livros nacionais. De todo modo, encorajou-se e mostrou o que havia escrito para uma prima e para uma amiga, e ambas a incentivaram a mostrá-lo para sua mãe. A mãe, como era de se esperar, foi uma grande incentivadora e buscou meios para a publicação do livro.

Inicialmente, e por causa da espessura do livro, a família a auxiliou publicando de maneira independente. Para escrever a segunda obra, ela conta que o assunto exigiu muita pesquisa, tanto para retratar fielmente uma protagonista cega quanto para entrelaçar a história de Belo Horizonte, sua cidade natal, ao mistério que ela criou. Por se tratar de um livro mais extenso, Lavínia submeteu o livro a uma editora e lhe prometeram resposta em um mês, fato que ocorreu efetivamente em seis meses, com uma devolutiva positiva.

Aos 17 anos, ela reescreve uma história que escreveu com 12 anos, o *Entre 3 Mundos*, precursor da trilogia. Ela menciona todos os livros lançados até o momento e as participações em outros livros.

Basicamente, esta é a estrutura desta sua palestra em todas as instituições que visita. O que há de tão interessante na história que esta jovem nos conta?

Primeiro, o fato de ela ser uma figura jovial, que parece recém-saída do colégio (por muito anos, ela palestrava de igual para igual, para alunos com a mesma idade que ela tinha) se mostra intrigante para os alunos, que ao menos no meu tempo não refletiam muito sobre os autores, ou não faziam ideia de que autores poderiam não ser homens brancos de meia idade do eixo Rio-São Paulo. O acesso à informação por meio da internet mudou muito o cenário e a conscientização dos alunos, além do estudo de literatura brasileira contemporânea nas Universidades, formando uma nova leva de professores do ensino público engajados com literaturas marginalizadas e periféricas, como meus próprios colegas de graduação. Ainda assim, ter a oportunidade de conhecer um autor e poder ler e discutir sua obra em

“pessoa” mostra-se uma experiência enriquecedora e inspiradora para a maioria deles.

As perguntas realizadas pelos alunos neste dia estão descritas abaixo, seguidas das respostas da autora e de comentários meus:

1. Quando você vai lançar o próximo livro?

L: Seria neste ano (2020), em maio, quando aconteceria a Bienal, mas em virtude da pandemia, o lançamento foi adiado. Não será pela mesma editora, a D’Plácido, será por uma maior, a Yellowfante.

Conhecer um autor desperta a curiosidade sobre os próximos trabalhos, principalmente quando o leitor gosta da obra que leu. A busca pela novidade está intrínseca ao contato constante com a internet e a velocidade com que as informações são acessadas. A pandemia dificultou bastante o desenvolvimento de novos projetos, e houve uma adaptação dos eventos para o meio virtual, como ocorreu com esta palestra.

2. Qual livro você tem mais orgulho de ter escrito?

L: A série *Entre 3 Mundos*. Fiz uma protagonista negra porque queria me enxergar em um livro. Ele também traz questões raciais, de gênero, tudo em meio às temáticas do livro, como a mágica.

A relação de Lavínia com a representatividade negra é constante e latente. Incluir pautas como o funcionamento do movimento negro, descrito na trilogia, destacar uma protagonista cega, inserir personagens LGBTQIA+ são algumas de suas preocupações, e elas dialogam com os alunos, que se envolvem com as causas que lhes interessam.

3. Qual livro você acha que o público adotou melhor?

L: Em se tratando do público adulto e das escolas formalmente, tendo em vista que muitas delas adquiriram exemplares em larga escala através de parcerias com o governo dos estados, é o *De olhos fechados*. Já o público que lê espontaneamente aponta o *Entre 3 Mundos*.

Os professores demonstram preferência pelo mistérios de *De olhos fechados*, por ser volume único e ter características de representatividade de pessoas com deficiência, temática pouco trabalhada na literatura. Os estudantes se interessam pelo mundo de fantasia de *Entre 3 Mundos*, pois o universo paralelo de magia se aproxima mais de outras histórias famosas que eles costumam ler fora do ambiente escolar.

4. De onde você busca inspiração para escrever?

L: Para escrever *Um amor em Barcelona*, eu me inspirei em dois filmes, sendo um deles *Passaporte em Paris*, que é um romance com uma viagem a Barcelona. Ele foi escrito antes que eu tivesse visitado o país, então realizei uma pesquisa para tentar retratar alguns lugares descritos. Já o *De olhos fechados* teve como inspiração os livros da série *Os Karas*, do Pedro Bandeira, na parte do mistério a ser desvendado; a série de livros *Fazendo meu filme*, da Paula Pimenta, que me levou a escrever um livro ambientado em Belo Horizonte; e tem um detalhe sobre o nome da personagem Cecília. Como eu havia há pouco lido o livro *Olhai os lírios do campo*, cujo protagonista se chamava Eugênio – que significa “o bem-nascido”, e é utilizado de forma irônica, por ele ter nascido pobre, achei interessante dar o nome Cecília, que tem um dos seus significados “cega”, para esta protagonista.

Uma obra vai surgir a partir de ideias e inspirações de outras já existentes, e não será totalmente original. Segundo Moraes (2012, p. 54), o autor possui suas influências, que são suas fontes, surgidas de modo consciente ou não; e suas referências, que se tratam das influências processadas concretamente em seu fazer literário, em um método que o autor denomina teia criativa. Nesta resposta, Lavínia compartilha com seus leitores como funciona a sua “teia”, o que desmistifica o processo de criação literária e aproxima os leitores de suas próprias possibilidades de escrita.

5. Se não fosse escritora, o que seria?

L: Como escrevo desde muito cedo, várias pessoas me alertaram para o perigo de cursar letras e acabar me atrapalhando na escrita, pois em muitas instituições o foco do curso é a crítica literária. Optei por fazer o vestibular para ciências sociais, mas após começar a cursar, não me identifiquei e mudei para história. Descobri que gosto muito de ser professora de história.

O alerta dado à Lavínia é conhecido de muitos estudantes de letras, é um conselho muito comum dado a possíveis calouros por seus veteranos: “se você gosta de escrever e tem vontade de se tornar escritor, não faça letras”. Já na década de 60, Todorov e seu grupo de estudos se incomodavam com o ensino de literatura na universidade e ele relata: “tentamos modificar a orientação do ensino literário na universidade, a fim de libertá-la dos grilhões das nações e dos séculos, e promover sua abertura a tudo que pode aproximar as obras umas das outras.” (TODOROV, 2009, p. 20/21). Ele sabia, por experiência em sala de aula, que muitos dos métodos

utilizados eram ultrapassados e afastavam das obras tanto os leitores quanto os aspirantes a escritores.

6. Sua renda vem de vender os seus livros?

L: Não! Trabalhar com as escolas nas palestras ajuda um pouco nas vendas, porém a venda espontânea é mais difícil. Os meus livros são considerados paradidáticos, então em algumas circunstâncias eles foram adquiridos por escolas em larga escala, mas não consigo contar com as vendas para obter uma renda mensal.

7. Já pensou em fazer um filme de algum livro seu?

L: É o meu sonho! Na verdade, qualquer tipo de adaptação, série, peça. Me inspiro muito em um livro que eu adoro, *O sol também é uma estrela*, de Nicola Yoon, que também virou filme.

O exemplo de Íris Figueiredo apontado no primeiro capítulo demonstra que a adaptação dos livros de Lavínia em algum formato audiovisual é uma possibilidade real, que só depende do interesse e investimento de alguma produtora ou pessoa do ramo no trabalho da autora, caso enxergue a rentabilidade do projeto.

8. Quais são os livros impactantes na sua vida?

L: Gosto bastante da literatura de escape, aquela que é escrita para entretenimento e para permitir que o leitor fique totalmente imerso em uma fantasia ou realidade alternativa. Ler esse tipo de livro me ajudou a criar outras realidades também. Gosto dos livros do Pedro Bandeira, que foram os que eu li na escola quando tinha a idade de vocês. Gosto de todos os livros da Chimamanda Adichie. E o *Olhos d'água*, da Conceição Evaristo, uma escritora negra de Belo Horizonte que é referência nacional. Uma vez ouvi uma frase, não me lembro de quem, que diz que “não existe gente que não goste de ler, existe quem ainda não descobriu o seu gênero favorito.” Ou seja, busquem ler várias histórias até descobrirem aquelas com as quais vocês se identificam mais.

Os autores citados por Lavínia foram todos comentados ao longo deste trabalho, e foi identificada a relevância e influência destes na formação dela.

9. Qual foi a sua reação quando o seu livro “bombou”?

L: Ainda é chocante ver nas escolas a reação das pessoas, não só dos alunos. Várias professoras vêm conversar comigo empolgadas, felizes de poder dar aos alunos livros com a linguagem mais próxima deles.

10. Existe algum personagem LGBTQIA+ nos seus livros?

L: Sim, na saga *Entre 3 Mundos* e também em um conto a ser lançado. Também pretendo fazer um romance com este foco.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM LAVÍNIA

14/12/2021 - 19:30h

Realizamos a entrevista pela plataforma *Whatsapp* de vídeo, levando em consideração tanto a pandemia quanto a distância física, já que Lavínia reside em Belo Horizonte. Trata-se de uma transcrição em áudio de conteúdo editada minimamente de maneira a possibilitar a compreensão do leitor deste trabalho, desconsiderando as falhas e vícios de linguagem.

Iniciei a conversa explicando pra Lavínia quais as minhas ideias sobre a dissertação, sobre o que eu gostaria de falar. Como material de análise sobre os jovens escritores, utilizei-me de entrevistas que ela participou, junto a outros jovens escritores, disponíveis em seu Canal no *YouTube*, analisando as semelhanças entre as motivações destes escritores. Apesar de as entrevistas não estarem atuais – a maioria delas data de 2016, período que eu a conheci, elas ainda são úteis como um recorte.

Pergunto à Lavínia se ela é familiar à polêmica do *tweet* do Felipe Neto sobre Machado de Assis, acontecida no início do ano, e ela afirmou não saber do que se tratava. Aproveito para contextualizar o assunto: o *influencer* postou uma mensagem no *Twitter* com os seguintes dizeres: “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco”. Em seguida, completou o raciocínio: “O fato de VOCÊ ser, ou ter sido, um adolescente fora da curva que ama romantismo e realismo brasileiro não significa nada perto do mar de jovens odiando livros por aí. E um dos motivos é justamente a forma como a maioria das escolas aplica a literatura como matéria”.¹⁰

Esta discussão é extremamente relevante na atualidade. Não é possível continuar ignorando a dificuldade que o ensino encontra de se conectar com os jovens, e o *influencer* em questão possui um lugar de fala relevante, através de

¹⁰ O texto original já não está disponível na página do Felipe Neto no Twitter. A fonte utilizada foi jornalística, e está disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/polemica-com-felipe-neto-acende-questao-machado-de-assis-e-ou-nao-e-para-adolescentes-entenda-1.3038145>>. Acesso em 5 dez. 2021.

milhões de seguidores que o acompanham e escutam a sua voz. Eu concordo em partes com o *YouTuber*, até porque me sinto representada no “adolescente fora da curva que ama romantismo”; ou seja, eu reconheço a importância dos clássicos na adolescência e acredito que eles tem o seu propósito e não necessariamente traumatizam a todos. Ainda sim, considero que a aplicação da literatura necessita de ser repensada em sala de aula com urgência.

Lavínia afirma, sabendo agora superficialmente, concordar que não é apenas através de Machado de Assis que vamos atingir os jovens; muito pelo contrário – acaba por não ser um incentivo ler apenas livros clássicos. Menciono a Mariana Negreiros, escritora de 19 anos, que faz um trabalho muito parecido com o dela, mas que não teve os seus livros adotados em escolas. Comentei sobre alguns problemas na obra da Mariana, e a Lavínia ressaltou que a escrita vai ficando diferente ao longo do tempo, que é possível verificar diferença entre seus livros, comparando a partir do primeiro, e isso está relacionado ao seu amadurecimento de idade e experiência como escritora.

Comparando as obras da Mariana com as da Lavínia, aponto os problemas identificados nelas, como a velocidade da narrativa e que, em virtude dessa rapidez, alguns elementos se perdem. Exemplifico com cenas que apresentam corte brusco na descrição entre os lugares em que se encontram as personagens. Lavínia explica que pode ser por ela ser uma escritora independente, e pontua que a falta de edição faz muita diferença na história final. Existem vários artefatos que facilitam a transição de cenas nas histórias, um deles é o sinal chamado de “descansa leitor”, que poderia suavizar essa transição nas trocas, ainda que as descrições continuem precisando de serem melhor desenvolvidas. Outro artifício que Lavínia explica são os “leitores beta”, que ela utilizou desde o primeiro livro, ainda que informalmente. Funciona da seguinte forma: alguma pessoa de confiança e que tenha alguma habilidade com escrita lê a história, pontua erros e dá ideias sobre ela. Neste caso, uma prima e uma amiga leram as tramas e passaram suas impressões.

Eu perguntei como ela enxerga suas obras depois de prontas, e ela se disse muito crítica quanto aos seus livros. Com o livro *De olhos fechados*, ela vê muitos defeitos literários, gramaticais. Mas, ao mesmo tempo, ela ouve muitos *feedbacks* positivos dos leitores, de como esse livro fez diferença na vida deles. Uma leitora cadeirante relata que este foi o primeiro livro nacional onde ela se sentiu representada. Outra leitora cega disse que foi por causa do livro – que trata na história da Cecília um impasse de não querer se relacionar com um garoto que

demonstra interesse por ela por pensar que sua deficiência era um empecilho – que ela decidiu dar uma chance a um rapaz que hoje é seu marido, e hoje eles formam uma família com dois filhos.

Perguntei à Lavínia algumas técnicas que ela aprendeu ao longo dos anos escrevendo, e ela citou a de “mostrar e não contar”, quando ao invés do autor contar o fato, você mostra, ou seja, descreve a cena acontecendo, colocando o leitor como se estivesse visualizando. Ela reconhece que em seus dois primeiros livros, e principalmente em *De olhos fechados*, ela acaba se utilizando em demasia de diálogos – recurso que se assemelha ao teatro, mas pode trazer dificuldades para que o leitor crie um cenário mais real em sua imaginação por falta de descrições detalhadas.

Conversamos sobre livros que recontam a mesma história de acordo com pontos de vista diferentes. Este recurso é muito comum em *fanfics*, e no caso dos livros da Mariana Negreiros, alguns capítulos são reescritos quase que inteiramente trocando apenas a voz, sendo que não adquirimos uma onisciência sobre o fato em si; considero-o, portanto, mal sucedido neste intuito. Já Lavínia lembra que, em seu livro mais recente, ela conta a história a partir da perspectiva dos dois protagonistas, porém o ponto de vista deles é complementar e a narrativa dos fatos flui, ao invés de voltar para contar de um novo ângulo. São maneiras diferentes de trazer as vozes narrativas.

Pergunto se ela compara suas histórias com as de Pedro Bandeira, ela diz que realmente o autor foi uma grande influência, tendo a série *Os Karas* sido um de seus primeiros contatos com aventuras e mistérios. Pedro Bandeira, para ela, encaixava-se no papel de escritor: branco, meia idade, classe média. Posteriormente, ela conheceu Paula Pimenta e Thalita Rebouças, que já a encantaram muito por serem mulheres na escrita, e foi expandindo seus horizontes para finalmente se sentir representada por escritoras negras como Conceição Evaristo e Chimamanda Adichie.

Perguntei como estava sendo sua experiência recente como professora de história para o ensino fundamental e médio. Ela começa relatando como está sendo interessante trabalhar como professora; que, no início, tinha receio de contar para os alunos que era escritora, achando que poderia ser negativo na forma em que seria vista por eles. Ela diz que o contato anterior com as escolas por meio das palestras é muito diferente, por se tratar de um contato único, sem acompanhamento posterior (salvo as oportunidades que ela teve de retornar mais uma vez às escolas que

adotaram seus livros). Sente-se feliz por ter agora a oportunidade de ver “o outro lado da história” dos alunos e das suas realidades. Como professora, se sente na responsabilidade de apoiar e incentivar os alunos com quem convive diariamente, da mesma forma como ela foi incentivada na sua época de começar a escrever.

Ela se encanta com a criatividade dos alunos, que a respeitam muito mais por ser, além da professora de história, uma escritora. “Eles acham chique ter uma professora escritora”, ela afirma. Os alunos sempre a procuram nos intervalos e pedem opiniões sobre ideias que tiveram, sobre alguma história que começaram a escrever. Ela relata que um dos seus alunos a procura para contar histórias na segunda pessoa do discurso, algo que ela ressalta ser inovador na escrita de autores contemporâneos, de colocar o leitor diretamente dentro da trama.

Perguntei como foi a repercussão de seu último livro na escola onde ela trabalha, ela me contou que a escola tem as mesmas cores da ilustração do livro *O Mistério da sala secreta*, e que isso despertou a curiosidade dos alunos de também ter uma sala secreta na escola deles e, principalmente, despertou o interesse nos livros. Recentemente, ela disponibilizou uma cópia de cada um dos seus livros, mas os alunos ainda não tiveram acesso porque estavam de férias.

Questionei quais eram as particularidades que ela percebe na literatura escrita por jovens, ao que ela respondeu que estes autores estão falando com linguagem neutra, questão que “mais ninguém” quer discutir e principalmente a academia foge. Esta escrita se preocupa com a representatividade em questões de sexualidade, tão atuais. Em livros que ela lia na época de escola, ela não encontrava personagens negros, então estes livros passam longe da representatividade de raça, que ela não percebia que precisava tanto até ser apresentada a ela.

Lavínia relata o caso de uma aluna da sua escola que fez uma carteirinha declarando-se bissexual. Obviamente, ela não teria nenhum valor formal para a escola, mas gerou uma comoção no ambiente, sendo uma das professoras totalmente contra a manifestação, argumentando ser exagero, como se a aluna estivesse desrespeitando a escola. A aluna disse que o sonho dela era de que o mundo fosse LGBTQIA +, para que não houvesse preconceito e diferença na forma em que as pessoas fossem vistas perante a sociedade. É um exemplo claro de como essa geração já naturalizou questões que eram consideradas tabu antes dos anos 2000, e por mais que pais e professores se oponham, não será possível refrear tais movimentações em favor de causas que ressoem com os interesses dos jovens.

Pedi à Lavínia para compartilhar um medo que ela tem, e ela disse que morre de medo de envelhecer e de acabar se tornando uma pessoa que não entende mais dos assuntos dos seus alunos. Conversamos sobre a tendência de achar que os jovens não se interessam por nada, pelo fato de eles não se interessarem pelos mesmos assuntos que nós. Mas, ao entrar em contato com estes jovens, entendemos que eles têm os seus próprios assuntos.

Lavínia faz uma reflexão de que a escola é a mesma desde a nossa época, desde a época dos nossos pais. Essa defasagem realmente está pesando, por não acompanhar a rapidez da tecnologia e dos recursos que os jovens têm hoje em dia. A escola é centrada nos professores como agentes de ensino, vê os alunos somente como receptores. Os professores ainda são distantes dos alunos, e muitos deles querem que os estudantes sejam um modelo ideal que nunca existiu, nem na época em que eles mesmo estudavam.

Na verdade, eu consigo enxergar que houveram grandes mudanças na escola, talvez não tantas quanto gostaríamos. Sentimo-nos insatisfeitos com o diálogo insuficiente, mas reconhecer o fato de que ele começou a acontecer é uma porta de entrada; inclusive, ter os próprios livros de Lavínia sendo adotados em algumas escolas sinaliza uma mudança de paradigma.

Lavínia disse que, ao contrário da repercussão negativa que esperava dos alunos por ser escritora, hoje ela se aproveita do respeito que eles demonstram por tal, e observa ser inclusive mais respeitada enquanto professora de história também. Ela tenta separar os momentos de dar aula de história dos momentos de falar de livros e leitura – nas horas vagas – com eles.

Por fim, ela percebe que a literatura escrita por jovens tem focado na relação entre autor e leitor, na visão de mundo destes jovens e na busca por entender o que os jovens leitores gostam, o que eles estão querendo ler, sobre quais assuntos eles querem se inteirar. A pergunta latente é: “E você, escritor, o que está fazendo para se atualizar e se conectar com o seu público?”

CAPÍTULO 3. A JUVENTUDE E O SEU LUGAR DE FALA

Fez-se necessário, nos dois primeiros capítulos deste trabalho, apresentar, observar e discutir os aspectos concernentes aos jovens autores e suas obras, bem como a atuação e o alcance deles. Deste modo, muitas das fontes utilizadas nas seções mencionadas da pesquisa são pouco convencionais à Academia; porém, elas se tornaram essenciais para atingir e acompanhar o objeto estudado. Ora, sendo jovens os autores e também os leitores, não haveria outra maneira de acessá-los que não perpassasse pelas redes sociais, por entrevistas em diversos meios de comunicação e por vivências pessoais. Até aqui, eu os acompanhei nas obras e nas redes; a partir de então, passo a um movimento mais específico de análise sistematizada, aprofundando reflexões críticas com o amparo de leituras teóricas, retomando aquilo que foi anteriormente apresentado.

O movimento de partir do livro e do contato orgânico com os autores é, inclusive, uma estratégia que levanta uma bandeira de apoio ao livre incentivo da leitura, e ao contato com a obra antes do contato com a teoria sobre ela. Muitos pesquisadores e professores estão à frente de tal defesa e serão abordados nas páginas seguintes, e as histórias dos jovens autores apresentados, em destaque a da Lavínia Rocha, colocam em evidência a importância da leitura na formação dos estudantes, tendo em vista que o contato com as narrativas compartilhadas é capaz de produzir grande impacto na vida das pessoas, principalmente daquelas que estão em fase escolar.

Na escola, o conhecimento da literatura está diretamente ligado à leitura, interpretação de textos e gramática e, no ensino médio, à sua história e aos escritores considerados consagrados. Lembro-me de que o conteúdo principal das aulas denominadas especificamente como “literatura” se tratava basicamente de uma linha do tempo dividida em Escolas Literárias, suas características e autores representantes; este conjunto seria a teoria (ou ao menos parte dela) sobre o assunto. Em ordem cronológica, a biografia dos autores e a importância deles era descrita anteriormente à imposição da leitura de suas obras, seguida de avaliações que verificavam se o estudante havia realmente lido. Por algum motivo, antes de ouvir a palavra “cânone”, estávamos conhecendo os seus integrantes e, muitas vezes, aceitando que o valor que continham estava cristalizado e seria, portanto, inquestionável.

Jovens escritores que conseguiram entrar com seus livros nas escolas e nas casas dos adolescentes parecem buscar entender o processo de formação do que é considerado canônico para, em seguida, colocá-lo à prova, mostrando ser este um caminho inevitável àqueles que se perguntam sobre a existência de outros critérios de avaliação e classificação mais justos para autores e obras como as deles, visando fugir dos ataques gratuitos que alegam a falta de qualidade. A presença e a disponibilidade destes escritores enriquece o ensino nas escolas, ainda que pela aproximação do aluno/leitor com um universo que ele considerava distante de si – o dos contadores de histórias que as registraram e materializaram. Assim sendo, a aliança entre estas obras e as ditas imprescindíveis à formação humana é uma alternativa viável em sala de aula, inclusive em caráter experimental. A crítica também precisa estar em constante evolução, em busca de desenvolver novos instrumentos para avaliar estes livros.

Os jovens que estão escrevendo e publicando hoje passaram por esta formação escolar, inclusive muitos deles começaram a criar durante este período. Enxergar algo a mais na literatura, além das possíveis dificuldades impostas pelo acesso atribulado aos textos e ao cânone leva, por si só, à conquista de um espaço próprio, de libertação de vozes até então ignoradas e subestimadas. A apresentação, o contato e alcance obtidos apontam para um sucesso primordial, independente da Academia. Entretanto, o ressoar de suas falas precisa ser incorporado, analisado e considerado, com suas qualidades e problemas, para que eles sejam legitimados enquanto parte da juventude e como elementos de formação crítica dos próprios jovens e, por que não, de si mesmos.

3.1. OS JOVENS E A LEITURA

O modo de ler do jovem possui características diferentes, tanto do adulto, quanto do infantil. Assim como este período da vida é singular e se mostra repleto de questionamentos e reflexões acerca das mudanças físicas, sentimentais e comportamentais, principalmente na adolescência, o contato com os livros nesta fase não é o mesmo daquele inicial de alfabetização e nem daquele já consolidado, que não costuma ter espaços para discutir processos de leitura.

A utilização constante da internet, os mecanismos de busca e as redes sociais regem as suas principais leituras: notícias, postagens, fotos, propagandas,

pesquisas. Estas redes cumprem um papel de mural dos acontecimentos mais relevantes do momento, e a velocidade com que elas se atualizam é cada vez maior. Conhecer autores e livros através delas parece ser um dos caminhos percorridos pelos leitores jovens, e levar em consideração esta tendência enquanto ferramenta deixa de ser uma opção e passa a ser uma possível salvação para a sala de aula, que vê o seu aluno cada vez mais distante do momento presente e mais absorto ao celular escondido embaixo da carteira.

A noção contemporânea de juventude advém de uma construção sociocultural das sociedades modernas, e ela muda de acordo com as realidades locais. Tal fenômeno social e histórico leva em consideração processos de interação coletiva, que são influenciados por fatores econômicos, sociais, políticos e simbólicos. No artigo “Ser leitor entre a infância e a juventude”, as autoras Figueiredo e Oliveira (2018) defendem que os jovens possam se apaixonar pelo texto, odiar e questionar; afinal, envolver-se é diferente de simplesmente gostar de tudo o que lhes é apresentado. Em muitos casos, as práticas de leitura que ocorrem na escola oferecem poucas possibilidades de expressão da subjetividade dos estudantes, que geralmente são obrigados a concordar com uma análise e interpretação que já vem acompanhados com o oferecimento do texto. (FIGUEIREDO e OLIVEIRA, 2018).

A faculdade da leitura, ter o seu domínio e, conseqüentemente, o da escrita, definitivamente é uma atividade que facilita a vida das pessoas que a possuem. O cotidiano humano está repleto de informações cujo acesso se dá por meio da leitura: identificar o transporte público, fazer compras no mercado, utilizar com eficácia a maior parte dos meios de comunicação. É possível desempenhar tais tarefas pelo aprendizado dos desenhos e formas, mas a autonomia está no ato de adentrar as informações disponíveis.

Para os jovens, é imprescindível que eles tenham o acesso à leitura, pois a tendência é de que eles se apropriem do texto e gerem significado próprio. Ao considerar que o ser humano não é vazio de ideias e impressões, ele parte do que está escrito para criar novos horizontes, mas sem conseguir se distanciar do seu conhecimento prévio, construindo, desta forma, um novo conteúdo. Além disso, antes do aprendizado formal no âmbito escolar, a aquisição da língua acontece no seio familiar, e existe um choque que ocorre quando, ao chegar na sala de aula, o ensino por vezes parece querer desmerecer o que já se sabe, engessando os conhecimentos. Com certa frequência, os alunos dizem que “odeiam Português”,

ou que “não sabem nada de Português.” Ora, como é possível estar falando Português como língua materna e, ainda assim, considerar não saber?

O que acontece no ensino de literatura, segundo o filósofo e professor Tzvetan Todorov, descrito em seu *A literatura em perigo* (2009), é algo que ele mesmo realizou em grande parte de sua vida acadêmica, mas que chegou ao ponto de levá-lo a questionar: o que será que a academia está fazendo? Por que é proposta a leitura da obra de um autor somente depois de ter que ler, discutir e ouvir dos professores – de modo, muitas vezes, impositivo – toda a sua crítica literária? E a obra, em si, a oportunidade de ter contato primeiramente com o texto, sem “spoilers”? A lembrança remanescente das aulas de literatura costuma ser dos nomes dos períodos literários, da importância de determinados autores, de detalhes que se transformam no cerne da questão, como a grande pergunta: “Capitu traiu ou não traiu Bentinho?”

Mas Todorov relembra como foram as suas primeiras experiências com a leitura, e foram bem diferentes. Com pais bibliotecários, cresceu cercado por estantes e começou a ler clássicos adaptados para jovens, e seguiu venerando a leitura no antigo ginásio: “eu podia satisfazer minha curiosidade, viver aventuras, experimentar temores e alegrias, sem me submeter às frustrações que espreitavam minhas relações com os garotos e garotas da minha idade e do meu meio social” (TODOROV, 2009, p.16). Mesmo iniciado na leitura a partir dos clássicos, o fato mais importante é que teve acesso diretamente às obras e a todas estas sensações que lhe despertavam, e ele se reconhece enquanto privilegiado, em detrimento do que a crítica literária e o ensino de literatura na escola acabaram fazendo com os jovens.

Ao realizar uma extensa pesquisa sobre os efeitos da leitura em populações marginalizadas, a antropóloga Michèle Petit acaba demonstrando que a leitura é utilizada como ferramenta inclusive na superação das adversidades. Em *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva* (2008), a autora vai abordar diversas experiências obtidas através do ato de ler, como, por exemplo, a força que ela pode proporcionar ao jovem: “E se a leitura desperta o espírito crítico, que é a chave de uma cidadania ativa, é porque permite um distanciamento, uma descontextualização; mas também porque abre um espaço para devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas.” (PETIT, 2008. p.27/28).

O distanciamento da realidade em que vive por meio da leitura pode gerar, ao mesmo tempo, uma aproximação desta mesma realidade. Segundo Todorov, no anteriormente citado *A literatura em perigo* (2009):

Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista do seu autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. (p. 80)

Encarar as personagens como pessoas de quem já conhecemos o interior torna singular a percepção de suas ações, e aumenta o nosso leque de conhecimentos acerca do ser humano. Ao ler uma história ficcional com características comuns à sua realidade de espaço e tempo, ainda que ela contenha elementos fantásticos, a reflexão advinda permite um mergulho em aspectos que pudessem passar despercebidos, e o interesse e a curiosidade criam ressonância com as possibilidades de ação e transformação de uma vivência que antes não era analisada, e agora passa a ser levada em consideração.

As narrativas de muitos dos livros dos jovens autores apresentados neste trabalho estão repletas de referências da contemporaneidade, e o reconhecimento de itens como a tecnologia e citações diretas da cultura *pop* criam uma familiaridade com o leitor. Em *Enquanto eu não te encontro* (2021), de Pedro Ruas, Lucas, a personagem principal, é muito fã da cantora americana Katy Perry; ele cita diversas de suas músicas, algumas séries, desenhos e filmes conhecidos. O autor também reproduz visualmente nas páginas do livro as mensagens de texto que as personagens trocam entre si, transformando as páginas nas telas dos seus celulares. Torna-se muito fácil sentir-se um espectador ocular dessa história, tendo em vista que ela se aproxima inclusive da linguagem audiovisual; criar cenários com objetos conhecidos é instantâneo na mente, bem como a identificação direta com os gostos da personagem.

Ainda em *Os jovens e a leitura*, Petit vai se debruçar sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura, adentrando questões maiores e mais complexas: “de que maneira a leitura pode se tornar um componente de afirmação pessoal e de desenvolvimento para um bairro, uma região ou um país?” (PETIT, 2008, p. 60). Ela invoca uma pluralidade de registros no que concerne à democratização da leitura, como o acesso ao saber, a possibilidade de apropriar-se da língua, as ferramentas necessárias à construção de si próprio, o acesso a um

novo lugar e um novo tempo dentro de cada história e a oportunidade de conjugar as relações de inclusão, tornando-se parte de círculos de pertencimento mais amplos. (PETIT, 2008).

Em sua obra seguinte, *A arte de ler: ou como resistir à adversidade* (2009), Petit aborda a importância da literatura (tomada em um sentido amplo, incluindo relatos orais e histórias em quadrinhos) na formação da pessoa e segue tratando de sua importância em contextos de crise. Ela compartilha a sua experiência especialmente em países da América Latina, e um relato de sua pesquisa no Brasil se destaca, quando ela afirma que:

Porém, no Brasil, assim como em vários lugares, não é fácil transmitir o gosto pela leitura aos adolescentes, especialmente quando eles cresceram nos meios populares. Quando as animadoras de A Cor da Letra chegaram nas favelas e começaram a tirar livros da mochila, muitos jovens se decepcionaram ou ficaram desconfiados. Tais objetos eram desprovidos de sentido; esses jovens só tinham conhecido a leitura na escola, o que não lhes trazia boas lembranças. (PETIT, 2009, p. 39)

A realidade descrita pela autora é mesmo familiar aos que passaram pela escola no Brasil, até nos meios “não populares”. As aulas de literatura e produção de texto não costumam cativar os alunos, trazendo livros pré-estabelecidos e discussões que não acessam os interesses deles. A professora e pesquisadora Gabriela Rodella de Oliveira apurou, em sua pesquisa para o doutorado, que os adolescentes tendem a não pensar nas obras literárias que leem por conta própria como “literatura”, deixando essa categorização para as obras do cânone escolar cuja leitura é imposta – ou não – por seus professores (OLIVEIRA, 2013). Ela segue com as reflexões:

A essa percepção se soma ainda a inexistência nas escolas de discussões sobre as leituras de literatura de entretenimento realizadas pelos alunos espontaneamente. Se considerarmos que a representação que os adolescentes fazem da “literatura” está associada a uma cultura legítima, cujo espaço dentro do ambiente da escola está assegurado, é possível compreender a representação que constroem de que as leituras que fazem por livre escolha sejam insuficientes ou deslegitimadas a ponto de não encontrarem lugar dentro das salas de aula. Como os alunos, em sua grande maioria, parecem não encontrar espaço para uma interlocução com seus professores, essa percepção dos adolescentes se consolida, transformando-se em uma constatação de que o que lhes interessa não interessa à escola. (OLIVEIRA, 2013, pág. 262)

O distanciamento entre o estudante e a escola se materializa na análise da prática de leitura. Os jovens passam a tratar um mesmo hábito, ler o livro que gosta ou ler um livro determinado pela escola, como se fossem hábitos distintos, por se tratarem de conteúdos diferentes, mesmo que estejamos considerando um mesmo objeto – o livro – como fonte. Por não terem legitimadas as obras que leem fora da escola – e, conseqüentemente, não as legitimam eles mesmos, pelo menos em público –, não enxergam o ato da leitura com a dimensão que ele possui e tampouco com o poder que ele pode alcançar na formação de um indivíduo.

A partir deste cenário escolar, os jovens têm lido cada vez menos. O Instituto Pró-Livro tem realizado um trabalho de mensurar estes dados na Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, com sua última edição vindo a público no ano de 2021. Levando em consideração que nos tempos modernos existem inúmeras distrações que exigem muito menos esforço físico, mental e intelectual, há um grande questionamento quanto à leitura de qualquer tipo de livro, e existe uma parcela da população mais “antiga” (aquela que não teve todos os recursos atuais em sua juventude/vida adulta) saudosa e lamentante de que os jovens não lêem mais os “clássicos”. Petit relata que, em formas tradicionais de integração social, havia uma intenção de se reproduzir a vida dos pais, e a leitura fazia parte deste processo, ou seja, era forma de controle do destino dos filhos, com a tentativa de se ensinar modelos a serem seguidos (PETIT, 2008). Este tipo de controle parece inviável em um mundo moderno, repleto de tecnologia e acesso livre à informação.

O meu contato com a leitura por meio dos gibis da Turma da Mônica aconteceu na idade de alfabetização, mas mesmo a quem chega aos textos que lhe trazem prazer na leitura em qualquer idade, é nítida a diferença entre as duas experiências. Sobre o assunto, o teórico Peter Hunt, em seu livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, levanta os seguintes questionamentos: como se forma o sentido? Como se dá o nosso encontro com um texto? Ele acredita que precisamos entender o que ocorre quando lemos para conseguir qualificar cada etapa, e esse talvez seja o processo que esteja acontecendo com uma criança ao ler. Analisar um livro separando enredo, personagem, espaço e estilo reduz a experiência do texto a uma série de passos analíticos. “Para a maioria dos leitores, obrigados a fazer esse tipo de exercício na escola, é provável que destrua qualquer ganho que uma pessoa possa ter ao se encantar por um livro.” (HUNT, p.15)

A relação dos jovens com a leitura precisa e pode ser melhorada. Reconhecer a sua importância, independente do contexto em que se lê, e ser

capaz de ressignificá-la em contextos desfavoráveis, mesmo tendo que enfrentar aqueles que estão presos ao que é considerado “boa literatura”, parece ser o caminho de muitos leitores, e alguns deles alcançam a expansão de sua criatividade, tornando-se também autores.

3.2. OS JOVENS E O CÂNONE

Sou madrinha de duas adolescentes gêmeas, Lara e Lorena, de 13 anos. Observo o comportamento leitor das meninas nas ocasiões em que nos reunimos, e em nosso último encontro, percebo que elas, em alguns momentos do dia, deixam o convívio social para ficar cada uma em seu celular. A princípio, supus estarem “navegando” em suas redes sociais; olhando mais atentamente, vi que elas não “rolavam a tela” do aparelho. Deduzi que só poderiam estar absortas em leituras, sabendo do histórico delas. Questionei o que estavam lendo, e elas entusiasticamente me contam que estão lendo uma *fanfic* de Harry Potter, e estão disputando para saber qual das duas vai conseguir terminar primeiro.

Automaticamente me empolgo com a escolha temática, e começo a contar a minha experiência de leitora da saga. Elas me olham, meio interessadas, meio perdidas, e relatam que, na verdade, elas não leram os livros da série. Não contém vergonha na revelação, elas simplesmente acham mais divertido ler as histórias adjacentes do que a trama original. Confesso ter ficado desconfortável com a revelação, passo a usar meus argumentos apaixonados em busca de acender uma chama de interesse em minhas “pupilas”. Por fim, elas concordam que seria bacana ler os livros, talvez tenha sido com o intuito maior de me deixar feliz.

São duas reflexões a serem destacadas neste episódio: certamente a leitura do original enriqueceria a visão delas acerca da saga. Entretanto, a leitura de algo que prende a atenção, que gera debates acalorados entre os amigos reais e virtuais, que nutre uma competição saudável de leitora mais veloz, todos estes elementos se sobrepõem às problemáticas de uma leitura ideal esperada. Além disso, elas podem coexistir na já atribulada vida dos adolescentes, sendo os professores os mediadores naturais das diversas relações com a leitura que um jovem pode estabelecer. O segundo ponto que gerou esperanças no futuro da leitura é a coragem com a qual elas “bancaram” o conteúdo que liam. Se esta geração se mostra menos preocupada em demonstrar que lêem os clássicos e

parece mais à vontade com suas leituras, um passo está sendo dado na direção de uma formação leitora mais sólida e livre de preconceitos e amarras.

A descoberta de jovens autores não isolados, o trabalho que desenvolvem e a forma como compartilham a sua paixão pela leitura e pela escrita são as motivações que permearam esta dissertação. A partir deste ponto, é importante levar a discussão aos lugares de onde vieram estes autores e de onde ainda vêm estes leitores, com o objetivo de analisar o funcionamento do cenário real de ensino de literatura e incentivo à leitura, quando a abertura de espaços para o novo gera transformação em um ensino tradicional que se mostrava preso à valorização do cânone.

Ao falar de escritores, é preciso problematizar quem se evidencia no campo da literatura e seu cânone. Há espaço no cânone para pessoas jovens? Negras? Mulheres? Márcia Abreu, em sua obra *Cultura Letrada: literatura e leitura* (2006), fala sobre o assunto trazendo diversos exemplos de leituras outras que não são aclamadas pela crítica, mas que têm seu valor e sua riqueza literária, como, por exemplo, o cordel. Ela também relata uma experiência em que a obra *Hamlet*, de Shakespeare, autor consagrado, foi contada para os anciãos de uma tribo africana e foi duramente criticada enquanto texto literário por estes tradicionais contadores de histórias cuja cultura e costumes são essencialmente diversos dos europeus. O fato de eles não terem gostado da obra significa somente que eles “leram errado”? Ou será que as diferentes formas de literatura fora do cânone deveriam ser levadas em consideração? Outro questionamento latente relacionado a esta pesquisa pode ser: será que a linguagem dessa literatura canônica incentiva os jovens a se tornarem leitores?

Se essa pergunta fosse feita pessoalmente a mim, eu responderia, sem titubear, que não. No primeiro semestre da graduação, cursei uma disciplina que era temida por causa da abordagem do professor: precisaríamos ler um livro clássico por semana e responder a questões pontuais (que se assemelhavam às dos questionários incluídos nos livros que a escola passava no ensino fundamental). Tratavam-se de obras com linguagem difícil, algumas extensas, todas elas consideradas complexas. Lembro-me de sofrer bastante tentando acessar, de todas as formas, as estrofes d’ *Os Lusíadas*, famosa obra de Luís de Camões. A escrita é característica de outro tempo, eram muitas páginas e eu não conseguia passar da primeira, conseqüentemente obtive a nota um de um total dez, para nunca mais esquecer o feito.

Esse acontecimento poderia ter me traumatizado permanentemente, mas o trauma acabou acontecendo somente por um curto período de tempo em que aprendi, com muito custo e com outros professores, alguns caminhos para chegar às obras mais complicadas (e a nem todas eu considero ter acesso – inclusive a *Os Lusíadas*). Ainda assim, acompanharam-me, ao longo do curso de letras, leituras que não eram as exigidas em sala, e segui sendo uma leitora “híbrida”, frequentando os dois mundos.

Entretanto, o discurso majoritário aponta que os jovens não gostam de ler. Todorov fala de uma das dificuldades no acesso ao texto: “Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos.” (TODOROV, 2009, p.27). Ele se refere nesta frase a um famoso entrave que existe contra a acessibilidade da literatura ao público leitor: o estudo contínuo das teorias literárias sobre determinado texto, isto é, o que dizem os críticos (e ele corajosamente se inclui entre estes especialistas) em detrimento da leitura do texto, em primeiro plano. Ele inclusive usa de exemplo a recorrente abordagem anterior da importância de Machado de Assis, seu momento histórico e sua crítica literária à simples leitura de suas obras.

Segundo Martín-Barbero e Rey, a escola passou a estimular um modelo “mecânico e unidirecional” de leitura. Trata-se de um modelo de leitura passiva, cuja correspondência pode ser estabelecida com aquela instituída há muito tempo pela Igreja. Seguindo os passos dos clérigos do passado, os professores também afirmam a existência de uma leitura unívoca. À leitura do aluno não cabe outra possibilidade senão a de ser percebida como simples eco, desaparecendo qualquer possibilidade de lhe abrir o espaço da criatividade. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 57).

Para Hunt, o cânone acaba criando uma hierarquia literária e uma noção de que certos textos são melhores do que outros. Ele compara a uma espécie de “sacerdócio” literário, quando são impostos os conceitos de boas e más leituras, livros melhores e piores. O autor acredita que uma crítica literária “prática” surgiria em resposta a tal cânone pré-estabelecido, mas ela acaba tratando o texto sem levar em consideração o seu contexto, o que o autor considera inviável, sendo que “todos os textos sempre têm contextos.” (HUNT, 2010).

Hunt considera a teoria como algo que incomoda por tentar explicar o óbvio e, neste processo, acabar dando visibilidade ao que está oculto (2010). Estando a crítica e a teoria interligadas, ele explicita:

Dito isso, a crítica tem uma boa dose de responsabilidade por restringir o prazer oriundo dos textos. À medida que se desenvolveu na primeira metade do século XX, ela estabeleceu duas questões: a “crítica prática” e a ideia de “cânone”. Ambas em grande parte incompreensíveis para a maioria das pessoas. Em seguida, a crítica gastou um enorme volume de papel argumentando contra essas estranhas criações. (HUNT, 2010, p. 14)

No mesmo sentido, Eagleton (2016) defende não existir uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa em si, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. Ele considera “valor” um termo transitivo: significando tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos. “Assim, é possível que, ocorrendo uma transformação bastante profunda em nossa história, possamos no futuro produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor a Shakespeare” (2016, p. 17). Márcia Abreu relatou, inclusive, culturas nas quais o aclamado autor já não possui valor nos dias de hoje, como relatado anteriormente.

A literatura tem uma grande primeira divisão, entre o que faz parte do cânone e o que não se encaixa nele. Para o segundo tipo, o teórico Flávio Kothe vai denominar “narrativa trivial”, sendo esta expressão um prenúncio de uma visão um tanto quanto elitista: ele acaba por se colocar em uma posição de poder de classificação entre o que é ou não é trivial, e age como se estivesse fazendo um trabalho de caridade ao analisar alguns tipos de *best sellers* e suas características principais, com alguma dificuldade em encontrar aspectos positivos.

Ele aponta que a narrativa trivial encena a vitória do bem sobre o mal, maniqueisticamente, e que se disfarça de diversão para doutrinar o público, legitimando os seus preconceitos – mostrando, inclusive, o seu próprio preconceito por quem lê este tipo de livro. O romance de aventuras, a novela de detetive, a novela policial, o *thriller* e demais gêneros de ficção de massa parecem caracterizar-se pelo que ele insiste ser trivialidade – a repetição e superficialidade de tipos, enredos, finais – em nível de estrutura profunda, com uma grande variação de estruturas de superfície.

Nos mesmos lugares em que Kothe vê superficialidade, vemos caminhos de entrada para contatos iniciais e espontâneos com a leitura, que pode se mostrar uma ferramenta possível e efetiva na formação do leitor. Um contraponto interessante de valorização do “trivial” é de que é possível observar que as obras

da tradição podem ser limitadas, enquanto estas narrativas podem ser criativas. Questiona-se, portanto, se nesses gêneros da massa podem aflorar obras de arte; mas, principalmente, reconhece-se que se houvesse uma obra absoluta, nenhuma outra seria necessária. (KOTHE, 2007)

Na escola, a discussão é centrada no cânone, apontando para um possível risco à literatura, como se houvesse uma ameaça direta aos conteúdos pré-estabelecidos ao introduzir a possibilidades de leituras fora dele. Ao pensar sobre todos os aspectos dessa discussão, surgem algumas questões latentes: E se perguntássemos aos jovens como eles se sentem quanto à leitura? Por que não trazer a visão dos jovens para dentro da escola, inclusive suas obras, tanto aquelas que eles leem e nem consideram leitura quanto aquelas das quais são autores? O ensino de literatura ganharia se tivesse obras de jovens, sendo estes dispostos a estar presencialmente nas escolas e mais acessíveis em redes sociais e eventos? Mesmo que digam que esse tipo de livro não tem qualidade, não seria o momento de colocá-los à prova?

É primordial ressaltar que não se trata de uma tentativa de ataque ao cânone, mas sim da disponibilização de novas opções para complementar o ensino e incluir os alunos no seu próprio processo de aprendizagem. Se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) dizem que, para o desenvolvimento da leitura dos alunos, é preciso dispor de “textos que rompam com o universo de expectativas [dos alunos], por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor” (BRASIL, 1998. p. 50), promover o encontro do conteúdo programático com as leituras que eles descobrem por conta própria tende a enriquecer a experiência leitora.

Neste sentido, os interesses de jovens autores podem se alinhar aos interesses de jovens leitores, cujos temas abordados são atuais e visam contemplar a realidade de ambos. Afinal – e principalmente por isso – aquele que escreve é um leitor, há mais tempo de que é qualquer outra definição que ele consiga ter de si mesmo; portanto, o jovem escritor possui características, formatos de escrita e projetos específicos para produzir conteúdo de interesse para esta faixa etária e acaba por ser bem sucedido ao atingir seu público alvo, principalmente nesta era da internet.

Para trazer exemplos aqui analisados, nas palestras que Lavínia Rocha e Mariana Negreiros realizam, elas percebem um crescente interesse por parte dos

alunos por seus livros, até mesmo daqueles que não se consideram leitores. Lavínia retorna a algumas das escolas em que já esteve e observa um crescimento no número de leitores, fato que está relacionado ao contato que eles tiveram anteriormente com ela; e este trabalho buscou mostrar que a identificação direta com temáticas, as tratativas de vivências comuns cotidianas e a linguagem mais fácil, mais acessível e mais dinâmica são elementos determinantes para o alcance deste resultado exitoso na formação de leitores em idade escolar.

O cânone literário não precisa ser desafiado, mas incluso em uma série de discussões sobre o ensino e suas metodologias ultrapassadas. Aproximar o conteúdo pelo qual o aluno está se encantando da sala de aula, iniciar diálogos sobre assuntos mais interessantes a eles e aumentar o leque de opções de trabalho tem se mostrado uma possibilidade real de melhorar a relação dos jovens com a leitura e, ao desenvolver suas habilidades, esse processo pode levá-los a “botar pra fora” suas impressões, opiniões e até a criatividade – alguns descobrem o gosto pela escrita como forma de fazer ouvir a sua voz.

3.3. OS JOVENS E A VOZ

Os jovens têm uma voz. Mesmo sendo ignorada, mesmo sendo desconsiderada, o jovem tem o que dizer e ele sabe o que quer. Era de se esperar que ele fizesse suas escolhas de acordo com o que lhe é ofertado, mas com o advento da internet e a possibilidade de pesquisar sobre diversas formas de conhecimento e entretenimento, ele passa a acessar conteúdos através de outras plataformas que não os livros, e visa assuntos diferentes daqueles oferecidos nos clássicos da escola. Conversar com um jovem, ouvir o que ele tem a dizer sobre seus interesses e gostos é um primeiro passo para saber como funciona a relação dele com a leitura; a alternativa é seguir ignorando o avanço da tecnologia e suas consequências na aprendizagem, sendo assim, a posição inteligente do primeiro passo proposto pode ser representada por um velho ditado: “se não pode vencê-lo, junte-se a ele”.

Existem aspectos fundamentais a serem ponderados na busca de se conhecer a realidade dos jovens e no empenho pela identificação de sua voz. No nosso caso, elegemos três eixos fundamentais: 1) a conceituação de juventude, seus aspectos considerados negativos em contraponto ao reconhecimento de sua força, 2) a formação leitora em tempos de mídia, suas ações nas redes sociais

enquanto autores e as diferenças entre um universo escritor adulto e, por fim, 3) a necessidade de abrir um espaço para defender a representatividade também por idade. Na articulação desses três eixos, pode-se compreender de que maneira o jovem é visto por um olhar negativo e tendencioso, em contraposição ao seu esforço para criar um espaço singular enquanto leitor e, como nos casos analisados, enquanto escritor também.

Para pensar na juventude e em seu papel na sociedade moderna, retoma-se alguns conceitos estabelecidos por Órgãos competentes, como a Organização Mundial da Saúde (OMS). O Marco Legal, documento desenvolvido pelo Ministério da Saúde do Brasil, apresenta o conceito de adolescência como sendo o período da vida compreendido entre a infância e a fase adulta, assinalado por um “complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial” (BRASIL, 2007, p. 7). A OMS circunscreve a adolescência à segunda década da vida (de 10 a 19 anos) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Esses conceitos comportam desdobramentos, identificando-se adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e adultos jovens (de 20 a 24 anos).

A palavra “complexo” é a que melhor descreve a passagem do tempo representante deste crescimento. Principalmente aqueles que já passaram pela adolescência poderão avaliar essa época a partir da compreensão das dificuldades pelas quais passaram; aos que ainda se encontram nela, talvez seja mais desafiador perceber que se tratam de questões inerentes a esta fase, e não necessariamente a circunstâncias vividas individualmente. Entretanto, é preciso pensar nas individualidades dos grupos considerados jovens, e a Política Nacional de Juventude (PNJ) amplia o conceito ao colocá-lo no plural, conforme exemplificado por Silva e Silva (2011):

Porém se considera importante salientar que, mesmo incluindo sujeitos de uma mesma faixa etária, a juventude possui características diferenciadas de acordo com o contexto no qual os jovens estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude no plural. O uso da expressão “juventudes” representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um. (SILVA e SILVA, 2011, p. 664)

Na sociedade brasileira, é comum a disseminação de ideias sobre adolescência e juventude associadas às noções de crise, desordem e irresponsabilidade. Pelo fato de serem vistos como um problema social a ser resolvido, digno de atenção pública, de repreensão constante e de pouco diálogo, a

eles também é designado um enfoque de risco, sendo associados à situações consideradas problemáticas e perigosas, como gravidez não planejada, possibilidade de contrair doenças sexualmente transmissíveis com mais facilidade, suscetibilidade ao uso de drogas ilícitas, perigo de morte frente à violência, dentre outros.

O risco como um todo parece, assim, definir e marcar negativamente esse período da vida, gerando expressões, ações e posturas exageradas da sociedade em geral em relação aos adolescentes. Tais aspectos assumem gradações distintas se adotarmos a noção da vulnerabilidade para entendermos as experiências dos jovens com os perigos. Neste caso, tem-se vulnerabilidade por capacidade do indivíduo ou do grupo social de decidir sobre sua situação de risco, estando diretamente associada a fatores individuais, familiares, culturais, sociais, políticos, econômicos e biológicos (BRASIL, 2007, p. 8 e 9).

Para Dayrell (2003), uma das visões mais arraigadas sobre a juventude está relacionada à sua condição de transitoriedade, na qual “o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente.” (DAYRELL, 2003, p. 40). Entretanto, a autonomia presente na consciência individual da sua realidade enquanto jovem pode fazer dessa passagem uma ponte que o leva ao outro extremo: o de reconhecimento da própria força e busca de crescimento e imposição de seu lugar no mundo. Ao não aceitar o lugar de limbo em que se é colocado, ele luta para descobrir que não é a um só lugar que ele pertence, assim como são múltiplas as juventudes.

Segundo WADA (2004), para refletir sobre a juventude é preciso levar em consideração as ideias do futuro de um país, de uma fase da vida que se trata de um período com muita energia propiciadora de uma busca do que ser e fazer, de curiosidade e possibilidade: é poder se realizar nos sonhos, conhecer, pensar e viajar para construir o mundo. A motivação inerente do pensamento de auto capacidade é um combustível que o leva a galgar patamares superiores, ou ao menos o mantém na perseguição deles. Biologicamente, a fase da vida considerada de força de trabalho é a da juventude, justamente por existir um vigor físico e um senso de necessidade de produção.

Os jovens estão encontrando maneiras próprias de se sentirem representados, seja por meio de espaços de discussão e trocas, seja criando oportunidades para si mesmos. Um exemplo importante na história do Brasil contemporâneo dessa força jovem é o das ocupações das escolas públicas no

estado de São Paulo em 2015. Corti, Corrochano e Silva (2016) organizaram os dados deste fenômeno:

Como reação à medida oficial de reorganizar a rede de escolas, fechando 94 unidades e remanejando alunos de outras 754, com enorme impacto na vida de estudantes, familiares e professores, um conjunto de estudantes da rede estadual deflagrou um processo de ocupação dos prédios escolares. No dia 9 de novembro de 2015, estudantes da Escola Estadual Diadema fizeram a primeira ocupação. No dia seguinte foi a vez da Escola Estadual Fernão Dias. Depois de um mês de mobilizações de rua, abaixo-assinados, tentativas de diálogo com diretorias de ensino e com o governo, e sem obter resultados, os estudantes optaram por uma estratégia inusitada de ação direta que logo se espalhou por todo o estado. No final de 2015, foram contabilizadas mais de 200 escolas estaduais ocupadas. (2016, p. 1160-1161)

Os estudantes se viram encurralados e injustiçados pelas medidas tomadas pelo governo, e decidiram se unir com o propósito de mudar a realidade a que foram submetidos. As interações nas redes sociais precederam o processo físico de ocupação, e o cotidiano deste período era organizado por comissões responsáveis pelas diversas tarefas e pela gestão do movimento, além da oferta de atividades culturais, aulas, palestras, oficinas e cursos. “As imagens oferecidas pelos jovens nas ocupações – atuando, discursando, cozinhando e limpando – contrastam com as imagens tradicionais de estudantes calados e enfileirados nas salas de aula.” (CORTI, CORROCHANO E SILVA, 2016, p. 1170).

Os alunos provaram que não se encaixavam num papel apenas de submissão, de aprendizes. Eles tomaram a frente de seus interesses, e resistiram até que o projeto fosse revogado. “O projeto foi suspenso nesta sexta-feira (4 de dezembro de 2015) pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), em anúncio no Palácio dos Bandeirantes, na Zona Sul de São Paulo.”¹¹ As ocupações colocaram à luz os problemas de um modelo educacional que precisou ser repensado naquele momento, e conseguiram mobilizar grupos e implementar discussões que passaram a manter sua relevância frente ao processo educacional.

Ainda considerando a potência dos jovens, a relação deles com a literatura pode ser também fonte de pesquisa, com dados que ajudam a ampliar a compreensão sobre este nicho em seus diversos contextos. Isso possibilita inclusive

¹¹ Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>>. Acesso em 2 dez.2022.

o mapeamento de dificuldades dos jovens e abre possibilidades de evolução nos espaços de ensino e no modo de repassar as diversas culturas de leitura.

Existem várias ideias quanto ao hábito de leitura dos jovens atualmente: a de que eles leem pouco, que não gostam de ler, que escolhem passar todo o tempo no celular e nas redes sociais, sobretudo no Brasil – mas será que estas informações trazem uma verdade incontestável? Segundo a pesquisa de Soares e Rocha (2020), o número de alfabetizados que mantêm alguma prática de leitura – reitera-se aqui que estão considerando aquelas práticas além das formalizadas pela escola –, em relação a décadas passadas, mostra-se em uma crescente. Além disso, não é esta a realidade que o interesse e a mobilização da juventude por ações de cunho literário evidenciam:

Movimentos, espaços e ferramentas, como saraus, slams, batalhas de rimas, bibliotecas comunitárias, canais de vídeo e podcasts sobre livros apontam que os jovens estão dispostos não só a ler literatura, mas a conversar sobre as leituras, produzir e compartilhar textos próprios, além de buscar formar outros leitores. (SOARES e ROCHA, 2020, p. 43)

O problema é que a escola parece não estar acompanhando essas mudanças. Ela segue insistindo em um ensino tradicional, que se limita a passar conteúdo, sem considerar a subjetividade e a cultura dos jovens que são construídas por outras referências além da escola e da família – o que impõe novas exigências no campo da relação entre as gerações, da participação e expressão juvenis e mesmo no interesse do jovem pelo conhecimento. Desta forma, acaba se tornando palco muito mais de confronto e mal estar do que de um intercâmbio propriamente dito (AMARAL, 2006, p. 81-82).

A leitura deixou de ser uma prática dependente da materialidade do livro. Incluir as mídias e compreender a sua relação com a prática depende de conhecer algumas especificidades da contemporaneidade, pensando no modo em que as práticas de leitura e escrita se desenvolveram ao longo da história e em como a leitura se insere diretamente nas práticas culturais (OSWALD, ROCHA, 2013, p. 270). Os autores trazem os seguintes exemplos:

Assistimos, assim, a um verdadeiro paradoxo, pois se no ambiente escolar os professores reclamam que os alunos não querem ler e muito menos escrever, fora da escola, o acesso à internet em casa, ou via dispositivos móveis (telefones celulares, redes 3G, wi-fi), estimula crianças e jovens não só a lerem e a escreverem num ritmo intenso e acelerado, como também incentiva a circulação de leituras e escritas por intermédio da conexão em redes abertas, como ocorre

nas redes sociais: Facebook, MySpace, Orkut, NING, Twitter. (OSWALD, ROCHA, 2013, p.273-274)

Ao tomar conhecimento de que existem de fato pessoas que mantêm o hábito de ler, entrar em contato com os meios pelos quais tal leitura acontece não é difícil. Muitas delas se utilizam das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para que a leitura seja compartilhada e disseminada por meio das mídias sociais como *blogs*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, redes nas quais as pessoas criam perfis e páginas com o objetivo de falar sobre livros. Nascimento e Nunes (2021) definem um fenômeno que acontece no *Instagram*:

Foi com essa proposta que surgiu o Instagram literário, ou bookstagram, termo original da língua inglesa, que compreende perfis criados na plataforma do Instagram com o intuito de divulgar livros, mediar a leitura, aproximar pessoas com gostos de leitura similares e, assim, criar uma comunidade literária. Nesses perfis, através de resenhas, indicações, maratonas e desafios literários, entre outros tipos de conteúdo, é possível conhecer novos autores, aproximar-se de outros leitores e até formar novos leitores. (2021, p. 122)

Como anteriormente relatado, foi através desta ferramenta que eu conheci Mariana Negreiros, e os laços indicados realmente se firmam. De maneira similar, Pedro Rhuas e Lavínia Rocha realizam um trabalho consistente no *TikTok* e *Instagram*, e atingem inúmeros usuários com um assunto pelo qual não se espera que os jovens tenham interesse: livros, leitura e escrita.

Um bom exemplo deste alcance, ainda que não seja diretamente sobre literatura, aconteceu no mês da Consciência Negra de 2022. Lavínia, que é também professora de história, desenvolveu em sala de aula uma atividade com os alunos de um quinto ano sobre o continente africano, comparando e registrando as noções prévias dos alunos antes de ministrar o conteúdo programático e os registrou novamente após terminar de trabalhar o capítulo. O resultado nas respostas deles, que ampliaram suas percepções, apresentando um quadro bastante cheio de conceitos, deixa claro que a falta de conhecimento alimenta preconceitos, e que o mesmo conhecimento gera segurança e interesse. Ela produziu um vídeo no qual aparece em frente ao quadro e é possível ouvir as vozes dos alunos, com recortes temporais mostrando diretamente seu resultado; ao postá-lo no dia vinte de novembro, celebridades negras reconhecidas nacionalmente e famosos veículos de

comunicação o “repostaram”, culminando na viralização do mesmo e amplificando imensamente a abrangência do conteúdo da autora.

Araújo e Frade (2021), ao citarem Diaz-Plaja¹² (2008), afirmam que a dissonância entre o que a escola indica e o que os leitores jovens preferem restringe as possibilidades de orientação da escola para outras redes de sociabilidade literária na internet. As autoras assinalam a necessidade de se iniciar uma proposta de leitura literária para jovens a partir da análise das obras de interesse dessa faixa-etária, dos suportes preferidos pelos leitores jovens para a leitura literária e dos modos de acesso a essas obras. Os interesses de leitura denominados “campos de leitura” são considerados como diversos conjuntos de obras literárias valorizadas cultural, sociológica e educativamente. No entanto, em geral, os campos de leitura da escola são diferentes de outros espaços da sociedade, pois a escola valoriza a cultura canônica e os autores de alto prestígio acadêmico, ao passo que outros setores e grupos sociais, em especial, os jovens, interessam-se pela cultura de consumo, de massa, popular ou vulgar (DIAZ-PLAJA apud ARAÚJO E FRADE, 2021).

Pensando nos escritores jovens apresentados neste trabalho, será possível reconhecer padrões nas suas ações nas redes sociais? Fica claro que os seus livros não se encaixam no cânone, mas será que isso importa ao público leitor? A linguagem utilizada por eles é diferente, e é justamente por causa dessas especificidades que ela dialoga com outros jovens também. Este tema coloca em voga a representatividade, tão discutida anteriormente nesta dissertação quanto aos aspectos gênero, raça e sexualidade; a reflexão aqui gerada fez emergir uma intrigante questão: será que a idade não deveria ser um fator a reivindicar representação?

Esses escritores possuem uma atuação em comum nas redes, primeiramente porque elas têm um formato que uniformiza o acesso ao que se posta. Com variações na escolha dos enfoques, eles vão buscar maneiras de tornar o livro e o ato de ler mais atraentes e dignos da atenção do jovem, utilizando-se de artifícios e linguagens a que eles estão expostos: “dancinhas”, *challenges*, interações com os usuários, além de cada um deles estar mais de uma rede e produzir conteúdo específico para cada uma delas. As pessoas que consomem esses conteúdos rápidos e que se deparam com assuntos literários não costumam fiscalizar ou

¹² Diaz-Plaja, A. (2008). Entre Libres: La construcció d'un itinerari lector propi en l'adolescència. In: Lectures adolescents. Colomer, T. [e tal] (Orgs.) Barcelona: GRAÓ.

preocupar-se com o que elas estão lendo, ou questionar se fazem parte dos clássicos e da “boa” literatura. Elas buscam o prazer imediato de conhecer algo novo, com poucas palavras ou através de outros artifícios “teatrais”, mas que podem ressoar com seus interesses no momento. Fora das redes, vimos que jovens escritores darem palestras em escolas é uma prática que registra mudanças nos hábitos leitores, da mesma forma que, naquela aula de história sobre a África, expandir o conhecimento por meio de uma aula dinâmica gerou interesse nos alunos.

A ideia de se ver o jovem enquanto incompletude, como alguém que está passando por uma preparação para o que vem depois estaciona a juventude com referencial no adulto. Comparar é o mesmo que desejar que seja igual, e essa relação feita entre a literatura escrita por jovens e a adulta, sendo esta última o modelo a ser copiado sempre vai culminar numa avaliação injusta. Afinal, ter como motivo o fato de que os adultos sempre escreveram para e no lugar dos jovens não o torna um bom motivo por si só. Ao descobrir que existem representantes à disposição, com o trabalho em curso e gerando resultados positivos no alcance dos jovens leitores, transformá-los em aliados parece uma alternativa possível ao objetivo de alavancar a formação de leitores no Brasil.

Mesmo que a literatura adulta seja a referência do que é bom, do que tem valor, principalmente a partir do ponto de vista estritamente literário, ela não faz sentido sozinha na chave da representatividade apontada neste trabalho. Os jovens têm manifestado a vontade de se ver nos textos e nos seus autores, com os “limites” e também com a potência que eles possuem, que é muito diferente da de adultos.

O fato de considerar, em conjunto, diversas plataformas midiáticas atreladas à escrita é um ponto cada vez mais visto nestes jovens. Lavínia Rocha, Pedro Rhuas e Mariana Negreiros são apenas os exemplos de escritores mais atuantes que encontrei, mas nas plataformas em que são compartilhadas *fanfics*, ou nas mesmas redes aqui anteriormente citadas, existe um trabalho extenso de escritores que estão conseguindo conquistar um público alvo considerado consumidor – tendo em vista que é difícil pensar em um lugar independente do consumo na realidade capitalista da maioria dos países do mundo em que vivemos, e sabendo que falar de consumo não invalida todos os atributos da literatura jovem.

A juventude possui, indiscutivelmente, características próprias e específicas que, mesmo sendo consideradas combustível para aspectos negativos, são na verdade excepcional força para construir o seu presente sem aceitar o que lhe é

pré-determinado. Enquanto leitor, sua formação em tempos tecnológicos é completamente diferente, mas não menos importante. Deste modo, a necessidade de existir um espaço que reconheça a representatividade também por idade, de jovens falando para jovens, tem se apresentado em diversos meios, como uma voz constante que vai lutar para ser ouvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi um longo caminho percorrido para chegar até aqui. Penso agora se levo em consideração o meu caminho de leitora desde pequena, e descubro que não é possível que nada dentro de mim e a partir de mim exista fora dele. Eu preciso contar que ainda consigo viver exatamente aquele sentimento que encontrei ao passear por uma Bienal do Livro em outubro de 2016, entrar num estande por causa dos livros expostos, conhecer as jovens autoras e me apaixonar imediatamente. Talvez esta esteja sendo a relação mais duradoura que eu tive até hoje: o encontro comigo mesma que tenho a cada vez que leio um novo livro, e estes livros específicos me marcaram de um modo muito especial.

Como toda pessoa empolgada ao extremo, eu precisava apresentar os meus objetos de adoração ao mundo. Percebi que compartilhar com meus amigos era insuficiente, então decidi organizar um projeto que pudesse dar destaque a esses autores, e ao mesmo tempo contribuir para o aprofundamento de suas temáticas. Não foi fácil, não foi no tempo que eu esperava e nem da maneira que imaginei, mas consegui trazer a discussão destes jovens autores ao ambiente que deveria ser familiar a eles.

Foi preciso recorrer a fontes não valoradas de pesquisa; tive que ir nos ambientes que eles frequentavam – apesar de que muitos deles eu já frequentava assiduamente. As redes sociais são uma parte importante da vida da sociedade atual, e é impossível viver alheio à elas. Ao mudar o olhar quanto à sua importância, tornou-se razoável partir delas para analisar o que estava por trás dos discursos, das descrições e das fantasias criadas por estes escritores.

A concepção de ampliar o cânone passa, muitas vezes, não só por encontrar escritores que não publicam por grandes editoras, mas também aqueles que têm uma relação alargada com a própria materialidade do livro. Eles podem não ser convidados para as mesmas premiações e eventos que outros autores, contudo,

buscam formas de construir o próprio espaço. Para tanto, é fundamental que o pesquisador vá a diferentes ambientes. Se ele ficar somente nos tradicionais (inclusive amarrado à bibliografia tradicional), o cenário crítico parecerá mais empobrecido do que de fato é. Visualizamos, então, a importância de um olhar não viciado, acompanhando o raciocínio de Rancière:

É nisso que consiste o processo de subjetivação política: na ação de capacidades não contadas que vêm fender a unidade do dado e a evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível. A inteligência coletiva da emancipação não é a compreensão de um processo global de sujeição. É a coletivização das capacidades investidas nessas cenas de dissenso. É a aplicação da capacidade de qualquer um, da qualidade dos homens sem qualidade. Como eu disse, nada mais que hipóteses insensatas. No entanto, acredito que há mais que procurar e mais que encontrar hoje na investigação desse poder do que na interminável tarefa de desmascarar os fetiches ou na interminável demonstração da onipotência da besta. (RANCIÈRE, 2012, p.49)

Quando nos dispomos a ouvir mais vozes, outras vozes – neste cenário, as dos jovens – temos mais a saber e conseguimos enxergá-los como potência. O seu habitat natural, ou seja, as redes sociais, os livros que escrevem – são campos recheados de material, as “capacidades não contadas”. Este exercício parece significativo (e certamente é divertido), suplantando aquele de revisitar os mesmos conceitos exaustivamente. Existe força onde não se ouve, ainda que o exercício de olhar para outras fontes seja contrário ao que fomos treinados para fazer.

Apresentar a trajetória inicial de alguns escritores já consagrados pela crítica mostrou as diferenças e semelhanças entre os textos do começo e os conhecidos pelo público em geral, sendo que, nem sempre, eles estreavam com louvor. Em comparação, os jovens escritores de hoje podem também estar ainda a caminho do auge. O panorama de cinco escritores da atualidade aponta a diferença de imagem entre um autor que se espera ver na orelha de um livro e os autores reais, e como essa diversidade é benéfica para o cenário literário: as vivências e realidades diferentes vão resultar em obras que dialoguem com cada vez mais leitores.

As temáticas principais observadas nos livros desses escritores são as diversas representatividades e a fantasia. Lavínia Rocha consegue misturar as duas questões, enquanto Pedro Rhuas e Vitor Martins retratam principalmente a representação LGBTQIA+. Mariana Negreiros foca na fantasia, enquanto Íris Figueiredo traz a saúde mental enquanto assunto. As redes sociais são meios

constantes dos quais eles se utilizam, e aborda-se o diário como grande oficina de escrita.

O estudo de caso de Lavínia Rocha serviu para, a partir da experiência de um caso melhor sucedido neste campo, assinalar outros e buscar um local de pertencimento junto ao ensino, tendo em vista que já fazem parte da vida de outros jovens fora da escola. A biografia dá a conhecer sua trajetória, e a apresentação e análise das obras visa encontrar reconhecimento de alguma espécie para a autora. As entrevistas permitem entender como funciona o seu trabalho na prática, e visualizar o impacto nos alunos.

A formação de leitores indiscutivelmente acontece além e apesar da escola. Este trabalho demonstrou a influência, majoritariamente pensada somente em termos negativos, das redes sociais e de influenciadores digitais, buscou desconstruir esta visão e revelar a alegria que pode ser ter contato com um autor vivo, disponível inclusive para fazer “dancinhas” e trocar ideias. Lembro-me de, na ocasião em que conheci Lavínia, ela me fazer um pedido: que eu mandasse uma mensagem em seu *Facebook* depois de ler seus livros, a fim de contar para ela as minhas impressões. Ela estava empolgada com o fato de uma estudante de letras ter manifestado tanto entusiasmo com o seu trabalho. Algum tempo se passou, mas mantive o acordo e a contactei, logo após me perder na madrugada lendo, em sequência, os dois primeiros livros da trilogia. Imaginem a minha aflição ao descobrir, por ela própria, que a continuação ainda não havia sido sequer escrita! Manter o contato com ela era confortante e, ainda hoje, faz-me sentir especial.

A literatura jovem talvez seja o quinhão menos tratado pela crítica, que é centrada em obras adultas e dá, ainda que em menor grau, uma atenção à infantil. Talvez o incômodo com as obras de jovens advinha do fato de elas ainda não parecerem completas, do mesmo modo que o jovem é considerado um “vir a ser”, e não somente um “ser”. Aguarda-se o momento em que ele será, como foi aguardado o crescimento de Cecília Meireles enquanto escritora. Entretanto, Clarice Lispector nasceu para o mundo literário pronta e despontando até o seu desfecho. De certa maneira, Clarice pode ter mantido sua força jovial do início ao fim, o que não significa que Cecília não carregue um vigor igualmente jovem.

Para que toda essa reunião de livros e autores faça sentido, foi indispensável uma análise crítica dos capítulos anteriores, retratando e problematizando a relação dos jovens com a leitura, contando com diversos críticos, discutindo as dificuldades encontradas pela maneira de ensino do cânone na escola e a perpetuação dessa

coroação; entretanto, o que realmente importa é ecoar a voz dos jovens, a voz que eles já entoam, mas que talvez não tenhamos ouvido para escutar.

Ao analisar algumas obras nesta dissertação, concluo que, ainda que não sejam consideradas “alta literatura”, elas certamente têm o poder de dialogar com os seus leitores. Assim como os livros de Pedro Bandeira ressoaram em Lavínia com tamanha potência que a levaram a escrever contando com a inspiração de seus mistérios, os livros de Lavínia ecoam em seus leitores negros, pessoas com deficiência, e em todos os que gostarem dos mistérios que ela aprendeu a criar. Os livros de Pedro Rhuas proporcionam um alento relatados pelos leitores LGBTQIA+, e essas ligações construídas com elementos tão caros às duas partes são indestrutíveis, não importa o que ou quem vai dizer ou julgar. Eu me orgulho da minha “biblioteca” colorida, com meus livros de capas lindamente ilustradas, que montei a partir daquela tarde de outubro. E este trabalho foi um convite para conhecê-la e, quem sabe, montar a sua também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALVARENGA, Augusto. BARBOSA, Adelina. CESTARI, Mariana. MEDEIROS, Fernanda. OLIVEIRA, Aimée. RIBEIRO, Bibi. ROCHA, Lavínia. **Amores improváveis – no colégio**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

AMADO, Jorge. **O país do carnaval**. São Paulo: J Olympio, 1931.

AMARAL, M. Encontro com professores e alunos de uma escola estadual do ensino médio: uma escuta em que a dimensão objetiva se vê alinhavada pela subjetividade dos atores. In: AMARAL, M. (Org.). **Educação, psicanálise e direito: combinações possíveis para se pensar a adolescência na atualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 79-98.

ALVES, Val. CHIORO, Solaine, PILAR, Olívia. ROCHA, Lia. **Formas reais de amar**. Rio de Janeiro: Editora Agência Página 7, 2018.

ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Experiências de leitura literária digital por leitores jovens**. Pro-Posições. Campinas, SP, V. 32, 2021.

BANDEIRA, Pedro. **O primeiro amor de Laurinha**. São Paulo: Editora Rosari, 1999.

_____. **A Droga da Obediência**. São Paulo: Moderna,

BARBOSA, Adelina; MEDEIROS, Fernanda. **Triângulo de 4 lados**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

_____. **Trevo de 4 folhas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2007.

CANDIDO, Antonio. **No raiar de Clarice Lispector**. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

CARVALHO, Ana Clara. **Diário da Aninha Carvalho**. São Paulo: Editora Giostri, 2015.

CASSIANO, Carolina. CERDEIRA, Camila.. NETO, Delson. USUKI, Larissa. ROCHA, Lavínia. MATOS, L. V. CHIORO, Sol. SOUZA, Waldson. (Orgs.) LUIZ, Dante. G. G. Diniz. **As Artes Mágicas do Ignoto**. Fortaleza: Editora Corvus, 2021.

CESTARI, Mariana Munford. **Das estrelas**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

CHIORO, Solaine. FORTUNATO, Lorrane. PILAR, Olívia. ROCHA, Lavínia. **Flores ao mar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022.

CORTI, Ana Paula de Oliveira. CORROCHANO, Maria Carla. SILVA, José Alves da. **Ocupar e resistir: a insurreição dos estudantes paulistas**. Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 137, p.1159-1176, out.-dez., 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina (2012). **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte.

DAVID, Ricardo Santos. **Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características**. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. Cadernos discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p.66-84, 2016. (ISSN 2317-1006 - online).

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERNANDEZ, Raffaella (Org.). **Carolina Maria de Jesus: Meu sonho é escrever**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FIGUEIREDO, D. C. C., & OLIVEIRA, D. M. G. (2018). **Ser leitor entre a infância e a juventude**. *Momento - Diálogos Em Educação*, 27(2), 430–450. <https://doi.org/10.14295/momento.v27i2.7284>. Acesso em 15 mai. 2022.

GOMBERG, Felipe; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (Orientadora). **A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica**. Rio de Janeiro, 2006. 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Acesso em 07 nov. 2022.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

PRÓ LIVRO, Instituto. **Retratos da Leitura no Brasil**. Itaú Cultural: 5ª Edição, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Edição 1ª. Editora: Folha de S.Paulo · Ano: 2017

MAGRO, L. H. **UMA LITERATURA EM BUSCA DE SEUS LEITORES: a produção infantojuvenil de Pedro Bandeira**. Assis, 2011, v. I, 2-301 f; v. II, 302-601 f. Tese

(Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

MARQUES-SAMYN, Henrique. Prefácio. In: MEIRELES, Cecília. **Espectros**. 3 Edição. São Paulo: Editora Global, 2013.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico: 2 volume**. São Paulo: Livraria Martins/EDUSP, 1981 (1945a).

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. **Tiktok como novo suporte midiático para aprendizagem criativa**. Revista Latino Americana de Estudos Científicos. 2020.

MORAES, Bernardo. **A teia criativa: notas sobre influências, referências e originalidade**. In: BRASIL, Luiz Antonio de Assis. (coord.). DOVAL, Camila Canali; SILVA, Camila Gonzatto da; SILVA, Gabriela da. (orgs). **A escrita criativa: pensar e escrever literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. 236 p.

NASCIMENTO, Anamaria Barreto. NUNES, Martha Suzana Cabral. **Mediação de Leitura através de Instagrans literários**. Rev., Maceió, v. 8, n. 2, p. 121-134, maio/ago. 2021

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências**. Tese Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação. Área de Concentração: Linguagem e Educação - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orientação: Neide Luzia de Rezende. São Paulo: s.n., 2013. 377 p.

OSWALD, M. L.; ROCHA, S. L. A. da. **Sobre juventude e leitura na “idade mídia”: implicações para políticas e práticas curriculares**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 267-283, jan./mar. 2013. Editora UFPR.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2ª ed. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTO, Ana Paula Teixeira. **Redes sociais como instrumento para formação de leitores literários: uma possibilidade?** *Revista Língua & Literatura*, v. 18, n. 31, p. 51-71, ago. 2016

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**; tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RHUAS, Pedro. **Enquanto eu não te encontro**. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2021.

RIBEIRO, Bibi. **Era uma vez: A busca**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

ROCHA, Lavínia. **Um amor em Barcelona**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

_____. **De olhos fechados**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

_____. **Entre 3 Mundos**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2015.

_____. **Entre 3 Segredos**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

_____. **Entre 3 Razões**. 1ª reimp. Belo Horizonte. Editora Rodapé, 2018.

_____. **O mistério da sala secreta**. Ilustrações Rubem Filho. 1ª ed. Belo Horizonte: Yellowfante, 2021.

ROCHA, Lia. **Coisas incríveis acontecem**. São Paulo: Clube P.S., 2021.

RUSSEL, Rachel Renee. **Diário de uma Garota Nada Popular: Histórias de uma vida nem um pouco fabulosa**. Rio de Janeiro: Verus, 2015

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2015.

SILVA, Jocelma Boto. **O eu autobiográfico e suas funções: escrever a vida para que e para quem?** Orientadora: Márcia Helena de Melo Pereira. 2016. 143f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2016. DOI. Disponível em: <<https://doi.org/10.54221/rtdppglinuesb.2016.v4i1.80>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

SILVA, Roselani Sodré da. SILVA, Vini Rabassa da. **Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SOARES, Esdras. ROCHA, Lara. **A literatura, os jovens e a escola: caminhos para a leitura literária e a forma o de leitores**. Revista Na Ponta do Lápis – ano XVI – n - 35. p. 38 a 43.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**; tradu o Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletr nico**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

SITES CITADOS

Literafro, o portal da literatura afrobrasileira. Concei o Evaristo - Dados Biográficos.

Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 19 set. 2022.

Almanaque Literário. Espectros, de Cecília Meireles, 1919. <<https://mosqueteirasliterarias.comunidades.net/espectros-de-cecilia-meireles-1919>> Acesso em 15 set. 2022.

Cult. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro, 5 fev. 2018.
<<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em 9 set. 2021.

MUSGRAVE, Ruth A. **Por que razão as crianças devem começar agora a escrever um diário.** Disponível em:
<<https://www.natgeo.pt/familia/2020/05/por-que-razao-as-criancas-devem-comecar-agora-a-escrever-um-diario>>. Acesso em 3 mai. 2022.

SANTIAGO, Luiz. **Crítica: O País do Carnaval, de Jorge Amado.**
<<https://www.planocritico.com/critica-o-pais-do-carnaval-de-jorge-amado>>. Acesso em 10 set. 2022.

VÍDEOS CITADOS E ENTREVISTAS

Amanda pra você. **De olhos fechados - Resenha.** YouTube. 13 jan. 2022.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1gl6punlPOo>>. Acessado em 13 mar. 2022.

Amazon.com.br. **Papo Literário Book Friday - O amor nos tempos dos likes: literatura jovem para todas as gerações.** YouTube, 18 ago. 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=fhl7IBBYmz0&list=LL&index=36&t=3599s>>, Acessado em 18 ago. 2021.

ADICHIE, Chimamanda. **TED: O perigo de uma única história.** YouTube, 7 out. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em 15 ago. 2022.

FRANCISCO, Beatriz Masson. **O que Harry Potter ensina?** YouTube, 16 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=15xNpZjAypk>>. Acesso em 13 set. 2022.

MELO, Priscila. **Programa Literatura em Foco.** YouTube, 10 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eh4hZXeoTw8>>. Acesso em 30 out. 2021.

Jornal Minas. **Redes Sociais e a Literatura.** YouTube, 15 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U7tK0dngm4o>>. Acesso em 6 set. 2021.

PUC TV Minas. **Quarta Capa – Jovens Escritores.** YouTube, 2 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fp39G787oEw>>. Acesso em 12 nov. 2021.

PUC TV Minas. **Repórter PUC – Jovens Escritores.** YouTube, 6 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9vZ7xU1_pM>. Acesso em 9 nov. 2021.